

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***DAYSE DE MELLO AGRA***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Dayse de Mello Agra (DM)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 24/10/1997 a 18/12/1997

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 4h40min

Transcrição – Regina Vidal

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

AGRA, Dayse de Mello. *Dayse de Mello Agra. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1997. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 117 p.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

A composição familiar; a doença do pai; a mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro, durante a infância; a mudança para o estado de Minas Gerais, aos 12 anos. A trajetória marcada por problemas de saúde na família e a rejeição a qualquer profissão ligada à área de saúde e educação. O casamento; a boa convivência familiar, a despeito das diferenças pessoais com a irmã; o restrito convívio social da família; as atividades profissionais dos pais; a indefinição profissional e a formação escolar. A volta para o Rio de Janeiro, o abandono da escola e a opção pelo trabalho. As primeiras atividades como comerciária seguida pelo ingresso no serviço público. O ingresso do marido na polícia federal; o casamento no ano de 1955. O nascimento do primeiro filho; as dificuldades em conciliar o trabalho e as atividades domésticas, resultando no pedido de demissão do serviço público. A opção por mais de um filho devido à experiência do marido como filho único. O caráter autoritário e reservado do marido; a origem tradicional de sua família. Considerações sobre a oposição do pai ao seu casamento e as diferenças de valores entre as duas famílias. Os passeios em Paquetá. A transferência do marido para Paquetá e a mudança definitiva para lá com os filhos.

### Fita 1 – Lado B

Menciona as funções do marido na ilha, sua autoridade no local, ressaltando sua honestidade no trabalho. Comenta a crise política pela qual estava passando o Brasil, no início dos anos 1960 e a preocupação do marido com uma possível transferência para Brasília. A volta para o apartamento localizado no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Fala longamente sobre o marido; faz referência a seu comportamento, frisando a dificuldade em desobedecer às ordens do pai; sua tensão, diante da possibilidade de uma transferência do Rio de Janeiro; os primeiros sintomas do Mal de Parkinson; o início das dificuldades no trabalho, resultando na aposentadoria por invalidez. As dificuldades no relacionamento com a irmã. A morte da sogra e a mudança para o apartamento do sogro. Relembra as dificuldades em dar assistência à família e cuidar do sogro já idoso e da mãe, devido à negligência da irmã. Sua submissão ao marido, seu temperamento autoritário e as restrições impostas aos filhos. As diferenças de comportamento entre os irmãos: enquanto o mais velho obedecia, sem questionar, às ordens do pai e se dedicava aos estudos, o menor sempre encontrava uma forma de subverter restrições e não demonstrava nenhum interesse pela escola.

### Fita 2 – Lado A

O interesse em participar de um trabalho voluntário desenvolvido no posto de saúde do Catete, junto às outras mães do colégio de seus filhos. Volta a mencionar as diferenças de comportamento entre os irmãos. Fala longamente das características do filho mais novo, sua insistência em compará-lo com o irmão e suas iniciativas para estimular o gosto pelos estudos. A opção por trabalhar profissionalmente com barcos no Caribe e reflexão sobre sua postura diante do comportamento dos filhos e da inesperada morte do filho mais velho.

### Fita 3 – Lado A

Longas considerações sobre as diferenças de comportamento entre ela e a irmã; o esforço para obter uma condição de vida mais confortável e a disponibilidade em acompanhar os doentes da família, contrapondo-se ao comportamento omissivo e desinteressado da irmã e do cunhado. A mágoa diante do distanciamento da irmã, durante o período de adoecimento do filho. A doença e morte da mãe e sua decisão de não se envolver com os trâmites do enterro. Para explicar a tensão que seguiu o inventário da mãe, volta no tempo para lembrar um episódio, logo após a morte do pai, quando sua irmã se indignou com os termos do testamento deixado pelo pai.

#### Fita 3 – Lado B

Menciona a restrita composição familiar, ressaltando o comportamento distante da irmã. Longas considerações sobre as diferenças entre os dois filhos; lembranças de episódios da infância de ambos; o comportamento extrovertido e versátil de Anderson e o comportamento sério e estudioso de Jefferson. A trajetória de Jefferson e seu grande interesse por pescaria; o ingresso no curso de Geologia da UFRJ; a viagem a Paris; o desempenho universitário; o estágio na Petrobrás; a mudança para Bahia; a formatura; o ingresso definitivo nos quadros da Petrobrás.

#### Fita 4 - Lado A

A aprovação do filho para uma pós-graduação em Austin, no Texas, pela Petrobras; a volta para o Brasil depois de dois anos e a decisão de morar sozinho. Os primeiros sinais da doença e a tentativa de omiti-la da família; a negação da doença. A conversa com a médica e a descoberta do verdadeiro diagnóstico do filho; a sua reação e o temor diante da associação Aids homossexualidade.

#### Fita 5 – Lado A

Seu total desconhecimento sobre a doença e ressalta o despreparo médico em lidar com a Aids, durante o tratamento do filho. Longa descrição da fase posterior ao diagnóstico; o início do tratamento, o diálogo com o marido e, em seguida com o filho, sobre seu diagnóstico e a decisão de voltar para a casa dos pais. A maior atenção ao comportamento do filho, o receio de sua possível homossexualidade. A emoção do momento em que o filho voltou para a casa. Considerações sobre a associação Aids/culpa; a opção por não fazer perguntas sobre a forma do contágio. A aproximação entre os dois irmãos. O agravamento do quadro clínico e a internação. Já no hospital, a curiosidade das pessoas em torno do filho, um dos únicos pacientes de Aids; o preconceito dos profissionais do hospital, que decidiu transferi-lo para o isolamento. Referência a associação Aids/culpa, Aids/homossexualidade. Ressalta o exemplo de luta e resignação do filho diante do avanço da doença.

#### Fita 5 – Lado B

Longos comentários sobre o período da internação do filho na Beneficência Portuguesa e a solidariedade dos amigos da Petrobrás; o comportamento bem humorado; a ausência da tia; o gradativo agravamento de seu quadro clínico; o tratamento carinhoso e alegre de uma das auxiliares de enfermagem; a visita dos amigos de Paquetá; o sofrimento causado pelas fortes dores noturnas; a decisão de sedá-lo; a sua morte. Retoma o momento em que os amigos da Petrobrás, ao tomarem conhecimento da doença,

decidiram consultar uma especialista, da qual ela não recorda o nome; a recusa do filho ao tratamento proposto pela médica.

#### Fita 6 – Lado A

Retorna à fase que antecedeu a internação filho; o primeiro contado com a real gravidade da Aids. Relembra as últimas vontades do filho; a divisão, em vida, dos seus pertences entre os amigos. Algumas considerações sobre o comportamento firme de ambos diante da doença.

#### Fita 7 - Lado A

A dor pela morte do filho; as primeiras iniciativas para superar sua morte. O impacto do depoimento de Herbert Daniel num canal de televisão sobre as atividades do Grupo pela Vidda. Considerações sobre sua discriminação contra os homossexuais. A recepção no Grupo. Referência à origem do Grupo; seu processo de organização; sua relação com a ABIA. A gradativa integração no Grupo; o medo dos homossexuais; a organização do Grupo de Mulheres. Considerações sobre a Aids: a forte associação Aids/homossexualismo; o impacto do contato com mulheres infectadas pelo HIV sobre a sua percepção da Aids como doença de homossexuais; o equívoco do médico que afirmava que as mulheres não transmitiam o HIV; a ausência de informações consistentes sobre a doença e de medicamentos adequados; a busca por vacinas; o surgimento do AZT. A inauguração do Grupo; a influência do espírito de luta dos integrantes do Grupo. As especificidades do Grupo pela Vidda; sua autonomia em relação à ABIA. As consequências da insistência do médico Carlos Alberto Moraes e Sá em afirmar que as mulheres não transmitiam o HIV. Cita o caso de três mulheres que, orientando-se pelas afirmações do médico, além de comprometeram seriamente seu estado clínico ao engravidar, expuseram seus parceiros ao risco do contágio. A comercialização do AZT; as representações negativas sobre a droga; o medo dos seus efeitos colaterais; a experiência de Herbert Daniel com o medicamento.

#### Fita 7 – Lado B

A decisão de conceder entrevista para um programa televisivo; o apoio do filho mais novo, que lhe conta a discriminação sofrida após a morte do irmão. O crescente envolvimento com o Grupo; a coragem de falar publicamente sobre Aids; a importância do Grupo para os soropositivos. A dinâmica do Grupo de Mulheres; o efeito da troca de experiências. A visibilidade dos soropositivos; o impacto dos depoimentos dados por soropositivos no processo de transformação das representações sobre a Aids. Relembra a mobilização do Pela Vidda contra as primeiras campanhas de prevenção à Aids veiculadas pelo governo; a luta contra a associação Aids/morte e contra o preconceito. A primeira participação do Grupo nas campanhas oficiais de prevenção; a concessão de seu depoimento para uma dessas campanhas. A resistência das instituições escolares e das empresas em abrir espaço para as atividades de prevenção propostas pelo Grupo; seu trabalho de prevenção, chamado “sala de espera”, desenvolvido junto às pacientes do posto de saúde do Catete; suas estratégias de convencimento, os resultados.

#### Fita 8 – Lado A

As dificuldades para ampliar o trabalho de treinamento oferecido pelo Grupo aos voluntários, afim de adequá-los às linhas de atuação seguidas pela instituição. A proposta do Disque-Aids. A importância do Encontro de Pessoas Vivendo com Aids, organizado anualmente pelo Grupo. Relembra sua denúncia, durante um dos primeiros Encontros do grupo, da discriminação dos hotéis da zona sul contra as comitivas vindas de outros estados para o evento. O impacto da participação do cientista francês Luc Montagnier em um dos Encontros. Cita algumas das instituições financiadoras do Encontro. Considerações sobre a parceria entre o governo brasileiro e o Grupo; as mudanças na relação médico- paciente; as restrições impostas pela medicação; as disputas entre os laboratórios; as implicações éticas das pesquisas que utilizam cobaias humanas; os ótimos resultados nos tratamentos para as crianças; a prevenção à Aids vertical; as campanhas de prevenção; o efeito da parceria entre o governo e as Ongs na mudança no perfil das campanhas; as dificuldades relacionadas à mudança de comportamento e às discussões que envolvem sexualidade; a eficácia dos trabalhos comunitários na prevenção à doença; o vídeo de mulheres produzido pelo Grupo.

Data: 24/10/1997

### Fita 1 – Lado A\*

DN – Hoje são 24 de novembro de 1997, estamos no Rio de Janeiro, vamos iniciar a primeira etapa da entrevista com Dayse de Melo Agra, do Projeto “A fala dos comprometidos: ONGs e Aids no Brasil”. Os entrevistadores são: Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu. Dayse, eh, a gente gostaria que você, eh, começasse a contar pra gente da...em suma, onde você nasceu, quem foram seus pais, como é que foi a sua infância...

DM – Eu nasci em São Paulo, já tinha uma irmã mais velha, dois anos mais velha e agora, falando em saúde, pensando nisso, eu me lembrei que sempre a minha mãe contava que quando ela começou a passar mal da minha gravidez, que ela começava a vomitar, tinha uma, uma coisa diferente. Quando ela vomitava o meu pai já estava com problema de estômago, naquela época, estou com 65 anos. Então, naquela época um vomitava e outro vomitava também. Então, começou a lem... eu tô lembrando que eles falavam que os vizinhos diziam: “Mas por que que os dois vomitam?” E foi passando, foi passando, é que meu pai já estava com problemas de estômago. Então, minha irmã mais velha e eu fomos criar... nascemos em São Paulo. Quando eu tinha...

DN – Em que dia você nasceu Dayse?

DM – Eu nasci em 3 de setembro de 1932. Cinco anos depois, esses cinco anos meu pai já passava mal de estômago. Então, o médico achava lá em São Paulo que era por causa do clima e mandou que viesse pro Rio de Janeiro. Então, com 5 anos eu vim pro Rio de Janeiro, começamos a nossa vida aqui, eu, minha irmã, meu pai e minha mãe. Nessa época meu pai começou a ir ao Hospital. Ele ficou naquele São Francisco de Assis, não entrava criança, eu lembro tão bem, que nós duas ficávamos de fora brincando no jardim, ele aparecia na janela, a gente dava um adeusinho pra ele, e sempre criança, assim com 10, 12 e sempre ele doente, sempre doente. Minha mãe sempre trabalhando fora com aquele problema de deixar uma filha com um, outra filha com outro, se não ficaria pesado pras duas pessoas, né? Eu ficava com a minha tia e a minha irmã ficava com a, com a vizinha. Então, sempre foi assim.

DN – A tia morava perto também?

DM – Morava perto. Morava perto, mas a minha mãe como saía de longe, às vezes a minha tia: “Tá na hora, você vai andando por essa calçada pra encontrar com a, com a tua mãe, porque pra ela, ainda vai pra casa pra fazer janta, pra fazer almoço pro dia seguinte...” Então, sempre foi uma vida apertada.

AP – Você veio morar em que bairro aqui?

DM – Morava aqui no Flamengo mesmo, na rua do, na rua Santa Cristina e a minha tia morava na Bento Lisboa. Então ela me botava na calçada e eu ia andando pra encontrar com a minha mãe que vinha lá da cidade, minha mãe trabalhava numa perfumaria, fazia perfumes. Então, quando eu tinha assim uns 12 anos meu pai disse: “Vamos morar em

---

\* **LEGENDA:**

Palavra sublinhada: demonstra ênfase na fala.

Minas, que Minas é melhor...” que ele era de lá. Aí, conseguiu comprar uma casinha e nós fomos morar lá. Mas não deu certo, voltamos pro Rio.

DN – Nisso ele tinha melhorado, já não estava mais...

DM – Não, não, não, ele sempre teve problema de estômago. Então, quando nós voltamos, eu já tinha 13 anos, 14 e ele levava sempre a gente nas festas, ele tava sentado assim na festa, ele saía e a gente já sabia que ele ia pro banheiro vomitar. Não devia ser câncer, ele morreu de câncer no estômago, mas não é possível que um câncer durasse quase 30 anos, não sei, não é? Agora, eu quero dizer que quando eu chegava na idade de 12, 13 anos, a gente falava assim: “Eu quero ser isso, eu quero ser aquilo...” quando conversava, eu não falava o que eu queria ser, eu só falava o que eu não queria ser: era professora e enfermeira. Eu acho que eu já fugia da doença, não sei. Porque, porque que eu falava que não queria ser enfermeira “Eu não quero tratar de doente, eu não quero...” ou era medo, porque aquela doença sempre me acompanhou, só agora você falou que eu me toquei nisso, puxa, eu não comecei a acompanhar doença há pouco tempo, eu acompanhei doença desde que eu nasci, que eu ouvia falar, quando a minha mãe tava grávida já tinha problema de doença...

DN – E a enfermeira é muito o papel de cuidar do doente, não é?

DM – Eu acho que era isso que eu fugia.

DN – Porque, tratar o doente é mais o papel do médico, mesmo.

DM – É, era cuidar, entendeu? Então, em festas...mas como o meu pai também, talvez ele tenha passado uma coragem pra mim. Porque ele, ele saía, levava a gente a baile, nós éramos sócias do Flamengo, todos os bailes era ele que levava, e nós íamos, nós sabíamos que ele levantava da mesa pra ir vomitar, voltava e continuava ali. Quer dizer, sempre foi assim, a vida dele toda. Então, foi, eu comecei a namorar o meu marido com 15 anos, aí namorei 7 anos, e sempre aquela confusão: “Ele vai a praia, ele não serve para casar...” e, namora escondido, tudo. Meu pai dava bronca e tinha razão, né? Queria, era aquela época tinha que casar logo, era aquela coisa. Mas meu marido foi comprar um apartamento, nós esperamos 3 anos pra casar depois que ele comprou. Então, namoramos 7 anos. E aí, casamos mas, quando foi na hora de casar meu marido já viu que... meu, meu pai viu que meu marido tinha boa vontade, eles se gostavam, tanto que precisou crismar, meu pai foi escolhido para ser padrinho dele de crisma. Então, foi sempre uma família, sempre assim calma, nunca teve problemas de família nem nada, só existia essa doença do meu pai que foi a vida toda.

DN – A sua irmã, você e sua irmã eram companheiras?

DM – Mais ou menos. Engraçado. Depois com o tempo eu fui vendo que nós éramos completamente diferente, e sempre fomos juntas. Quando nós casamos, nós casamos até no mesmo ano, ela casou logo, ela namorou uns 6 meses e casou, ainda casou na minha frente. Eu ainda tava esperando apartamento, então, ainda demorei para casar, né? Agora, com... nós ficamos... meu marido sempre foi assim de, de... não queria muitos amigos, nós nunca fomos pessoas de terem muitos amigos. Então, o que que acontecia? Era só a família. Quando nós começamos, os filhos crescerem...



DN – Só um instantinho Dayse, e antes? Vocês tinham muitos amigos?

DM – Antes de casar?

DN – É, é a sua família de pai e mãe?

DM – Não. A minha família não.

DN – Também não era de muitos amigos.

DM – Também não era de muitos amigos, era só a família. Meu pai saía pra levar a gente para festa mas levava as minhas primas também, que ele só tinha uma prima mesmo que era prima verdadeira, mas ela tinha duas primas, então ela chamava a gente de prima também, então levava as 3 mas eu e minha irmã para tudo quanto era festa. Mas sempre foi assim muito fechado.

DN – E seu pai fazia o que?

DM – Meu pai trabalhava em fábrica de macarrão. Mas como ele não podia mais fazer certo esforço, quando minha mãe, que nós fomos para Minas, abriu uma perfumaria lá ele começou a trabalhar e... vocês nem conhecem, aqui na petróleo para barbeiro era uma coisa vermelha com óleo em cima e sacudia pra botar na cabeça das pessoas. Então, minha mãe começou fazer isso em Minas...

DN – Para que?

DM – Pra cabelo, pra pentear, entendeu? Pra pentear, penteava, cortava cabelo, como hoje a gente bota uma... era mais um perfume e óleo, porque tinha o óleo, um pouco de óleo. Então, a minha casa lá em Minas, todo mundo gostava da casa: “Ah, a tua casa é cheirosa...”

DN – Era perfumada.

DM – Era perfumada, acho que é por isso que até hoje eu não uso perfume, porque dormia e acordava com perfume dentro de casa, o perfume. Então, quando nós voltamos pra cá a minha mãe continuou fazendo perfumes e ele vendia. Ele ia pros salões de cabeleiros vender, entendeu? Fazia loções também, fazia perfumes, minha mãe comprava os vidros, comprava essência, essência francesa...

DN – Antes disso sua mãe não trabalhava.

DM – Não, minha mãe sempre trabalhou, desde solteira. Por isso ela trabalhava em perfumaria em São Paulo e aprendeu.

DN – Ah, tá!

DM – Mas depois de casada não. Ela só foi trabalhar depois que meu pai começou... que nós viemos para cá. Pro Rio.

DN – Depois de Minas...

DM – Que aí ele foi operado, aí ela tinha justamente esse emprego que ela tinha, que eu falei que ela ia me buscar, era em perfumaria, ela sempre trabalhou em perfumaria. E às vezes eu falava que eu queria ser química, que eu achava bonito aquilo de misturar vidro, eu, o álcool misturar água, até água, depois filtrar... eu achava bonito aquilo mas nunca pensei em fazer uma profissão, que eu tinha medo, é como eu falei, eu não sabia o que eu queria, eu sabia o que eu não queria, então, nessa parte de, de, de, de escolher profissão, aí, justamente eu tinha terminado o primário, aí eu fui para Minas e fui pra a escola comercial, né? Que se falava, era, era, era comércio que se falava. Era perito contadora...

DN – Igual a escola técnica.

DM – ...É, seria hoje escola técnica. Era pra sair perito contador. Aí, como nós ficamos lá dois anos, eu já tava no segundo ano, já ia pro terceiro, esperamos as provas, eu ia frequentar o terceiro ano, que era que o ginásio era 4 anos. Então, nós viemos pra cá. Quando chegou aqui, era aqui no Largo do Machado, o Amaro Cavalcanti que era a escola também do mesmo tipo. Quando eu cheguei lá pra matricular: “Ah, tem que ter os papéis.” Eu trouxe os papéis. “Essa escola não era registrada, você vai ter que voltar pro primeiro ano, começar tudo de novo”. Como eu tinha um busto enorme, eu digo: “Eu? Voltar pro primeiro ano? Com que cara?”...

DN – Com esse corpo todo!

DM –... “Eu quero ir pro terceiro!” A minha mãe... já não gostava muito de estudar, aí, minha mãe: “Não, não vai, não vai parar de estudar não. Se parar de estudar, vai trabalhar.” Eu digo: “Então, eu prefiro ir trabalhar.” E fui trabalhar. Trabalhei no comércio, na Boneca que era uma casa de roupa de crianças, uma casa bonita que tinha desfiles todo ano. Então aquilo me encantava. E o que me encantava também era eu lidar com o público, aí eu aprendi... eu adorava, aquelas meninas chegavam, botar uma roupa bonita naquela menina que ela ia dar uma audição, então tinha que ter uma roupa bonita. Eu achava formidável aquilo. Então, eu era feliz no que eu fazia, adorava. Trabalhei na Etam que também era uma casa estrangeira, trabalhei numa que fechou, trabalhei nuns 4 lugares. Aí, já namorava o meu marido e aí a mãe dele tinha uma amiga que trabalhava com o ministro. Disse: “Vou arranjar um emprego público para você, você quando casar já fica menos... o horário é melhor...”

DN – Que ministro? Qual ministro?

DM – Você sabe, foi na época que o, que o, que o saiu o Nereu Ramos e entrou o Juscelino. Era secretária do Ministro da, do, do Trabalho na época do Nereu Ramos, eu não lembro quem era. E Nereu Ramos, na hora de ir embora, como todo... sempre acontecia isso, ele deixava, botava uma porção de gente pra trabalhar, e ela como era secretária do ministro botou meu nome e aí eu deixei o comércio e fui trabalhar no Ministério do Trabalho. Gente, era horrível, primeiro que tinha que ser... era datilógrafa, eu aprendi pra não chegar e não dizer que eu não sabia nada.

DN – Era apadrinhada, só.

DM – Era, era uma vergonha. Mas é interessante. Quando eu cheguei eu procurava

trabalho, porque era horrível eu ficar sentada numa sala em frente uma mesa e não ter nada pra fazer. Aí, como eu queria mostrar serviço, eu estava acostumada, eu achava horrível, não tinha com quem conversar, não tinha nada, todo mundo trabalhando, trabalhando. Aí eu comecei a querer trabalhar, errava, jogava o papel fora, fazia de novo. Aquelas que sabiam datilografia não trabalhavam nada, depois que eu vi que...: “Ah a Dayse faz!” Porque eles escolhiam a que fazia, a que não fazia nem dava trabalho pras novas. E eu fui indo, fui indo, eu era, eu entrei como interina, tinha que fazer uma prova para ficar pra sempre no trabalho. Bom, aí eu casei... aliás eu casei antes de ir pra lá, eu casei ainda trabalhava na Boneca...

AP – Em que ano você casou?

DM – Ih, 42 anos atrás... 97...

AP – 45?

DM – 45.

DN – 45.

DM – Foi ano 45. Aliás, foi um ano em que morreu Getúlio, foi um ano, foi bem marcado, sabe? Aquele ano...

AP – Então foi 55. O ano que morreu o Getúlio?

DM – Foi.

AP – Então, foi em 55. A gente está em 97.

DN – É. 42 é 55. É isso mesmo.

DM – Eu lembro que foi aquele ano.

DN – Pelo menos história ela sabe, viu? (risos)

DM – Que bom!

DN – Olha, a prova... (risos)

DM – Ótimo, não pode errar. Entendeu? Quer dizer, ficou um ano muito marcado, né? O ano de 45 que foi a crise...

AP – 55.

DN – 55.

DM – Eu fiquei aqui a noite inteira ali, pra ver o, o corpo e não vi...

DN – É, e você morava aqui perto, né?

DM – Morava aqui perto, entendeu? Ele morava aqui, ele morreu em agosto e eu casei em novembro. Então, quer dizer, aí já es...aí ainda trabalhava na Boneca depois que eu fui ser funcionária pública, não gostei de ser funcionária pública e tinha que fazer prova. Ainda fiquei 3 anos trabalhando lá. 2 anos... é 3 anos, que aí eu fiquei grávida 2 anos depois. Como sempre a minha vida foi sempre procurando casa, eu acho que eu tenho complexo de casa, até no vídeo do, do, do, do Jefferson eu falo isso. Apertei ele pra comprar um apartamento. Então, que que eu fiz? Ficamos esperando 3 anos pra poder mudar de lugar, de uma casa maior pro apartamento que nós compramos... o que ele comprou era pequenininho, era um conjugado, aí passamos prum quarto e sala, quer dizer, esperamos por 3 anos pro filho nascer. Quando o filho nasceu, eu trabalhava, aí é que começou a parte pior da minha vida que eu sabia... eu não era boa dona de casa, que sempre eu trabalhei, né? Aí eu tinha que cuidar da casa, cuidar do filho, deixava com empregada, não dava certo, que eu morava perto do palácio do Catete, era ele, o garoto era muito quietinho, era o Jefferson, muito quietinho. A empregada deixava ele dormindo e ia assistir as festas lá no Palácio, que tinham soldados, era muito bonito...

DN – Deixava ele sozinho em casa...

DM – No quarto, é, a minha mãe chegava lá... minha mãe não queria tomar responsabilidade porque tinha a minha irmã, ela também tinha uma filha que era mais velha do que eu, do que o meu filho. Então, se ela ficasse pra um teria que ficar pra a outra, né? Então, ela não... se precisasse tudo bem, mas não tomar responsabilidade. Quase todo dia ela ia lá na minha casa, por isso que ela via que a empregada saía e deixava o menino. Outra coisa que nós notamos que a empregada, ou eu, vinha com a mamadeira o garoto berrava... vinha com, até Calcigenol que era branquinho, o garoto já berrava, mamadeira, ele olhava, é que elas davam quente. Então, eu tava vendo que não tava dando certo. Eu pedia licença, voltava a trabalhar, ficava uns dias com uma empregada não dava certo, eu voltava, aí eu sempre fui muito chorona, chegava lá: “Eu vou pedir demissão.” “Não, eu te dou mais um mês...” Eu continuava a trabalhar, continuava a trabalhar, voltava, ficava naquilo. Levei uns, um ano e pouco, aí começaram a falar que tinha que fazer prova. Mas nessa época já se falava que a capital ia mudar, que tinha que ir pra Brasília. Então eu digo: “Bom, ele já é funcionário federal, eu...”

DN – Ele trabalhava em que o seu marido?

DM – Ele trabalhava na polícia. Aliás...

DN – Polícia Federal?

DM – É. Eu pulei um pedaço, quando eu falava que ele ficava na praia, que ele trabalhava num cartório. E o meu pai não queria justamente o nosso namoro era porque ele trabalhava meio dia, mas ele sempre dizia que ele tava esperando ele entrar pra a polícia, que o pai era comissário de polícia. Então ele tava sempre esperando. Então, meu pai achava que ele ia ficar a vida inteira esperando. Tanto que nós só voltamos a namorar sério e ficamos noivo, foi quando ele arranhou um emprego na polícia. Então, nessa outra época que já tava se falando em Brasília, que os funcionários tinham que ir pra lá e já começava aquela história de, quem for mais novo é capaz de ir primeiro, eu digo: “Como que eu vou ser transferida pra Brasília e ele ficar aqui...” Ele, por sua vez, também tinha medo de ser transferido e aí começou a ficar com medo. Esse medo dele

foi que levou ele a ficar doente, depois eu vou falar. Então, nessa época que meu filho era pequeno, eu trabalhando como funcionária pública no Ministério do Trabalho, tive que começar a fazer um curso pra fazer prova, me inscrevi pra prova. A primeira prova, que eu era datilógrafa, né? Prova datilografia e eu me sentia mal porque eu tava já de barriga, todo mundo lá que eu chegava, todo mundo me dava lugar...

AP – Do segundo filho?

DM –... no elevador, na fila e eu ficava sem graça. Na hora de fazer a prova também era assim. Quando eu sentei, eram umas máquinas antigas, quando eu sentei lá que tocaram a campainha e pé, pé, pé, pé, eu fiquei tão atordoada que eu...

DN – Paralisou.

DM – Ficava paralisada, porque, eu era datilógrafa, mas eu tinha começado há pouco tempo. Eu tinha 3 anos de... mas não tinha treino nenhum. Tinha medo, um medo também de ser transferida. Resultado, não terminei nem as provas, fui na primeira, achei que, que eu não tinha feito nada e parei. E aí, quando o filho nasceu, comecei logo a pensar em desistir de trabalhar.

DN – Quer dizer, o filho nasceu, esse já seria o segundo filho, é isso?

DM – Não, o primeiro ainda, porque eu estava...

DN – Ah, essa prova foi antes do seu filho nascer...

DM – Essa prova foi antes...

AP – Ah!

DM – É. E quando eu estava já, entendeu? Já morava num apartamento de quarto e sala, aí eu comecei a... continuei a trabalhar grávida, e aí, quando o filho nasceu eu já estava com medo de deixar e quando ele tinha um ano e meio eu fui entrando de licença e saindo, entrando de licença e saindo. Até que um dia eu digo: “Olha, eu vou chegar aí, vou chorar e não adianta, vocês botam logo a minha carta para assinar de demissão...”

AP – Então, você passou no concurso, né?

DM – Não, não passei. Ainda pedi demissão ainda como estagiária... estagiária não, era...

DN – Interina, como você falou.

DM – Interina. Eu era interina, datilógrafa interina. Quer dizer o concurso... porque o concurso teve prova e eu não fiz e ainda demorava, aquela época demorava muito pra corrigir. Já se falava em Brasília, mas se falou em 45, o Getúlio foi na época que o Juscelino entrou... É foi mais ou menos isso, foi no fim de já parece do mandato dele, né? Que ele inaugurou Brasília, foi nesse período todo que se falava em Brasília...

DN – Brasília é de 62.

DM – 62? Bom, é porque demorou um pouco, é.

AP – Entre 60, 62, né?

DN – É.

DM – É, né?

AP – A inauguração certa, eu não sei. Foi 62.

DM – Acho que foi.

DN – Acho que foi 62.

DM – É. Então, foi nessa época, mas se falava, ainda não era época não, né? De, de mudar. Mas já se falava na mudança, começava a se falar na mudança. Aí, continuando, sem trabalhar fiquei em casa tomando conta de filho, aquilo tudo, queria outro filho pra não ter um filho único, a minha sogra sempre falava que... que ela tinha filho único, né? Mas ele era um filho de pessoa já de idade. Então era todo paparicado. Eu achava que ele era paparicado...

DN – Os pais do seu marido eram bem mais velhos.

DM – Bem mais velhos, quando ele nasceu eles já tinham idade. Então eu achava que era por isso, porque até... ele comia, quando era solteiro ele comia num prato, aí, vinha a salada trocava de prato, ninguém trocavam, mas ele trocava, entendeu? Ele sempre foi criado assim com muito, muito mimo, tanto que ele não ia a dentista, quando ele era pequeno a minha sogra mandava uma porção de brinquedos antes pro dentista: “Abre a boca eu te dou esse brinquedo.” E foi criado assim, dessa maneira. Então, eu via que ele era muito paparicado eu achava que eu tinha que ter outro, mas ele era já da polícia mas ganhava pouco, é que nós tínhamos aonde morar, né? Mas de qualquer maneira ganhava-se pouco. Então, só depois de 3 anos foi que eu tive o outro filho. Aí, já tinha uma diferença quase 4 anos, quando o outro nasceu já era quase 4 anos de diferença, então aí eram dois. Então, aí eu era aquela dona de casa que fazia de tudo, levava filho pra cá, filho pra lá, não fazia mais nada. Mas bem quadrada mesmo, aquela dona de casa que... também ele não deixava eu conversar nem com a vizinha, era aquele tipo de machão, entendeu? Quando ele...

DN – Era marido controlador.

DM – Controlador, controlador comigo e com os filhos. Os filhos nunca tinham o direito de levar ninguém lá pra casa. Nunca. E também não ia na casa dos outros. Morava em prédios, eu morava num edifício e os dois brincavam, os dois aceitavam. Porque tinha uma coisa de bom, assim como ele não deixava os filhos saírem, mas ele inventava coisa pra, pra nós quatro. Então, nós entramos de sócios de um Centro Excursionista Brasileiro. Então a gente botava a mochila aos domingos e subia, não a pedra da Gávea que era grande, né? Mas nós íamos ao Corcovado a pé, por esse Centro Excursionista, era um amigo dele que era guia. Também não tinha amigos, mas tinha esse amigo. Também ele não tinha amigos porque a minha sogra, meu so... o pai do meu

sogro foi uma pessoa muito importante da família Agra, a família Agra tem a Rua Agra atrás, Rua Dr. Agra atrás do Catumbi. Então ela, ela não era da família, porque quem era o marido. Mas ela achava que ela tinha que manter o nome da família, coisa que no fundo, no fundo, eu também hoje sinto que eu sou a última... porque eram todas mulheres parente do meu sogro, só quem ficou com o nome foi ele, de Agra e um irmão. Agora, pra ver como é que são as coisas, esses dois homens eram uma família que deu o terreno do cemitério do Catumbi pra fazer o cemitério, quer dizer, então ele tinha aquilo tudo lá, o Catumbi era todo dele. Quando ele morreu, esses dois filhos não ligaram pra nada. Então, como eles não ligavam pra nada, eles foram perdendo tudo que tinham, tudo. Meu sogro não herdou nada, nada, nada do pai, que tinha naquela época falava-se até dízimos que se pagava ao governo, não é hoje o nosso imposto predial, e pegava uma casa pra pagar tudo aquilo, pegava outra casa e assim eles foram perdendo tudo. Quer dizer, quem continuou com o nome de Agra...

DN – Quer dizer, era o pai do seu sogro e um tio do seu sogro.

DM – Não, o pai do meu sogro que era o tal comendador que deu o terreno. Tinha dois filhos homens...

DN – O seu sogro e um irmão.

DM – O meu sogro e um irmão, entendeu? Eram dois. Esse outro irmão não teve filhos e esse meu marido era que último Agra. Minha sogra tinha uma comenda, que depois eu vou mostrar pra vocês, que é a comenda da Rosa. Então, aquilo era muito importante, não era? A comenda da Rosa. Então, ela, um dia, nunca me esqueço que ela falou assim pros meus dois garotos, sendo que o mais novo sempre foi mais esperto que o outro. Esperto que eu digo, porque sempre o segundo filho é mais esperto porque quando ele era, o mais novo tinha um ano, tava no berço, o outro entrava no berço pulava pra dentro, pra fora, né? Então, o pequenininho já queria fazer. Então ele tinha sempre a esperteza do outro que tinha 4 anos atrás. Então, um dia a minha sogra pegou aquela comenda e disse: “Olha isso aqui é uma comenda que foi do bisavô de vocês. Agora, essa comenda eu vou passar pro Jefferson.” O mais novo devia ter uns oito, nove anos. Ele disse: “Por que pra ele?”

DN – O Jefferson...

AP – ...era o mais velho.

DM – Era o mais velho. “Por que pra ele?” “Porque ele é o mais velho”. “E por que ele tem que receber?” “Porque ele é o mais velho, sempre a gente passa pra o irmão mais velho. Depois é que fica pra você. Se ele não tiver filho homem aí, fica você o dono da comenda”. Ele disse: “Ah, por isso que antigamente, eu já ouvi na escola, os irmãos matavam o irmão pra poder pegar a riqueza do outro. Qualquer dia eu mato ele pra pegar essa, essa comenda”.

DN – Ele respondeu isso?

DM – Foi o outro que morreu primeiro, né? Mas a minha sogra... era o papel dela. Aí meu marido quando ouviu isso...

DN – Mas, Dayse deixa eu... me ocorreu aqui uma coisa. Eh, até anteriormente era mais comum até, que os pais, né? Quer dizer, se preocupassem com o nome de família a, a qual entregaria a sua filha, não é?

DM – É.

DN – Era o que se pensava, quer dizer, eh, um rapaz de uma família que tivesse um nome, eh, que tivesse alguma tradição mínima que fosse, em geral, era comum, ser da maior importância isso, né?

DM – É.

DN – Mas o que você tava falando pra gente é que seu pai estava preocupado é que...

DM – Meu sogro.

DN – Não, o seu pai estava preocupado é que seu, seu noivo, quer dizer, seu marido, não trabalhava...

DM – Era só isso.

DN – Trabalhava só meio expediente e gostava muito de ir pra praia. Esse lado dele ser da família Agra, por exemplo, não, não, não importou a seu pai?

DM – Não, ele até implicava.(risos) Ele até implicava porque ele achava... foi bom você falar nisso, que ele falava justamente isso: “Porque eles são, eles têm nome, eles são ricos...” Ricos que eu quero dizer, meu pai morava numa casa própria, minha sogra tinha 3 apartamentos, entendeu? Que era o que ela morava e mais dois. Então, e o meu sogro era comissário de polícia, então, pra nossa família era uma coisa importante, então que ele nunca ia... na cabeça do meu pai era assim: “Esse nunca vai se preocupar com nada, porque ele tem.”, entendeu?

DN – Já está acostumado a ter.

DM – Já está acostumado a ter, ele nunca vai lutar, ele vai trabalhar sempre meio dia. Pra que? Ele tem casa, ele tem tudo, ele andava muito bem vestido, então meu pai achava que ele nunca ia dar duro, que a cabeça do meu pai era aquele que sempre deu duro, né? Então ficou aquilo dele querer der, dar duro. Por que que eu te falei que ele teve até uma época, eu te falei que eu namorava e brigava, porque meu pai brigava, sabe porque que meu pai brigou? Porque no dia do meu aniversário ele me deu um anel que era uma água marinha deste tamanho, cheia de brilhantinhos em volta. Ele fez devolver o anel. “Isto, pra que? Se ele pode comprar um anel desse, ele pode casar”. Ele não queria que casasse, ele queria que ficasse noivo, ele queria uma responsabilidade...

DN – Ele queria um compromisso.

DM – Ele queria um compromisso e ele não tinha compromisso porque ele tava esperando, ele disse: “Só tomo compromisso quando eu puder. Eu só posso tomar um compromisso...” Porque ele trabalhava em cartório... existe dois tipos de cartório, desses que a gente vai reconhecer firma e existe o outro que é comercial, você tem uma



...loja, ou você tem um centro espírita, qualquer...como é que se diz? Sociedade...

DN – Cartório de registro.

DM – Registro de, de, de... o nosso é de imóveis, né? O outro é de, de, de firmas. Então, ele trabalhava em cartório, abria às onze horas. Então, ele só entrava no serviço às 11 horas, então, por isso é que meu pai achava que ia ser sempre assim. “Como é que ele deu um anel?” E eu falei: “Meu pai tá por conta porque você me deu o anel, mandou eu devolver o anel.” Ele disse: “Eu mandei, eu comprei o anel porque a minha mãe ganhou duas águas marinhas e fez um pra ela e eu peguei, achei que era bonito ela pegou e mandou fazer um pra você.” E meu pai me fez devolver o anel porque ele não queria isso. Ele queria um trabalhador, entendeu? É essa a diferença de família. Enquanto a minha sogra se preocupava com o nome da família, não é? Que achava... por isso que eu comecei... eu andei, depois voltei, que eu falei que o único amigo do meu marido era esse sapateiro que tinha uma loja de consertar sapato, então, tanto que no meu casamento ela não deixou o meu marido convidar o sapateiro, era o melhor amigo dele, ele não convidou. Eu sabia que era amigo mas não me liguei muito, depois de uns anos, que eu conheci as irmãs dessa pessoa, que eles me falaram: “Imagina, que a D. Amélia tinha uma pose que nem deixava, nem convidou a gente pro casamento do Jorge, e nós éramos os melhores amigos dele.” Eu digo: “É mesmo, ele sempre fala em vocês com carinho.” Então, quando nós casamos, nós íamos nesses lugares que ele proporcionava aos filhos, na cabeça dele, tudo melhor, entendeu? É criança, vamos pro, pro, pro Jardim Zoológico, era museu, levava até pra concertos, porque naquela época não tinha como hoje, teatro de criança, mas tudo que pudesse ser de bom ele fazia pros filhos e sempre acompanhando, não deixava os filhos à toa. Minha sogra, eu falei que ela tinha 3 apartamentos, né? Um era em Paquetá. Então, quando as crianças começaram a crescer, era alugado, a minha sogra pediu o apartamento pra gente poder passear lá com as crianças, porque lá é um paraíso, nesse vídeo eu falo isso, que é o paraíso das crianças. O meu filho, o mais novo tinha um ano o outro tinha 4 anos. Nós adoramos Paquetá, as crianças ficaram felizes, o apartamento era pequenininho mas nós íamos sempre pra lá, todo ano. Aí meu marido resolveu que nós íamos morar em Paquetá porque as crianças eram pequenas e existia essa história aqui também, rinha(?) de polícia, existiu um problema aqui de, que ele descobriu... não precisava falar isso mas eu vou falar para esclarecer que era assim. Ele, como ele tinha, o pai era comissário, quer dizer, já tinha, vamos dizer, quase um pistolão, porque pelo nome Agra, Jorge Agra, filho do comissário e tinha instrução, porque ele tinha feito até o científico, só não quis estudar pra ser advogado, porque para ser comissário de polícia tinha que ser advogado. Então, ele trabalhava sempre como? Como auxiliar de comissário. Então ele trabalhava, sim, subia os morros, tudo isso. Mas como ele tinha mais cultura do que os outros, naquela época era difícil a pessoa ter segundo grau. Vamos dizer quanto, há 40 e poucos anos atrás. Então, quem tinha segundo grau já tinha alguma coisa. Então, ele sempre era auxiliar de comissário, ele trabalhava na delegacia dentro de casa e uma das minhas primas, ela, o pai dela, era irmã da minha mãe, o marido era bicheiro, bicheiro que eu digo dono de ponto de bicho na cidade. Quando eu comecei namorar o Jorge que era polícia já olharam assim: “Hummm, polícia? Polícia não presta...” Já aquela época já existia isso, polícia não presta, quer dizer, bicheiro prestava, polícia é que não prestava. Um dia ela falou pra mim assim: “Puxa!” - eu já tava casada, já tinha os dois filhos - “Nunca pensei que o Jorge fosse fazer isso!” Eu digo: “O que?” “Ele tá na lista de pedir dinheiro pro Henrique.” Eu digo: “O que?” O Jorge nunca foi disso, que ele sempre foi muito honesto, eu sabia e eu acreditava. Eu digo: “Não é possível!” “É sim, ele está no

gibi”. Pra não falar que era lista falava gibi, usava-se muito isso, como agora pegou lista de pessoa que pega dinheiro. Aí eu cheguei em casa eu digo: “Escuta, você está pegando dinheiro do tio Henrique?” Ele disse: “O que? Eu não pego de ninguém, ia pegar do seu tio? Que idéia.” Eu disse: “Você está no gibi” Ele disse: “Eu já sei o que é. Todos que trabalham lá dentro, eles pegam, eles que vão buscar e dizem que é o pessoal que trabalha. Agora, eles sabem, que eu já falei, que o Henrique era tio da minha mulher, então eles não me dão o dinheiro, eles estão levando...”

### **Fita 1 – Lado B**

DN – O Jorge sabia, tava sabendo que...

DM – O Jorge soube que estava com o nome de pegar dinheiro da polícia. Isso pra ele foi um...

DN – Não, Do Bicho.

DM – Do Bicho é. A polícia pegando dinheiro do Bicho e o nome dele tava lá. Então, ele ficou muito aborrecido e não tinha meio de lutar contra isso. Ele só tinha um meio...

AP – Como é que era o nome do bicheiro?

DN– Henrique.

DM– Henrique.

AP – Só Henrique?

DM – Só Henrique. Henrique, Henrique Sanches. Acontece que então... o que que aconteceu? Ele não podia lutar contra isso e tinha que continuar ali. Nisso, a minha sogra já tinha arrumado o apartamento, ah, ah, oh, ah, o apartamento pra a gente ir pra Paquetá.

DN – Desalugado o apartamento.

DM – Desalugado. Nós começamos ir pra Paquetá. Ele disse... Paquetá...

DN – Vocês iam finais de semana pra passear.

DM – Finais de semana e nas férias.

DN – E nas férias.

DM – Quando chegava dezembro, quando chegava dezembro... por isso que eu tô até hoje no psicólogo por causa disso. Psiquiatra, já não é mais nem psicólogo.

DN – Por causa de Paquetá?(risos)

DM – É, por causa de Paquetá e por causa das, das... aquela que grita, como é? As cigarras. Pra você vê como são as coisas. Então, nessa época, quando nós começamos ir

pra Paquetá ele descobriu que em Paquetá tinha um comissariado. Que que era um comissariado? Lá era muito calmo, não tinha movimento não ficava comissário todos os dias como ficava aqui. Então, um comissário tomava conta de Paquetá, eles pegavam um detetive, que ele era detetive, então, pegava lá e ficava fazendo trabalho de comissário. Agora, ganhava como detetive, viu gente? Era um aperto nessa época que ele perdeu uma gratificação e tudo. Então, ele disse: “Sabe o que nós vamos fazer? Vamos alugar o nosso apartamento e vamos morar em Paquetá. Vamos morar em Paquetá, porque Paquetá eu trabalho lá, moro lá, tava tudo bem.” Nisso, minha mãe também se encantou por Paquetá, eu não podia morar naquele apartamento que era muito pequenininho, nós alugamos uma casa e a minha mãe também resolveu ir pra Paquetá. Resolveu morar em Paquetá também num apartamento que era da minha sogra.

DN – E sua irmã?

DM – Aqui no Rio, levando a vida dela. Essa época bem separado, bem separado...

DN – Aí não reclamou da sua mãe ficar perto de você.

DM – Sempre reclamou. Sempre reclamou porque achava... porque quando... antes de eu ir pra Paquetá, quando os filhos eram pequenos, que eles entravam de férias, que nunca entrava de janeiro a dezembro, entendeu? Então, tirava assim... quando eram pequenininhos a gente tirava assim no meio do ano e um... a gente deixava um filho com a mãe, com minha mãe, o mais novo e, geralmente, o mais velho com a minha sogra, que o mais velho sempre dava menos trabalho, por ser maior, então ficava com a minha sogra que já tinha mais idade. E sempre foi assim. Agora, a minha irmã nunca deixou com a minha mãe, nunca. Então, minha sobrinha sempre foi assim, afastada... não digo afastada, mas nunca foi assim como...

DN – Não convivia muito.

DM – ...convivia muito. Minha mãe, depois, até quando ficou viúva, ela saía pra passear, pra visitar os parentes em São Paulo e Paraná, os meus filhos que acompanhavam, minha sobrinha nunca acompanhou. Então, minha mãe foi morar em Paquetá, o filho ainda era pequeno, o mais novo tinha um ano, o outro tinha 4 anos, né? Já tinha 4 pra 5 anos, pra 5 anos, é pra botar bem aí a data. O que que aconteceu? Estávamos morando em Paquetá, sossegados, lá foi a maneira dele fugir porque Paquetá não tinha dinheiro, em Paquetá ele cantava de galo lá na delegacia, se alguém falasse alguma coisa... eu acho que isso influenciou...

DN – Ele tinha autoridade maior.

DM – Autoridade maior na ilha e os filhos, eu não sei, parece que criança não nota mas nota, que depois eu vou contar, quando eu contar a vida desse meu filho mais novo, que ele sempre fala nisso. Então, o pai tinha qualquer coisa em Paquetá, vamos dizer, aconteceu uma pessoa ir na delegacia, um casal de turista reclamar que o homem do restaurante, o homem do restaurante ele cobrou demais e não queria devolver o dinheiro. A pessoa foi na delegacia e o marido na mesma hora, pegava o telefone: “Seu fulano, o senhor vem aqui que tem duas pessoas... o senhor dá um pulo...” “Por que que eu vou aí?” “Porque tem aqui uma queixa do senhor, o senhor vem. Se o senhor não quiser vir eu mando o guarda lhe buscar”. Ele disse assim: “Tá, então eu vou...” Não,

ele falou assim: “Mas escuta, por que que eu vou aí? Você tem que resolver o meu caso”. Ele disse: “Como eu vou resolver o seu caso? O senhor não está aqui!” “Mas escuta, vocês vivem comendo no meu restaurante e não vão resolver o meu caso?” “O senhor sabe com quem o senhor está falando? Jorge Agra. Alguma vez o senhor me viu comendo no seu restaurante?” “Não, não, não sei que...” Porque ele já era conhecido como durão, é que o homem não sabia quem que estava naquele dia, porque ele trabalhava um dia e descansava dois, quando falou que era o Jorge Agra ele correu ir lá. Foi lá, resolveu direitinho, tirou o dinheiro do bolso que tinha cobrado a mais e devolveu. Aí ele disse assim: “Por que o senhor ah, ah, oh...Ele disse: “Ah, o senhor desculpe, o senhor nunca teve, mas o senhor sabe que seus colegas comem lá”. Ele disse: “Comem, porque o senhor oferece e eles acabam comendo lá. Porque eu, antes de eu morar aqui...” - essa época ele já morava - “...antes de morar aqui, eu trabalhava aqui, eu trazia a minha marmita e nunca fui comer no seu restaurante e em nenhum restaurante”. Ele disse: “Ah, está bem, desculpe.” E foi embora. O Iate Clube também fazia questão de convidá-lo para ir, tinha uma mesa... eu levava as crianças, porque ele nunca foi de festa, mas eu levava as crianças no, no baile infantil e tinha uma mesa lá escrito “AUTORIDADE”, tinha bebida, comida, tudo lá. Nunca ele foi. Eu digo: “Vamos lá. Vamos lá, entendeu? A gente não tem onde sentar, tem aquela mesa lá, sentada...” Ele disse: “Eu? Para depois me cobrarem? Eu não entro lá.” Nunca botou os pés. Agora, eu acho que os garotos sabiam disso, sempre foi assim, ouvindo isso. E fiquei... e eram todos... eu dizia... na época a gente não usava, mas não sei se antes ou naquela época, a gente falava que fulano é quadrado, ele era quadradinho, todo certinho. Muito bem, as crianças eram pequenas, nós morávamos lá, aí começou a revolução de querer... o Jânio Quadros renunciou. Foi quando o Jânio Quadros renunciou que tinha um golpe, não é isso?

AP – Uma tentativa.

DM – Uma tentativa de golpe, aí já se morava em Brasília, não é isso? A capital já era em Brasília.

DN – Já era em Brasília.

DM – Então, o meu marido nessa época já estava apavorado porque ele estava encostado, entendeu? Porque...não tava gente. Agora essa data aí...pera aí, quando teve o golpe já tinha sido em Brasília...

DN – O golpe foi 64.

AP – Tá falando a primeira tentativa, quando Jânio Quadros renuncia e não quiseram deixar o (?) (ruído) Jango assumir, não é isso? É dessa tentativa de golpe que você tá se referindo?

DM – É, dessa tentativa de golpe. Vamos voltar atrás numa coisa importante. Quando ele estava já morando em Paquetá e já tinha Brasília, começaram os boatos, dizerem que... quem era o governador era Lacerda. Então, o Lacerda o que que fazia? Quem o...porque a polícia era aqui, tudo era aqui. “Quem optar pelo serviço federal vai ser transferido pra Brasília ou pra as fronteiras.” - ninguém sabia aonde ia ficar - “Todo mundo vai ficar encostado.” Acho que eu tô confundindo as datas... bom, eu vou falar depois vocês vão quebrar a cabeça aí com as datas...

DN – Sim, mas isso aconteceu...

DM – Não, não foi essa época não. Esquece essa época de criança. Os filhos estudaram, realmente os filhos estudaram, agora que eu me organizei, estudaram, pela idade eu estou vendo. Então, eles eram pequenininhos...

DN – Vocês estavam em Paquetá.

DM – Estávamos morando em Paquetá...

DN – Os meninos tinham um ano...

DM – Um ano e o outro quatro anos... não, cinco pra seis.

DN – Cinco pra seis anos e o outro um ano.

DM – É, já ficamos lá um ano e meio morando lá. Então ele já tava...

DN – Ah, vocês ficaram um ano e meio morando lá.

DM – Um ano e meio. Ele já tava com 6 anos, o mais velho. Já tava na escola...

DN – E o pequeno dois.

DM – É, e o pequeno dois.

AP – O mais velho nasceu em que ano?

DM – Nasceu em sessenta e... 57? 40 anos ele ia fazer agora...

AP – Então ele nasceu em...

DM – 59...

DN – 57. Casamento em 55, dois anos depois, 57.

DM – Então já tava em 57.

DN – E o, e o menor?

DM – O mais novo tinha menos, três anos, quatro anos.

AP – 59. É 61.

DN – 60.

DM – 61 foi quando ele nasceu, gente.

AP – O mais velho, o mais novo.

DM – Então tinha ...62. Já estávamos em 1962, que ele tinha um ano e pouco, 63. Foi em 63 isso que eu tô falando agora.

AP – Ah, então você está falando do outro golpe, já.

DM – É.

AP – O Jânio já tinha renunciado.

DN – Não. 63...é...antes de Jango...

DM – Não, não, 63 foi antes.

AP – De Jango. O Jânio já tinha renunciado!

DN – Mas então, a entrada do Jango foi por causa da renúncia do Jânio.

AP – Sim, mas não é em 63, é antes.

DM – É, é porque teve duas, duas coisas.

AP – 61 que o Jango entra.

DM – 61 que o Jango entra...

AP – Que Brizola impede o golpe. Essa história é...

DM – Então foi o ano que meu filho nasceu. Bom, então passou isso, eu fui para lá, é justamente por isso que confunde. Bom, então, nós fomos morar, ficamos nessa época, entre essas duas revoluções nós ficamos... não, bem depois a outra... bom, nós estávamos morando lá, quando o garoto já tava com 6 anos foi para a escola. Quando ele tava na escola, nós resolvemos sair de Paquetá porque não tinha mais... lá não tinha ginásio, tudo isso, nós resolvemos vir pro Rio. Viemos pro Rio e começamos a morar no Rio, aí é que teve essa mudança que o, que o, que o Lacerda era governador...

DN – Pro Flamengo de novo?

DM – Pro Flamengo de novo. Aí, eu só podia voltar para o meu apartamento pequenininho que era quarto e sala, os garotos já estavam grandes, mas eu não podia voltar para o da minha sogra porque, ela já tava até morando em Copacabana, tava alugado mas não podia pedir, eu tinha que pedir para morar. Então, nós voltamos para o apartamento de quarto e sala. Então, voltamos pra cá e íamos continuando ir pra Paquetá... minha mãe também veio embora. Continuamos indo a Paquetá todo fim de ano, isso quando, fala que Lacerda diz: “Quem quiser ficar pra morar no Rio vai ficar funcionário estadual e quem quiser ficar funcionário federal vai ficar em Brasília.” Como existia essa política, meu marido disse: “Eu vou ficar federal” e assinou federal. Assinou federal e aí o que que fizeram? Encostaram todos no Palácio do Catete, ficaram todos no Palácio do Catete e quando precisavam chamavam. Então, eles trabalhavam ora, em tudo que é repartição pública, Ministério da Fazenda, Caixa Econômica ele

trabalhou muito tempo, trabalhou no Itamaraty, em vários lugares, acontece...

DN – Mas aí ele trabalhava dando plantão como policial?

DM – Como segurança, nessa época... até vou fazer um parêntese aí, que era nessa época que Hebert Daniel começou a raptar, Herbert Daniel que fundou o “Pela Vidda”, começava, ajudava a raptar os diplomatas e era assim...No Palácio do Catete...

DN – A sequestrar.(risos)

DM – A sequestrar. É sequestro, é diferente. Eles, a polícia tava toda sentada ali esperando o que fazer, aí chegou o chefe e disse assim: “Você vai tomar conta...” - prum colega dele, ele tava do lado - “Você vai tomar conta daquele embaixador da...” que era aqui na Cândido Mendes, da Suíça, ele tava... era da Suíça, era de vários, um deles. Agora, só que eles iam tomar conta mas ele não tinha uma arma que a polícia federal aqui não tinha arma, não tinha nada. Ia fazer o que? Acho que eles não acreditavam no sequestro, só que os sequestros eram bem organizados que eram pessoas inteligentes que faziam aquilo, principalmente o Herbert Daniel, e Betinho e várias pessoas, eles que faziam esses sequestros todos e raptavam. E o coitado que não tinha arma ele não podia fazer nada, ele deixava levar. O que que ele aí fazer? Eles chegavam a avançar mas eles também botavam arma na cabeça do policial e levava.

AP – O seu marido tava na segurança...

DM – Não, não estava foi o outro colega dele que foi, senão teria sido ele. Tanto que quando eu fui trabalhar no “Pela Vidda” que falavam no Herbert Daniel, ele falava, ele era anarquista, ele usava esse termo de anarquista mas nunca... mas ele sempre teve assim um pé atrás... mas no fundo, no fundo, o meu marido também, quando era garoto, ele usava um lenço vermelho antes do Getúlio e ele também gostaria de estudante, ele também ia pra a rua gritar, ele era do tempo de estudante gritar, levar borrachada nas costas, ele, eu acho que ele era uma pessoa dividida pelo pai que era polícia e que ele era também, tinha uma vontade de pensar diferente mas nunca teve coragem de se levantar contra o pai, contra tudo, ele sempre foi aquele que obedeceu, tanto que os filhos, também ele achava que os filhos iam obedecer. Realmente, o mais velho sempre obedeceu, o mais novo já não obedecia né? Mas, o mais novo sempre foi mais rebelde, então, sempre foi isso. Nós viemos para cá. Nisso, meu marido, cada repartição, quando ele chegava lá tinha uma lista, 50 vão pra aquela fronteira, 50 vão pra outra, mas sempre assim um fim de mundo no Brasil e ele, como carioca, achava que Rio de Janeiro é que era bom, todo mundo vem pra cá e ele tinha a preocupação dos pais que já tinham idade. Então, ele tinha muito medo de ser transferido. Esse medo gente, os médicos dizem que não, mas foi aí que ele começou a tremer, entendeu? Começou já a ficar tremendo...

DN – Ele estava com que idade nessa época?

DM – Não sei, porque, ele começou a ficar doente, há 23 anos, foi a cinquenta anos atrás... há 23 anos atrás.

AP – 74.

DM – 74. Mas aí ele já começou a ter os sintomas, mas nessa época ele ainda tinha esse

problema de ser transferido mas aí ele já estava mais sossegado porque ele trabalhava na polícia marítima e a polícia marítima aqui precisava de gente como precisa até hoje. Então, ele tava um pouco mais sossegado achando que não ia ser transferido mas assim mesmo podia ser transferido, porque a polícia marítima tem em Santos, tem em todos os portos, né? E ele olhava e as pessoas, os colegas dele diziam assim: “Eu queria ter a tua calma, Agra, de olhar isso aí e tá, não tá preocupado.” Que não estar preocupado! O que tenho eu de botar pra fora tinha ele de ficar quieto. Eu acho que foi isso, esse nervoso de ser transferido e eu falava: “Ah, que bom!” Eu por mim eu já tinha ido morar em Minas, já tinha vindo de São Paulo, pra mim eu podia ir morar em outro lugar. Mas ele, como carioca, sair daqui e deixar os pais, como? Então, eu acredito que ele tenha ficado doente por causa disso, entendeu? Do medo, tanto que ele trabalhava na polícia marítima e só foi ao médico porque não tava conseguindo escrever. A polícia marítima, ela não trata de contrabando não. Quem trata, tanto também no aeroporto, ele trabalhava no aeroporto. Quem trata de contrabando é o Ministério da Fazenda. Quando você viaja, você já viajou? Quando você vai que você mostra o teu passaporte, o passaporte, naquela época... eu vou contar porque ele falava que era assim, deve ser ainda, você mostra o teu passaporte, se você for, se ele achar que você é parecida com uma mulher que fez qualquer coisa errada, ele conversa: “Ah, a senhora vai viajar...” e pega o teu passaporte bota assim de cabeça pra baixo, não sei que, não sei que, e te devolve o passaporte. Não se incomode que ele apertou um botão e tirou a fotografia do teu passaporte. Você entra ali que tem polícia federal, até você entrar no avião eles já foram ver se você é aquela pessoa que ele está pensando ou não. Então, é só documento. Então, sempre é documento que a polícia federal faz. Então, ele trabalhava no aeroporto e trabalhava... porque a polícia federal de fronteiras aéreas e tem de mar também. Só que a polícia federal não tinha barco para ir fiscalizar os navios tinha que pedir emprestado para os outros. E até hoje parece que só tem um barquinho.

DN – Então só fiscalizava mesmo o aeroporto.

DM – O mais era a fiscalização do aeroporto. Então, ele tinha que ir no navio, ele ia de um barco e subir, porque era pra tratar de papéis. Então o navio ficava lá fora, não encostava e ele tinha que subir numa escada de corda, ele já não tinha mais como segurar, então ele passou...

DN – Já não tinha mais firmeza.

DM – Não tinha firmeza pra segurar porque lá dentro é que ia ver. Se os papéis tivessem direito, não tivesse ninguém que pudesse ter, ser preso aqui aí liberava e o navio entrava. Então, eles iam lá fora da Barra, não era aqui não, ia lá fora. Então, ele começou ver que não podia fazer isso e começou então ver que também... aí começou a trabalhar lá dentro onde tira passaporte, mas ruim, ruim, aí foi ficando ruim... aliás eu vou contar uma coisa... não tem problema de eu me demorar, né?

DN – Não, pela gente não.

DM – Ah! Então, ele trabalhava e como eu falei era muito certinho e tinha os presos políticos como tem até hoje lá dentro. Numa época de Natal ele vinha, trabalhava 24 horas, então ele vinha, no Ano Novo ele veio em casa, ou trabalhava no Natal ou no Ano Novo, sempre trocava, então ele trabalhava num fim de ano e falaram assim: “Hoje vai ter festa aqui, porque o...” Ai, meu Deus! Um dentista que era bandido, era um,



um... Osmani Ramos. “Osmani Ramos tá preso aí, ele era um ricoço...”

DN – Era médico.

DM – Médico. “O Osmani Ramos tá preso aí e ele mandou vir uma ceia maravilhosa para todo mundo”. Ele disse: “Eu? Vou comer peru de preso? Eu de jeito nenhum, eu vou pra casa...” e como sempre ele fazia, ele levava a marmitinha dele, então, eu botei bolinho de bacalhau, botei tudo que tinha em casa, entendeu? Sempre foi assim, quadradinho. Então, ele nunca viu o Osmani pessoalmente porque ele trabalhava bem na entrada, na portaria da polícia federal, ali quando a gente entra pra tirar passaporte, era naquela portaria, trabalhava 24 horas. E aí ele foi trabalhando. Já mal escrevia ali, porque ali não precisava escrever, foi pegando o serviço que era melhor pra ele e notava que o braço tava repuxado. Resultado, um dia ele sai do serviço... ele saía às 8 da manhã, entrava às 8 e saía às 8. Ele sai do serviço. Quando ele sai do serviço entra outro. Nesse outro que entrou, o Osmani Ramos passou assim pela polícia e foi embora, fugiu. Quer dizer, se passasse por ele, ele também ia deixar passar. Primeiro que é cheio de gente...

DN – Não conheceu.

DM – ... e ele não ia reconhecer. Quando aconteceu isso, os outros vendo que ele tava nessa situação “O risco que você correu, você...”- que ele podia se aposentar por essa doença - “...se você se aposentar por essa doença...” - porque ele já tinha, ele podia se aposentar com 30, ele já tinha 33 anos - “...se você não se aposentar pela doença você vai ser uma pessoa comum, se você...” - aliás, eu é que soube disso e comecei a botar na cabeça dele - “...você não vai pagar imposto de renda” - porque quem se aposenta por doença crônica não paga imposto de renda - “...e outra coisa, já pensou, acontecer isso no teu dia, que você por pouco você não pegou isso, você ia ter um processo no final da tua vida, você ia ter um processo, no final da carreira!”

DN – Por ter deixado escapar.

DM – Porque todo mundo entrou naquilo, levou dinheiro, porque o Osmani tinha dinheiro.

DN – Por isso que ele saiu.

DM – Por isso que ele saiu. Agora, não foi a turma. Quem sabe até sabia que o quadrado tava lá na porta aquele dia, porque ele era conhecido como o chato mesmo, entendeu? O quadrado... guarda bem essa palavra que depois eu vou falar do meu filho sobre isso. Então, acontece isso, ele resolveu então pedir. Aí, ele já sabia que tava com Mal de Parkinson, pediu a aposentadoria, ficou dois anos ainda pra ver se melhorava, existe aquele processo todo de ficar, ir a médico, aquilo tudo e depois ele se aposentou por doença, não foi pelos 33 anos, aí já tinha até 34 eu acho. Ele se aposentou por aí... agora eu me perdi.

DN – Ele hoje tem que idade Dayse?

DM – 73. Isso foi há 50 anos... ele começou com 50 anos, há 23 anos que ele é aposentado, por causa dessa doença que ele se aposentou, né?

DN – Quer dizer, ele se aposentou, então, logo que ficou doente.

DM – Logo que ficou doente.

AP – Dayse, você falou pouco das mulheres da sua vida, você falou que era diferente da sua irmã mas não disse em que, por que e da sua mãe você também falou pouco.

DM – Bom, justamente a diferença que eu acho minha e da minha irmã é porque meu pai faleceu e a minha mãe ficou sozinha, vamos dizer. Agora, tudo na vida tem uma coisa ruim e uma coisa boa, a minha mãe morava num apartamento de dois quartos, ela ficava sozinha. Aí ela começou a ter problema de pressão alta. A pensão que meu pai recebia era pequenininha, aliás, ele trabalhava sozinho mas conseguiu ser registrado por uma pessoa conhecida como empregado de lá e ele conseguiu se aposentar com 2 salários e depois, eu não sei porque, mandaram aumentar, não foi pedido nem nada, passou para 5 salários e a minha mãe vivia bem mas tinha que pagar condomínio, tinha obras, o prédio era antigo, começou a ficar apertada, o que que a minha mãe fez? Minha mãe alugou um quarto pra duas moças. Essas duas moças iam embora, voltavam outra, mas sempre ela teve sorte com essas moças. Já no fim da vida dela... Bom, 10 anos, duas moças moravam com ela.

DN – Durante 10 anos seguidos.

DM – 10 anos seguidos. Então, a minha mãe... elas iam a festa traziam um doce para a minha mãe, em compensação a minha mãe ia comprar pão, traziam o pão para elas também. Ah, compra uma fruta para mim e sempre assim, dando certo. Então, essas moças ficaram quase que como filhas, e o que que acontecia, minha mãe de pressão alta tinha o meu telefone e o da minha irmã, minha mãe morava nessa rua aqui, 2 de Dezembro, lá em cima, minha irmã morava em Copacabana. Então, sempre era eu que era chamada, né? Porque era mais perto.

DN – Porque tava mais perto.

DM – Eu tinha nessa época um marido doente, dois filhos...Então, isso sempre...minha, minha sogra morreu, meu sogro veio morar comigo, também essa é uma parte que eu esqueci de falar, que a minha sogra morreu, engraçado, ela pedia sempre a Deus pra ela ir antes. “Eu quero que meu Agra...” “Mas por que? Onde já se viu a senhora pedir pra morrer?” Eu não entendia o por que. Ela disse: “Porque ele se dá bem com todo mundo, eu não ia dar certo ou com você, eu ia atrapalhar, mulher é complicado, o homem é melhor.” E realmente, ela morreu e meu sogro veio morar comigo. Então, ele morou 6 anos comigo e eu tratando dele. Tratando dele maneira de se dizer, porque ele só tinha pressão alta, ele não tinha... mas era mais uma pessoa para eu tomar conta.

AP – Seu marido já tava doente?

DM – Não. Começou a ficar doente nessa época. Então, ele morava comigo e sabe como é... eram dois quartos, aí já era o apartamento da minha sogra que eu morava. A casa era do meu sogro, né? Porque, né? Era dele. Ele passou tudo pro nome do meu marido mas a casa era dele. Botei ele num quarto, nós no outro e os garotos na sala. Meu sogro levantava de madrugada: “Jefferson acorda, tá na hora de ir pra escola.”

Aquela... “Não tá na hora vovô!” Então foi sempre assim. Coitado, ele não era ruim, mas tinha essas coisinhas. Eu não... aí ele começou até a botar empregada, porque não... até essa época não tinha empregada. Eu lá na cozinha, cozinhando vinha ele: “Amarra o meu pijama!” Eu abafada, porque ainda tinha que levar criança na escola, aquilo tudo. Aí eu ia, lavava a mão, quando eu acabava ele olhava pra mim: “Muito obrigado, sim.” Eu ficava assim, meu Deus, eu aqui já com, atrapalhada...eu tenho que ter paciência com ele. Porque ele era tão bom, ele não atrapalhava em nada, ele só queria ajudar, tanto que ele vinha...

DN – Mas ele só tinha pressão alta.

DM – É, é, mas pouca coisa...

DN – Era idoso...

DM – É, idoso...que já tinha 80, né?

DN – Com bastante limitações.

DM – Com limitações, aquilo tudo...

DN – Tinha 80 anos.

DM – E ele fazia tudo pra minha sogra. Ele era o tipo da mulher levantar: “Quero...tava com uma vontade de comer morango hoje”. Ele saía - eles moravam em Copacabana - procurava tudo até achar morango pra trazer pra ela. E ela falava pra mim, quando eu me casei ela falou: “Olha, sirva de lição pra você que vai casar, viu?” Acontece que ela falava: “O que a mulher no princípio deixar o homem tomar conta, ele vai tomar conta. Você trabalha fora...” - que eu trabalhava na Boneca, né? - “...você não precisa falar pra marido quanto ganha. Um dia você quer comprar um presentinho pra sua sobrinha, você vai ter que falar pra ele. Seja independente. Você é uma mulher que trabalha.” Mas eu vinha de uma, um tipo diferente, que a minha mãe só fazia o que o meu pai queria. E às vezes, quando eu queria botar a manguinha de fora, falar que eu queria fazer alguma coisa, meu marido falava: “Tá querendo bancar a Amélia, é? Que manda no marido? Nada disso!” Então, ele sempre me segurou...

DN – Amélia era a mãe dele.

DM – A mãe dele. Ela sabia que existia isso, eu nunca falei... só fazia o que o meu marido queria, só. Também, nós tínhamos comprado outro apartamento, então, tinha que juntar os ordenados. Então, aquilo tudo foi fazendo que eu nunca fui ninguém. Nunca fui ninguém. Pra comprar uma coisa pra dentro de casa, era ele que comprava. Ele me dava o dinheirinho da semana pra mim, pra comida. Lá em Paquetá que não tinha nada pra comprar, eu aprendi um bocado de macetes... fazer empada, era de cenoura porque camarão não tinha, né? Eu aprendi... Então eu sempre pegava um dinheiro justamente pra comprar um presente pra minha sobrinha, pra fazer isso... Então eu tinha sempre aquilo de, de tá sempre apertada. Sempre apertada. Os filhos sempre foram vendo isso. Sempre, sempre, sempre que ele que mandava. Em Paquetá, nunca podia chamar ninguém pra ir lá. Quando o mais velho fez 15 anos, nós estávamos aqui, o apartamento tava vazio, né? Ele disse: “Mãe, vamos fazer um almoço pro pessoal lá

do Pedro II. Pra gente ir a Paquetá que sempre falo em Paquetá e eles querem ir, e não posso convidar nas férias que papai não deixa.” Eu digo: “Vam’ bora!” Aí a mãe de um dos rapazes levou um pouco de comida, eu levei o outro, fiz empada, tudo isso, levamos as coisas, eh, tudo que podia levar e fizemos o aniversário dele que foi uma alegria pra ele levar aquilo. Porque ele nunca chamava ninguém, ele nunca podia chamar ninguém. Lá em Paquetá, tô falando nele com 15 anos o outro tinha 11, né? Meu marido: “Dez horas em casa”. Isso, a casa... em Paquetá não era casa, era um apartamento. Então, tinham 20 apartamentos. As meninas tavam sentadas lá e elas falavam assim... 10 horas o mais velho entrava bonitinho: “Mamãezinha tá tomando conta, são 10 horas. Olha a hora, são 10 horas. Tem que tomar conta. 10 horas”. Ele passava duro, não falava com ninguém no prédio. Elas chateavam ele. Quantas vezes ele deitava, depois dele tá deitado vinha alguém, batia na porta, ele já sabia que era ele, ia lá: “Não, não é que eu tô com um pouco de dor de cabeça. Não me aborreci não. Não, não, não. Amanhã eu falo contigo...” Quer dizer, ele tinha vergonha de dizer que ele tinha que tá às 10 horas em casa, porque Paquetá todo mundo andava a noite. Tinha o negócio de pescar siri de noite, aquilo tudo e o pai nunca deixou. Ora, o mais novo, com 11 anos... porque Paquetá, no Iate Clube tinha bailes e com 11 anos ele já ia ao baile, 12 ele já ia ao baile de noite. “Eu vou o baile. Porque consegui...” - porque tinha que ser sócio, nós não éramos sócios - “...olha aqui, arranjei um convite...” Ele sempre dava um jeito, sempre tinha um jeitinho dele ir pro baile do Iate, quer dizer, voltava de manhã. A gente arrumava que o apartamento era pequenininho, eu botava o colchão dele lá na porta, porque ele entrava já deitava lá. Quando nós levantávamos botava ele pra dormir lá na cama: “Levanta, vai pra lá...” E o outro, coitado, que obedecia tudo nunca fez nada, porque o outro não gostava de baile, então, sempre o outro obedeceu. Esse nunca obedeceu, sempre foi assim. Agora, o mais, o mais novo...

DN – E nessa...quer dizer, nessa época que o mais novo ficou maior...

DM – É.

DN – ... e cresceu, você também tomava algumas atitudes de desobediência.

DM – Ah! Mas eu tinha sempre uma desculpa, eles queriam...

DN – Pra se aliar ao teu filho.

DM – Sabe como? Por exemplo, televisão. Até hoje, por isso que eu falo lá no grupo: “Não telefona depois de nove e meia porque eu vou dormir, né?” Realmente, até agora é assim. Mas eu agora faço isso porque eu tô fazendo uma ginástica e eu levanto às seis e meia. Arranjei a ginástica porque ele acorda de manhã e me acorda. Então, o que que adianta eu ficar seis e meia, sete horas aqui acordada? Então, eu consegui... sempre conciliando com o que ele quer, entendeu? Então, concilio sempre com o que ele quer. Resultado, quando o mais novo... você fez uma pergunta... ah, que que eu fazia. Eles queriam ver um programa mais tarde de televisão e eu caindo de sono, que já tava acostumada a dormir cedo, eu falei: “Poxa! Também quero ver.” Os garotos reclamavam e eu botava, então era 3 contra 1. “Então vai deitar e nós vamos ver”. Eu não queria ver não, mas ficava lá, entendeu? Caindo de sono pra eles poderem. Porque se eu fosse dormir ele mandava desligar. Então, nessa época eu já ficava dividida entre um e outro, só que o mais novo, com 14... e o outro ainda sempre obedecendo, sempre obedecendo. O outro com 18 foi pra faculdade, né? O outro com 14, 15 já me dava

trabalho no colégio, que tirava notas baixas... eu também vou falar uma coisa porque aquilo também me ensinou muito, foi uma lição. Eu sempre tive a mania, porque o mais velho entrou pro Pedro II. Naquela época, gente, entrar pro Pedro II era a coisa mais difícil do mundo. Então fazia prova aqui, prova ali, pra ir pro ginásio e ele entrava. Aquele bando de mãe na porta esperando e eu nunca me esqueço que no colégio de Copacabana, ih, todo mundo: “Aquele pergunta foi difícil, o que você botou? O que você botou?” Era a história, de Português, era a história do menino dos olhos azuis, do menino do olho azul, o menino... é uma coisa assim, uma história muito conhecida. Todo mundo botou dum jeito e o Jefferson botou de outro. Eu digo: “Dessa vez você errou, né?” Ele disse: “É.” Deixou por isso mesmo. Quando nós fomos apanhar o resultado foi o único que tirou cem. Foi o único que acertou. Então ele sempre... Agora, como ele fez no Pedro II também, e todo mundo: “Como é que foi a prova?” Ele falava: “Ah, eu fiz a prova, sei lá, era muita coisa. Mas sabe que lá não tem escada, lá é rampa?” Então ele ligava, passou 3 coisas, ele num tava, ele nunca foi aquele aluno de ficar estudando em casa não. Ele não era... agora, ele na aula ele prestava uma atenção danada. Então, eu tinha um que era um super gênio e o outro que só passava se arrastando.

AP – Como é que é o nome dele? Um é Jefferson e o outro?

DM – Anderson. O Anderson só se arrastando, só se arrastando, eu sabia... todo mundo me falava, não fala não...

DN – Mas ele foi pro Pedro II também.

DM – Só o mais velho. Que o mais novo foi nada, foi mais nada, de jeito nenhum. Agora, nesses quatro anos já existia uma diferença, que do Es...todo mundo queria Aplicação, Pedro II, Colégio Militar e a Marinha. Então, o Estadual já tava com mais facilidade, quem tivesse notas boas já era mais fácil de passar e a prova era muito parecida com o que eles tavam aprendendo. Então, ele acabou indo pro Pedro Álvares Cabral em Copacabana. Mas deixa estar que ele chegava: “Puxa, porque na feira de ciência, porque isso...Mamãe, fizeram...” Nessa época eu já frequentava... eu tenho que explicar isso porque desde pequeno que eu vim de Paquetá, eu ficava na porta da escola que eu ia levar e as outras mães me convidaram pra fazer parte no posto de saúde pra fazer trabalhos manuais. Ele ficou uma fera que era toda quarta-feira, ele ficou uma fera. Eu morava do lado do posto, foi justamente quando eu vim de Paquetá. Quando ele trabalhava um dia, outro não, era sempre assim, né? Quando acontecia de quarta-feira tá em casa elas gritavam lá de baixo: “Vem”. Eu morava lá no quinto andar, eu fazia assim elas já sabiam que eu não ia porque ele tava lá. “Tá vendo? Ficam te chamando, porque você vive lá!” E nesse posto de saúde...

## **Fita 2 – Lado A**

DN – Dayse, só, só pra entender melhor. Você disse que seu filho foi pro colégio estadual em Copacabana.

DM – É.

DN – E, aí as, as outras mães na porta da escola...

DM – Não.

DN – ...te chamaram, foi assim que eu entendi, não foi isso? Te chamaram pra trabalhar ...

DM – Foi. Justamente. Vamos fazer o contrário. Quando eu tinha os filhos... pra ficar bem esclarecido. Quando eu tinha os filhos pequenos, um com, com 6 anos, que tava no, no, no pré-primário e o mais velho que já estava no, no segundo ano, porque eu vim de Paquetá com ele lá e já indo pro segundo ano. Já quando foi pra escola, o Jefferson, eu botei ele, ele já sabia ler. Minha mãe botava as letras pra ele, o mais velho já foi pra escola, já sabendo ler e escrever, assim ler mal mas já sabia, já conhecia as letras. Então, o que que aconteceu? Quando ele foi pra escola de Paquetá ele fez... “Você já sabe ler?” “Ah sei, um pouco.” “Sabe escrever? Você é capaz de escrever uma frase com a palavra avião?” Sabe qual foi a palavra? Ele tinha feito seis anos em novembro e foi, final, princípio de novembro, que é dia 8 e foi no final de novembro, quer dizer ele tinha seis anos certinho. Ele escreveu... “Sei sim.” Aí ele escreveu: - ele me contou em casa - “Eu escrevi a frase assim: “Quem inventou o avião foi Santos Dummont.” Eu disse: “Ihhh, você deve ter escrito errado.” “Que nada! Eu sei que tem um T no fim. Eu botei.” Quer dizer, ele tava numa escolinha lá fraquinha, mas ele, tudo que ele pegava ele lia, tudo que pegava ele lia, entendeu? Então, ele já tinha assim um gosto por estudo, então quando ele veio aqui para o Rio, eu botei... ele foi direto já pro segundo ano e o outro já foi pro, pro Jardim da Infância. Nisso, esse ano, aí me chamaram pra ir prum Posto de Saúde pra fazer os trabalhos manuais. Você sabia fazer bolsa, você ensinava a fazer bolsa...

DN – Mas, quem, quem te chamou?

DM – As, as que ficavam na porta da escola. Na Escola Rodrigues Alves.

DN – Ah, da escola daqui.

AP – Ainda não estavam no segundo grau ainda.

DM – Da escola primária.

DN – Ainda não era a escola de Copacabana.

DM – Não. Eles eram, estavam um no Jardim da Infância e o outro no segundo, terceiro ano primário. Então eu comecei no Posto nessa época e fiquei nesse Posto ensinando... a finalidade do Posto era ensinar pras mães carentes alguma coisa pra elas ganharem algum dinheiro. Só que as mães carente, como até hoje, não tinham dinheiro pra comprar o material para fazer. Então, a gente comprava o material daquela aula, muitas vezes eu não fazia porque eu também não tinha o dinheiro para comprar o material, entendeu? Mas eu assistia a aula e gostava daquele encontro ali, então eu continuei sempre ali. Fim do Ano, tinha festa, fazia bazar. Então, nós fomos ficando nesse, nesse, nesse Posto de Saúde do Catete, desde que meu filho tinha 3, tinha, o mais velho, vou botar pelo mais velho, ele tinha...

DN – Era o Posto ali da Silveira Martins?

DM – Posto da Silveira Martins. De oito, de, de, de, de, de nove anos, nove, dez anos eu já estava nesse posto de saúde. Ele com nove ou dez anos. Toma nota. Então ele com nove ou dez anos, eu já estava no Posto do Catete. E fiquei a vida toda. Então quando o outro, e ele passou para o Pedro II, voltando atrás, voltou para o Pedro II, o outro continuou ainda na escola Rodrigues Alves. Quando ele foi para Copacabana, eu via que ele era um bom aluno, já no primário, como eu tava sempre ali, as professoras sempre: “Ah, ele é um amor, porque ele é um amor.” Nas reuniões falava tudo bem dele assim, mas as notas estão ruim. No outro, quando ia em reunião, eu chegava, eu tinha o cabelo bem preto e aí, olhavam: “A senhora é mãe do Jefferson.” E eu digo: “Sou.” Eu ficava com vergonha, ela falava assim: “O filho dela é formidável, porque o menino fez esse, ele fez uma, uma redação maravilhosa...” Era sempre elogio do outro pelo estudo e o outro porque era um amor de gentileza, porque era ele que ia apanhar água para a professora...

DN – O mais novo?

DM – O mais novo. Era ele que ia buscar o giz na secretaria, entendeu? Sempre foi assim. Eu já sabia disso. Quando ele foi lá, era Copacabana e eu quase não ia, fui também lá uma vez numa festa de São João. “Vai na festa de São João, tem que levar um prarto de doce.” Eu fui. Tinha uma barraquinha e eu fui ajudar na barraquinha, aí, uma das meninas: “Tia Dayse vem ver...” Eu já conhecia as meninas daqui, não é? “...vem ver a festa de São João. Vai começar o casamento, o Anderson tá tocando acordeon.” Eu disse: “Como tocando acordeon se ele não sabe tocar acordeon?” Gente, ele tava tocando acordeon. Ele tava tocando a marcha nupcial, entendeu? Ele tava tocando, ele fazia de tudo. Quando ele chegou pra, pra ir pro ginásio, que já tava adiantado, um dia - e as notas baixas, baixas, tudo em vermelho - eu botei um pano na cabeça e fui lá falar com a coordenadora. Tava ocupada e eu querendo me esconder dele, porque tava no horário dele, com medo que ele me visse, falei para a coordenadora assim: “Ah, eu vim para saber do meu filho, queria saber, falar sobre o meu filho.” Ela tava ocupada e de repente ela perguntou: “Quem é seu filho?” Eu disse assim: “Anderson de Melo Agra.” “Ah, ele é um amor.” E eu disse: “Ah, já começamos mal.” Ela disse assim: “E já vi que nós temos muito o que conversar, a senhora espera um instantinho”. Quando ela botou a cadeira, que ela sentou na minha frente, ela disse: “Primeira coisa que eu quero que a senhora me diga, porque que a senhora disse que nós começamos mal, se eu disse que ele era um amor?” Eu disse: “Porque toda vida foi assim. Toda vez que eu falo com professora, ela me diz que ele é um amor. Eu já sei porque que ele é um amor, mas olha as notas dele.” Ela olhou. “Realmente, as notas estão péssimas. Mas acontece que ele é tão querido neste colégio. A senhora sabe que foi ele quem fez a instalação desta sala, elétrica?” Eu disse: “Sei. Eu sei que quando vocês precisam de material pra, pra, pra, pra, pra Feira de Ciências, é ele quem vai buscar lá em São Cristóvão.” Ela disse: “É ele. Porque ele tá sempre pronto.” E eu disse: “E a aula comendo lá na sala e ele fazendo isso tudo, né?” Ela disse: “É. A senhora quer saber de uma coisa... porque a senhora tem outros filhos?” Aí eu falei a verdade: “Eu tenho um filho que só tira dez. Um filho...” “A senhora compara...” Eu digo: “Eu já sei que não devo comparar e eu procuro não comparar. Tanto que eu até quando ele não foi para o Pedro II e eu preferi que ele não fosse para o Pedro II, porque quando ele fosse falar que era irmão do, do, do Jefferson, eu sabia que ia ter problemas. Os professores adoravam ele lá.” Ela disse: “A senhora sabe... a senhora tá triste porque eu estou falando isso para a senhora, que ele tem mesmo essa dificuldade ou ele não quer. Agora, a senhora sabe que tem mães que vêm aqui e eu sou obrigada a dizer que

os filhos delas estão roubando o rádio do carro nessa rua. Eu tenho que falar que eles já foram pegos com maconha aqui dentro. Então a senhora devia ficar feliz porque seu filho não tá metido com essa gente, que eu sei que não está. Então a senhora devia tá feliz.” Então eu comecei a procurar a me educar um pouquinho, mas mesmo assim eu achava, entendeu, que ele tinha de continuar e fiz um erro grande. Eu achava que o outro estava na faculdade, eu tinha que colocar ele numa faculdade também. Quando ele ia terminar, já estava no último ano de científico, eu querendo que ele fizesse um cursinho pra faculdade e ele não querendo e aquelas notas baixas e tinha uma escola que era...

DN – Por escolha dele ele não, não prosseguiria no estudo?

DM – Não. Bom, tem outra coisa também, a minha sogra que podia, botou ele pra estudar inglês, o mais velho e o mais velho começou com 8, logo que eu vim pra Paquetá, com nove anos, oito ou nove anos, já botou ele no inglês. Achava que ele tinha que aprender. E quando o mais novo... ela já tinha morrido? Não? Não. É. Nós começamos a botar o, eu botei o mais novo quando tinha doze anos, esperei ele ficar maior, pra ver se ele se animava. Um dia, aí eu já não levava mais ele, porque ele nunca deixou ninguém levar, ele ia pro curso de inglês. Um dia eu cheguei, que era aqui também no bairro, e parei lá na, na secretaria e a moça: “A senhora está esperando alguém?” Eu digo: “Tô.” Porque ela não me conhecia, eu nunca fui lá, né? Eu digo: “Tô, tô esperando meu filho.” “Quem é seu filho?” Eu digo: “O Anderson.” Aí, a mocinha olhou pra outra assim e eu digo: “Que foi?” Ela disse: “A senhora não conta pra ele que nós contamos não, hein? Mas ele não tá na sala de aula não. Ele tá trabalhando naquela lojinha lá embaixo.” Eu digo: “O que? Ele tá trabalhando lá embaixo?” “É, numa importadora.” Eu fiquei, entendeu? Porque aí era eu que pagava, sabia o sacrifício de pagar, o sacrifício de pagar o curso para ele e tudo né? Aí, eu passei na porta como se estivesse olhando a vitrine e olhei ele lá. Eu disse: “Anderson.” Ele se espantou, porque tava mexendo num robô, era época dos robôs, e o japonês: “Oh.” Eu disse: “O que você está fazendo aí?” Aí vem o japonês: “Ó, menino muito sabido, menino conserta...” Eu digo: “O senhor sabe que eu tô pagando curso de inglês pra ele lá e não é pra ele ficar aqui?” “Ó, sim sim, mas menino não quer estudar.” Eu digo: “Mas eu tô pagando curso pra ele.” “Eu já não disse pra a senhora, mamãe, que eu não quero estudar? A senhora fica teimando que eu tenho que estudar.” Eu digo: “Depois nós conversamos.” E fui-me embora. E, e o japonês...

DN – Furiosa.

DM – E o japonês querendo falar que ele, o menino ia vender o robô e ele botava os dois pra brigar e a pessoa ao invés de comprar um, comprava dois... E eu não tava querendo mais aquela história e fui-me embora, gente. Fui-me embora e desde... Então já tava no fim do ano, ele não ia passar mesmo, não paguei o último ano de, de, que tinha que pagar dezembro, a última mensalidade, não paguei. E ele trabalhou até o Natal lá feliz da vida lá na loja. Aí, eu vi que não adiantava... Mas nem assim, gente, eu tomei jeito e insistia, é que também ele tava no último ano do científico, ao invés de eu procurar, eu cheguei a procurar sim, era Samuel Reiner, era uma escola técnica que tinha, era aqui na Paissandu, mas eles falaram que não era pre, não tava no último ano, não era preparativo pra Vestibular. Era uma escola de mecânica. Era isso que eu devia ter insistido em botar. Eu digo: “Mas vocês não dão... não ajudam pro Vestibular?” “Não. Aqui é uma escola profissionalizante...” Que era profissionalizante. “Ele vai



perder uma profissão, aprende uma profissão, mas não tem nada com faculdade.” Eu peguei e não me interessei nem perguntei se era cara ou se era barato. Ainda botei num cursinho para ver se ele entrava na, na, naquela faculdade de... doce ilusão que ele nunca ia entrar naquela faculdade, como é? Que tem ali no Maracanã...

AP – UERJ.

DM – Escola Técnica.

DN – Escola Técnica Federal.

DM – Pois é. Eu fui procurar mas... E nem ele tirou o diploma do segundo grau. No último ano não adiantou, porque ele começou, também outro erro da mamãezinha. Como ele era levado, eu digo... bom, com doze anos, com treze anos assim... eu disse: “Bom, esse menino...” aí, nós já não mandávamos mais que a pessoa andava naqueles matos, não fazia mais nada disso... “Vou botar você de escoteiro.” Ele disse: “Tá bem. Então eu quero ser escoteiro do mar.” Escoteiro do mar, eu fui procurar saber, era no Guanabara. Aí, uma amiga minha ia sempre lá... “Ah é lá que tem o escoteiro do mar, ótimo”. Só que ele não se contentou com o Guanabara, ele olhava do lado que é o Iate Clube, pulava o muro e se enfiava lá no Iate Clube com quinze, dezesseis anos já levava barco pra cá e pra lá. As pessoas não pagavam a ele. Nunca me esqueço que era um governador de São Paulo que ia com ele e depois pegou confiança nele e mandava levar o barco e ele levava com todo o prazer porque ele levava o barco de Seu Fulano, só que o Seu Fulano, não pagava, ele tinha que pagar, não pagava, dava uma passagem de volta de avião. De Santos pra cá.

DN – E levava o barco daqui pra Santos?

DM – À vela. Pra Santos. Com quinze, dezesseis anos. Aí, ele já tava no último ano por isso que ele desistiu de estudar, também.

AP – E como é que o pai lidava com essa rebeldia dele?

DM – Ficava doidinho. Ah, eu fiz uma outra tentativa. Eu tenho que mostrar todas as tentativas que eu fiz. Lá em Paquetá, eu ouvi dizer, isso também influenciou. Em Paquetá eu sempre ouvia dizer que ele gostava de bicho e, e, e eu dava dinheiro pra comprar sorvete, todo dia tinha um dinheiro do sorvete, ele pegava o dinheiro, comprava mercúrio cromo e iodo, que tinha uma farmácia do INAMPS e em Paquetá, onde ele via a ambulância ir, ele pegava a bicicleta e ia atrás e se alguém se machucava, ele fazia o curativo. Então, eu sabia que ele não ia ser médico. Aí, conversando na praia...

DN – Por que você sabia que ele não ia ser médico?

DM – Porque ele não estudava.(risos) Era ruim de estudo. E nessas conversas de Paquetá eram todas as pessoas, sempre as mesmas, uma vez por ano. Uma delas disse assim: “Por que você não bota ele para fazer instrumentação cirúrgica que aí, quem sabe, ele não se anima?” E eu digo: “É mesmo?” Fui, desci com ele: “Você quer fazer mesmo?” “Quero.” Fui na Santa Casa, ele tinha 16 anos, aí, ele fez instrumentação cirúrgica. Adorou, fazia aquelas operações, porque tinham que ter depois duzentas

operações pra ele poder ajudar, aí começavam a chamar ele pra fazer operações, os médicos viam que ele fazia direitinho chamavam, clínicas particulares, mas pagavam uma miserinha, mas pagavam pra ele, ele todo contente, ele se forma. Quando ele se forma, ele disse: “Agora, eu já sou profissional...” - fez cartãozinho - “...quando precisar me chama.” Nunca ninguém chamou.

DN – Porque aí tinha que pagar mais.

DM – Aí, aqueles mesmos médicos e ele falava: “Por que que você não me chama?” “Mas você não tem dezoito anos, você não pode entrar na sala de cirurgia.” Ele disse: “O que? Eu cansei de entrar em sala de cirurgia e ninguém disse isso pra mim. Eu fiz operações, ajudei a fazer operações aí, nessas clínicas pequenininhas do subúrbio, todinhas e eu não tinha dezoito anos, agora como profissional eu tenho que ter dezoito anos?” Aquilo eu acho que ajudou ele a desistir de tudo. Isso foi uma coisa também que eu acho que atrapalhou um bocado e já tava começando com negócio de barco, como já, ele ficou meio... eu tô olhando pra hora, mas eu queria terminar de falar isso que ele, eu que botei ele lá nos barcos. Hoje, ele trabalha com barcos no Caribe, viu?

DN – Você que colocou ele nos barcos, porque você que botou ele no, no, na... como escoteiro marítimo?

DM – Como escoteiro de mar....

DN – De escoteiro marítimo no Guanabara ele pulou para o Iate...

DM – Para o Iate Clube, com aqueles barcos maravilhosos...

DN – ... e passou a conduzir os barcos até Santos inclusive...

DM – Das pessoas... até Santos?

DN – É, nessa época. (risos)

DM – No princípio Santos. Aí ele resolveu a ser profissional. Quando ele resolveu ser profissional, aí, ele ficou aquilo que eu falo sempre do pai ser quadrado. O barco tem um número certo de pessoas, tem sete pessoas, ele não coloca oito de jeito nenhum. Ele começou a ficar na Marina da Glória e as pessoas que têm um barco, vamos dizer, você tem um barco que cabe sete, você quer levar mais gente e botar mais gente e ele já implicava com aquilo. Depois do Bateau Mouche então, que aconteceu um problema sério, então desde essa época....

TOCOU O TELEFONE. PAUSA.

DM – Com o negócio dos barcos ele ficou assim, ele levava as pessoas, por exemplo, leva o barco pra lá e tinha que... davam o dinheiro pra ele pra comprar, por exemplo, longe, que ele ia pro Nordeste, dava o dinheiro pra ele e ele tinha que comprar tudo pra botar no barco. Então, tudo o que ele comprava ele tinha que prestar contas, né? Ele chegava em casa, enfiava a mão no bolso, tirava aquele dinheiro todo amarrotado, aquelas notas... “Mãe, me ajuda?” “Tanto disso, tanto daquilo, tanto daquilo...” e não dava certo. Aí tinha um táxi lá e eu disse assim... coisa de dois reais hoje em dia... eu

disse assim: “Bota ao invés de seis, bota oito” “Eu não. Eu gastei seis em dinheiro, tem que dar certo. Eu tenho um nome a zelar.” Quando ele falava um nome a zelar, eu pensava: “Poxa, a história do pai.”

DN – A família do seu marido, a história familiar.

DM – Porque ele achava que como ele, detetive, ele tinha o nome do pai e o pai já era da polícia e bem conhecido, eu acredito até que ele nunca tenha sido transferido por causa do nome dele, você sabe? Sabiam que era ele, sabiam que ele tomava conta dos pais. Ele ficou doente, porque eu acho que ele ficou doente por causa disso. Mas ele nunca foi transferido, sofreu à toa, ficou doente à toa e nunca foi transferido. Agora os filhos sempre foram todos certinho também. Tanto que esse que na minha cabeça sempre foi avoadado, e eu ficava morrendo de medo com ele nesses barcos pra baixo e pra cima, com medo. Mas ele antes de pegar um barco, se chega uma pessoa na Marina e quer um barco pra ele levar, ele vai examinar o barco todinho antes. Examina disfarçadamente, examina onde pode levantar isso, onde pode levantar aquilo. “Ah deixa eu ver se o barco tem alguma coisa que eu possa arrumar.” Mas deixa estar que é pra nunca entrar em fria. Porque realmente as pessoas levavam até tóxico e tudo isso. Quer dizer, ele nunca fez nada errado. Vocês não acham que foi isso, essa coisa de pai ser quadrado e ficar essa história. Tanto que na Marina da Glória quando ele não pegava um barco, “Ah, tem seis pessoas.” Aí ele dizia assim: “Não posso, só pode levar cinco, não levo seis.” Está vendo, eu não falei que ele, que ele é assim? Não pode.”

DN – Que ele é quadrado....

DM – “Vamos pro outro.” E o outro levava. Aí ele perdia o serviço e o outro levava. E depois da, do, do, do Bateau Mouche então, quase não tinha trabalho. Que que ele fez? Ele acabou indo pra, pro Caribe, levando barco pro Caribe, leva pra Espanha, leva pra tudo quanto era lado, né? Aí, eu ficava com o coração na mão. Mas ele me ensinou que o barco à vela é feito João Teimoso. Quando venta, todo mundo vai lá pra o fundo, que não vai sozinho, são três, quatro pessoas, fica no fundo e tira a vela e tira tudo e deixa o barco fazer isso. O barco não, não, não vira...

DN – Não afunda.

DM – ... por causa do peso. Então, o que que acontece, depois é que vai ver o que quebrou, consertar e vai em diante. Eu fui aprendendo isso. Morrer de fome ele diz que nunca... porque eu sempre ficava: “Puxa, será que ele tá comendo?” Aí, eu falava com ele quando ele telefonava e ele dizia: “Comi cada lagosta.” Eu digo: “Eu aqui no arroz e feijão e você falando na lagosta.”

DN – Arroz, feijão e ovo.(risos)

DM – Gente, eu fui aprendendo que isso...isso, olha, quando ele tinha 15, hein? Ele tá com 36, gente. Hoje, eu já tô sossegada, não é? Ele agora já tem um barquinho dele, lá no Caribe, trabalha. Não pode trabalhar nos países, mas ele trabalha...

DN – Quer dizer, 20, 21 anos que ele trabalha com barco.

DM – 21 anos. Ele chega, aqueles barcos tudo parado, vem com a bandeira brasileira,

todo mundo olha, porque isso aí é raro, porque não tem quase brasileiro, aí ele conta que ele comprou o barco, que não pode trabalhar nos países, aí vê que teu barco precisa disso “Olha que eu faço isso, faço aquilo.” E tem muita gente de idade, então ele diz que tem sempre mãe, avós lá, porque todo mundo paparica ele. Porque ele é uma pessoa agradável e conserta tudo, então é o tipo da pessoa que tá no barco e que precisa dele. “Puxa, fulano me deu uma festa, fulano isso...” Ganha as coisas que só vendo. As pessoas compram um rádio novo, mandam ele instalar e dão o velho pra ele e ele já põe no barco dele. E assim ele foi arrumando o barco dele. Agora, só pra terminar eu vou falar uma coisa. O que eu achava de um filho ter estabilidade, porque o outro foi estudar, foi geólogo da Petrobrás, tinha um futuro todo garantido, com quem que eu tinha medo, eu tinha medo do mais novo né? Que tava no mar. E o que que foi acontecer? Foi o mais velho que foi embora, né? Nunca podia pensar... aquele era o meu sossego. Pra mãe, cabeça de mãe. Aquele era o filho que toda mãe queria ter. Sossegadinho. E o outro que me dava dor de cabeça, que tá aí. Depois eu vou falar sobre a diferença dos dois.

A fita não foi integralmente gravada

Data: 30/10/1997

### Fita 3 – Lado A

DN – Vamos dar seguimento à entrevista com Dayse de Melo Agra. Hoje é a segunda etapa da entrevista. São 30 de outubro de 1997, a gente está no Rio de Janeiro e os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaqueu. Dayse, na última entrevista você terminou dizendo que ia nos falar sobre a diferença entre seus dois filhos e a gente inclusive sugeriu que antes que você falasse da diferença entre eles, você falasse da diferença entre você e sua irmã. Eu acho que a gente poderia começar hoje por aí.

DM - Essa diferença, hoje que eu pensando nisso, vocês me fizeram voltar atrás e pensar com outros olhos...

AP – Ela ainda está viva?

DM – Tá. Acontece que quando nós fomos para Minas, justamente sempre foi assim. Uma ficava com o pai e outra com a mãe que é pra não, não atordoar, para não, não ficar, por exemplo, quando minha mãe precisou trabalhar eu ficava com a minha tia e ela ficava com a vizinha. Então, sempre deixava sempre separada, (ruído) para não dar trabalho. Era por questão de, do melhor. Então, quando meu pai foi para Minas, ela foi junto e eu fiquei com a minha mãe, porque eu ainda estava fazendo aqui as provas do exame de admissão, então eu fiquei aqui e nós chegamos lá... Cidade de interior sempre tinha negócio de passear na, na cidade, assim no jardim, então ela tinha uma turminha e eu já tinha outra turminha, entendeu? Não é que a gente fizesse muita diferença, mas eu não sei porque já era, já tinha uma diferença muito pequena, mas que eu nunca percebi. Bom, a vida... nós voltamos, continua, nós fomos trabalhar, como, quando ela chegou lá ela foi estudar datilografia, ela foi fazer outra coisa, ela conseguiu, quando nós voltamos, até um emprego que foi pedido aqui no Rio, com amigos, ela conseguiu emprego de trabalhar numa fábrica de, numa fábrica não, era um escritório de pessoas... um escritório de uma empresa de material cirúrgico na Rua dos Andradas, então ela já foi para um escritório, tudo isso que ela batia a máquina e eu como não, não tinha datilografia e nem nada eu peguei e fui trabalhar no comércio que eu adorava, trabalhar na Boneca e em outros lugares, na ETAM, como eu falei, lidando com público, eu adorava lidar com público, então eu me dava bem. Ela tinha umas amigas e eu também, agora, para sair meu pai quem levava, nós íamos sempre juntas, tudo isso. Só que eu namorava, ela namorava... ela teve vários namorados, eu praticamente só tive um e quando foi na hora... eu demorei para casar porque estava esperando o apartamento ficar pronto, ela acabou casando no mesmo ano que eu, ela casou em julho e eu casei em novembro, aí que foi 45, foi a morte de Getúlio.

AP – 54.

DM – 54. Bom, em 54, nós casamos. Logo ela teve... ela casou com um nortista e esse nortista... o nortista quando vem de lá ele procura sempre... que aqui a verdade é essa, os que vêm primeiro, sempre procuram ajudar os outros. Então, uma madrinha dele de crisma, até tava aqui no Rio, chamou ele para morar junto, ele foi morar junto, depois esse meu cunhado foi morar com um deputado que também era de lá, aí quando casou, como é, e agora? Aí também ele teve de deixar de se encostar em alguém, alugou um

apartamento no próprio prédio da minha mãe, um apartamento pequenininho, só que quando ele ficou... a minha irmã ficou grávida, a minha mãe achou que ela estava apertada ali, “vamos fazer uma coisa, vocês vêm morar aqui até vocês que já estão...” ele trabalhava em banco e ele ia ser mandado embora, ele ia receber uma indenização boa, então meu pai disse : “vocês vão comprar um apartamento, então aproveita não paga aluguel, faz economia, aqui tem mais espaço, um quarto grande para vocês ficarem com a criança, tudo bem.” A essa altura eu já tinha casado, então estava só meu pai, minha mãe, ele e a mulher... a minha irmã o marido e filha. Ficaram ali.. Só que meu pai estava sentindo que ele já estava muito encostado, estava ótimo ali. Ele recebeu indenização e nada de procurar um apartamento e meu pai sempre falando: “Como é? Vamos procurar...” então aí, já tinha uma diferença (ruído) entre meu marido e ele, porque nós demoramos três anos para casar, para poder pagar o apartamento para depois ir. Depois, eles não, eles estavam lá recebeu indenização, ele foi mandado para o Banerj, na época, que era ultramarino o banco, foi mandado o pessoal todo para o Banerj, mas recebeu aquele, então estava tudo bem. Aí meu pai começou a apertar, começou a apertar, eu acho que desde essa época eles ficaram sentidos que meu pai... mas meu pai achava que eles tinham que continuar a vida deles, que eles não podiam ficar ali, que eles tinham que aproveitar aquele dinheiro para comprar, já era a idéia de comprar casa, aquela pensamento que estava ajudando. Eles compraram e compraram um apartamento pequenininho em Copacabana, um apartamento conjugado. Ele ficou no Banerj, quando terminou o Banerj, ele tornou a receber outra indenização, podia ter mudado outra vez de daquele apartamento e sempre falando: “Olha, nós moramos num apartamento pequeno porque o Sr. José botou a gente para correr, porque nós tínhamos que sair de lá, porque senão nós podíamos ter comprado um apartamento maior...” e eu acho que até foi botando na cabeça da minha irmã, que meu pai, não que me ajudasse... Porque quem ajudou mesmo, foi sempre minha sogra. Me ajudou em termos. Ela não... nós tínhamos um apartamento pequenininho, que nós compramos quando nós estávamos noivos né, e nós mesmos... nós fazíamos economia assim, almoçávamos e jantávamos na minha sogra até comprar um apartamento de quarto e sala. Fui para um conjugado e depois para um quarto e sala. Quando o filho estava nascendo, a minha sogra... que o sonho dela, como eu falei a minha sogra era esnobe né, então, ela não queria mais morar na Corrêa Dutra, a Corrêa Dutra é uma rua que não é muito boa, tem casa de cômodos e tudo. Então, ela dizia sempre:” quando o Jorge casar eu vou morar em Copacabana.” Aí ela foi morar em Copacabana em um apartamento alugado também, mas... alugado também não, porque o dela era próprio né, foi morar em um apartamento alugado e nós passamos para o dela e o dinheiro que eu recebia no quarto e sala, pagava para ela. Quer dizer, era uma ajuda, mas não era uma coisa de graça...

DN - Ajuda relativa.

DM - ... porque ela sempre achava, é, ela sempre achava que nós, como meu pai também a cabeça era parecida, sim eu te ajudo mas também não é para ficar encostado. Então a minha irmã vendo isso, ela ficou muito separada de pai e mãe, porque, ela ia lá e tudo isso, como eu tinha sogra, tinha sogro, tinha pai e tinha mãe, irmã e irmão e eu morava em um apartamento de dois quartos. Meu pai estava já doente e tudo, então o que acontecia? Os Natais eram sempre feitos na minha casa e eu ainda era aquela boba mesmo. Que eu que fazia tudo. A minha sogra mandava alguma coisa para ajudar, minha mãe também levava alguma coisa para ajudar, mas não é como hoje que cada um leva um prato né, não era assim, era o dono da casa que dava, então, primeiro, os Natais eram na casa de meu pai e minha mãe e depois passou a ser na minha casa, porque a

minha, o meu lado era maior, sogro e sogra. Chegava no Natal, todo mundo chegava bonitinho, arrumadinho, cabelos penteado e tudo, e a Dayse estava lá morta de cansada de ficar na frente com dois filhos, sem empregada e fazia tudo: era, eh, assar as coisas no forno, fazer tudo, tudo era eu que fazia. Eu já estava tão cansada daquilo, mas por causa do meu pai e minha mãe, nisso minha sogra falece, depois meu sogro falece, minto, meu pai faleceu primeiro. Primeiro meu pai faleceu, minha mãe continuou indo lá em casa, depois foi minha, meu, minha sogra que faleceu, seis meses depois, meu sogro ficou seis anos, continuou tudo na minha casa. Quando meu sogro faleceu, eu disse: “Bom, agora, eu acho que agora chega, não tem mais ninguém, nós vamos fazer uma coisa, um dia vai ser, um ano na tua casa, e outro ano na minha.” “Ah, mas aqui em casa não cabe.” E sempre foi essa história de não caber. Agora, eu tinha um apartamento em Paquetá, que era um conjugado também, e todos os anos eles iam passar férias lá. Ficavam lá, dormiam no chão, dormiam em todo lugar, mas dava prá todo mundo. E eu fui ficando assim, com aquela tristeza de só eu que, que aguentava a família toda. Nisso, minha mãe já tava viúva, tinha as moças que eu falei da outra vez, que ajudavam e tudo, mas quando a minha mãe tava doente, sempre ela falava: “A Dayse mora mais perto.” Eu era a primeira que corria. E eles sempre separados. Mesmo porque ela nunca teve ninguém para tomar conta de doente, às vezes, hoje eu acredito que era, porque quem toma conta... então era sempre aquela na família é que vai tomar conta. “Ah, fulano tem mais prática...” então ela é que fazia. Eu tinha perdido meu pai, que também fui... na hora de correr para fazer o enterro, fui eu que fui fazer, apanhar ele lá naquele hospital do câncer lá na Penha, eu que resolvi tudo, quando ela chegou já tava na capela, tudo arrumado. Que dizer, talvez eu tivesse culpa de eu sempre fazer as coisas. Depois faltou minha sogra, eu não ajudei muito não, mas foi meu marido e o meu sogro que fizeram tudo. Quando foi minha mãe, que ia falecer, eu disse: “Bom...”, aí eu já estava... foi justamente... espera aí, eu estou pulando um caso. Quando todos faleceram, minha mãe ficou viva, eu, meu marido e ela, separada. Nós íamos viajar juntos, e tudo, mas sempre assim, na parte boa da vida. Aí meu filho fica doente. Quando meu filho fica doente, eu falava, eu queria poupar quem? Minha mãe e meu marido. Porque eu achava que a única pessoa que podia sofrer mais do que eu, seria minha mãe, porque ela era agarrada com ele, porque quando eles eram pequenos, a minha mãe viajava e levava sempre um, pra, pra companhia e pra poder...entendeu? E mesmo porque eles gostavam de ir. Ela ia pro Paraná, levava o mais velho, levava o mais novo, depois o mais velho já não ia mais porque o mais novo queria ir sempre para o Paraná, porque tinha geada e ele corria pra acender uns pneus lá, para ele tudo era festa, né? Então, ele que viajava. Então, ele sempre viajou com minha mãe. Agora, meu ir, minha irmã e meu cunhado nunca deixaram a minha irmã, a minha mãe fazer isso. Nunca levou ela pra fora.

DN – Com a filha deles?

DM – Com filha deles nunca. Quer dizer, nunca deixaram, então meus filhos sempre ficaram juntos, então na hora em que meu filho ficou doente, eu sabia que se tivesse uma pessoa pra sofrer mais do que eu, mãe né? Pai também, mas seria minha mãe, porque era agarrada com ele e ela ia sofrer, tanto que eu não falei para ela que ele tinha AIDS. Eu fiquei quieta. A minha irmã, eu digo: “Tá tão longe!” No início que ele ficava doente, ela vinha na minha casa, mas sempre assim como visita: “Oi, tudo bem, se precisar de mim me telefona, se precisar de mim telefona.” Quando ele ficou internado, ela disse: “Ah, você precisa de alguma coisa?” Eu digo: “O que eu preciso, é você tomar conta da mamãe, porque ela é que tá sofrendo, você sabe que ela sabendo que o Jefferson...” Porque aí eu falei que ele estava com câncer e que ele ia morrer logo,

que o médico disse que ele tinha seis meses de vida. “Como que eu vou falar isso para a mamãe?” Foi isso que eu falei para ela.

DN – Isso é o que você falou para a sua irmã?

DM – É. Eu falei para a minha irmã que ele tinha câncer e que era para não... falei para a minha mãe também que ele tinha câncer. Mas não, não entrei em detalhes, mas a minha irmã sabia que câncer era uma coisa, porque meu pai já tinha morrido de câncer, então ela já devia estar apavorada. Eu digo: “Quem precisa agora de apoio, para mim, você pode deixar que eu tomo conta do Jefferson, agora a mamãe é que eu queria que você chamasse mais ela.” Porque nessa altura, a minha sobrinha já tinha casado, tinha um filho, sempre essa minha irmã tomou conta do neto, então ela era agarrada com o neto, então ela devia entender que a minha mãe também era agarrada com o neto. Eu falo sempre lá no grupo, que as pessoas têm sempre que entender o outro, que quando tem AIDS, tem que respeitar que a pessoa tem medo, a gente tem que respeitar esse medo. Mas a minha irmã não sabia que era AIDS, pelo menos eu não falei, mas eu acho que ela desconfiou e ela passou a não ir muito lá em casa. Por que? Porque eu achava que ela tinha medo por causa do neto. Isso era o que eu achava e nunca falei nada com ela sobre isso. Mas eu achava que ela queria defender o neto. E até hoje eu fico: “Eu tenho que desculpar, eu tenho que perdoar...”, entendeu? Porque ela não sabia nada, realmente. Há quase onze anos, já, quase não, onze anos atrás, nós já tamos praticamente em novembro, foi quando no mês que eu soube que meu filho estava com AIDS, que ela não podia saber de nada, então ela tinha medo. Muito bem, ela tinha medo, mas por isso mesmo, eu não pedia para ela me ajudar, para ir no hospital ou qualquer coisa; eu pedi para ela tomar conta da mãe dela, não é? Ela tinha que ajudar naquela parte. Quando meu filho tava doente, já em fevereiro...

DN – E ela ajudou, Dayse?

DM – Nunca. Nunca. Eu pedi aliás duas vezes...

DN – A sua mãe, nessa época morava com você ou não?

DM - Perto de mim...

DN – Era perto.

DM – Perto. Perto. É, morava perto. Então eu falava.. o meu cunhado com aquela... “Ah, que precisar...” Eu digo: “Eu não preciso. Quem precisa é o Jorge, que dizer, o meu marido que fica em casa e eu vou para o hospital. Então faz companhia para ele. Vai lá fazer companhia pra ele”. Eu sei também que era difícil fazer companhia para ele, porque ele já naquela época, já quase não falava, ele já tinha dificuldade em falar, então ele ficava vendo televisão, o dia inteiro olhando para aquilo, não sei se ele via ou ficava pensando no filho que estava no hospital e aí não falava, então meu cunhado começou a espaçar, entendeu? Olha que isso foi um período de quatro meses só. Se fosse um período muito grande a gente dá a desculpa do cansaço, mas não. A minha irmã ia todos os domingos no hospital, mas ela tomava conta do neto, então quer dizer, ela não tinha tempo e domingo o neto ficava com a mãe. Minha sobrinha nunca foi visitar o primo. Nunca. Por isso que eu acho que ela desconfiava, ela me diz que não, que ela nunca pensou que fosse AIDS. Eu acho que pior ainda, não é? Porque outra



doença podia, porque a AIDS ainda tem a desculpa. Bom, então, eles ficaram afastados. Nunca me esqueço, foi dia 23 de fevereiro, o Jefferson... era aniversário da minha mãe, aí eu falava para ele: “Puxa, é o aniversário da tua avó, eu vou...” e ele queria comprar um computador, naquele dia e eu saí com ele e eu digo: “... eu vou, eu preciso passar na tua avó, mas a tua irmã, a Célia, quer dizer, a minha irmã devia estar lá.” Eu toquei : “Ô mãe, hoje é seu aniversário, só agora que eu posso ir – porque era pertinho mas, eu telefonei – a Célia está aí?” “Não ela não veio.” Quando eu falei ela não veio, meu filho ouviu: “Manda ela para cá, traz ela para cá.” Aí eu falei: “Então faz uma coisa, para mim ir aí é mais difícil, Jefferson está aqui e comprou um computador e está aqui todo ocupado e está contente mas não queria sair. Então vem para cá. Mas vem depois do almoço, vem, vem depois do almoço não, vem lá para as quatro horas.” Aí eu fui na rua, comprei uma torta, fizemos o aniversário da minha mãe. Quer dizer, foi o último ano que eu precisei dela, ela não foi no aniversário da minha mãe. Eu não sei que dia que era da semana, mas ela sempre deixava para ir depois. A mesma coisa, eu vou avançar no tempo, a mesma coisa aconteceu, meu filho morreu em abril, que era semana santa, já perto da semana santa, então, foi uma semana antes da semana santa. Na semana santa, tinha domingo de Páscoa e tudo, o que que eu pedi para ela? “Chama a mamãe para almoçar contigo, porque eu estou aqui no hospital, faz isso.” Ela: “Ah, mamãe disse que não vem, disse que não vem porque vai aí para o hospital, que não quer vir aqui.” Meu filho morreu, logo depois veio o dia das Mães. Gente, dia das Mães foi terrível para mim. Eu peguei um ônibus e fiquei... aquele ônibus que vai pra...pra Niterói e de volta, volta e fui e voltei e tudo, e pedi para ela: “Olha, hoje é dia das Mães.” “Ah, mas nós vamos comemorar no sábado, porque domingo é muito cheio. Os restaurantes são muito cheios, então, nós não vamos.” Quer dizer, minha mãe ficou sozinha. Quando eu voltei da rua, telefonei: “Mamãe, a Célia teve aí?” “Não, não sei o quê...” “Então, vem para cá.” Aí eu tinha que engolir em seco e olhar para ela, eu já estava que não me aguentava. Aí, eu tive dúvida, peguei o telefone: “Mas isso é coisa que se faça? Vocês perguntam o que eu preciso e eu digo dá apoio para a mamãe e não para mim, eu não preciso de apoio, eu preciso que vocês olhem... dia das Mães e vocês não chamaram?” “Ah, nós vamos chamar no sábado, que sábado que nós vamos comemorar.”

DN– No sábado seguinte ao dia das Mães?

DM – Seguinte. Eu digo: “Por favor!!” Ah, porque sábado seguinte era o aniversário da minha sobrinha, entendeu? Que eles faziam, tanto o Anderson, quanto a minha sobrinha faziam dia 12, dia 13. Dia 12 que ela faz. “Então, nós vamos comemorar junto.” Eu disse: “Mas custava você ir lá? Vocês não têm consideração minhas, hein?” Páá!!! Desliguei o telefone. Essa foi a gota d’água que faltava. Aí ela ficou sem telefonar para mim, ficou um tempo sentida, depois minha sobrinha tocou: “Tia, eu nunca pensei que a senhora fosse fazer isso, tia.” Eu disse: “Escuta, custava vocês olharem uma vez pra, pra tua avó? Ela não tá sozinha, ela não tá sofrendo, será que vocês não entendem isso?” “Mas um absurdo, a senhora telefonar para a mamãe, ela ficou chorando porque a senhora desligou.” Eu digo: “Eu desliguei e fazia a mesma coisa.” “Ah, isso é coisa de gatinha mesmo.” Páá!!! E desligou também. Aí, eu disse: “Bom, agora...” mas na época eu nem estava sentindo muita falta não, sabe? Mas depois, a minha mãe teve que tomar resolução de, de tá, sozinha, tá doente, quer dizer, acabei encontrando com ela na casa da... E sempre que ela podia, ela fugia. Uma vez, depois disso tudo, depois, vamos dizer, eu não sei o ano que a minha mãe morreu, mas minha mãe ainda morreu, ainda viveu parece uns 5 ou 6 anos também depois que meu filho morreu. Continua aquilo. Ela disse um dia: “Então, vamos...” Eu digo: “Vamos dividir o serviço. Você me chama

pra vir aqui. Toda vez que a mamãe vier, te der falta eu venho, agora na hora de ir para o hospital eu não vou. Quem vai no hospital... eu não tenho ânimo de entrar em hospital com a mamãe, você vai.” “Não, quando for ao hospital eu vou. Pode deixar, eu pago as contas dela.”- que ela que recebia pra minha mãe- “Então eu pago conta de luz, eu tomo conta disso, então você toma conta quando precisar.” Tudo bem, então quando minha mãe precisava eu chamava. Aí minha mãe foi para o CTI. Tava ruim com a pressão vinte e tantos, 25 parece, aí eu toquei para ela e disse: “Olha, mamãe está no CTI, está com 25 de pressão, estou te tocando...” “Você acha que eu preciso ir aí?” Eu digo: “Ah, você que sabe, eu não sei o que que pode acontecer com uma pessoa de 25 de pressão, você que entende de pressão é que sabe.” “Ah, tá. Eu vou ver. Aonde você está?” Eu digo: “Eu estou aqui no São Sebastião, mas eu vou para a ordem dela, porque eles disseram que aqui ela vai ter que pagar então...” Porque o São Sebastião era pertinho da casa dela, o Hospital São Sebastião. Aí eu levei ela para a ordem. Ficou na ordem, ficou no CTI outra vez. “Ah qualquer coisa você me liga tá?” Também não liguei, né? Só no dia seguinte que ela foi aparecer. E fiquei eu e a moça que ficava com ela. Então, por isso que eu digo que aquela pessoa ajudou muito, que era inquilina, não tinha nada a ver com isso, e ficou comigo o tempo todo. Aí minha mãe ficou na ordem e ela sempre achando que eu é que tinha que resolver, aí minha mãe resolveu ir para... a ordem dela tem feito apart-hotel, ela não queria ir, porque ela não queria largar da casa, mas ela via que ela já não podia ficar mais lá, a gente ficava com medo de ela ficar sozinha o dia inteiro, falava... Até que um dia, partiu dela, querer ir pra a ordem, aí ela foi pra a ordem. Quando ela foi pra a ordem, coitada, ficou um mês e pouco. (ruído) Bom, minha mãe ficou na ordem, feliz. Sábado ela saía e vinha almoçar aqui comigo, a minha sobrinha morava bem perto. Nessa altura minha sobrinha já chamava ela para ir, almoçar lá, domingo, levava... E no última vez que minha mãe teve aqui, foi um sábado...

DN– Ficou na ordem, ordem...

DM – Morando. Ordem da...

DN– Já não era mais o hospital?

DM – Não, porque aquele hospital ali na rua Riachuelo, Ordem do Carmo, tem o hospital e tem um tipo de apart-hotel. Quer dizer, qualquer coisa que ela precisasse, por isso que nós escolhemos lá, e se ela passasse mal, tinha médico, entendeu? Ela ficava ali, ela podia sair, tudo bem, mas na hora que precisasse de hospital, ela já estava lá dentro e ia logo ser internada, não é? Foi o que aconteceu. Bom, ela vinha, ia para a minha casa, ia para a casa da minha irmã. A essa altura, como tava, minha mãe tava bem, tava amparada, aí ela aparecia, sim. Ela aparecia, ia toda semana lá e tudo isso. Então, o que que aconteceu? Um sábado, a minha mãe veio aqui e almoçou. Por sorte esse sábado tava meu filho, a moça que morava com ele. Foi um sábado alegre, tudo bem, entendeu? Ótimo. Aí ela, quando foi três horas eu fui levar ela lá outra vez, porque o jantar parece que era cinco horas, eu levei ela para lá. No dia seguinte, era Domingo de Ramos, ela foi pra casa da minha sobrinha almoçar e disse: “Não, eu tenho que ir para casa, tenho que ir para lá porque vai ter uma missa muito bonita...” Porque lá tinha missa todos os dias, ela gostava de ir à missa, “... eu vou para lá e vou assistir à missa.” “Ah, então está bem.” Mas a minha sobrinha notou que ela estava meia resfriada... Bom, passou Domingo de Ramos, na se... eu estou achando que tá tudo bem. Fui para o Grupo pela VIDDA na segunda-feira e a minha irmã tocou: “Olha, tocaram do hospital dizendo que a mamãe tem que ficar internada.” Eu disse: “Mas o que que foi?” “É um resfriado

forte.” “É, ela disse que estava mais ou menos.” Eu atendi o telefone lá no Grupo. Aí ela disse assim: “Bom, eu tô, eu tô aqui já no hospital, ela está internada e eu vou deixar ela aqui.” Eu digo: “Pois é, eu estou aqui e só posso sair daqui...” Ela disse: “Não, tá tudo bem, ela já tá internada e já tá tudo bem.” Eu digo: “Então, vamos fazer uma coisa, eu vou amanhã de manhã, sete horas da manhã, eu vou...” “A Regina também vem para cá.”, que é a sobrinha. Então, eu fiquei descansada, as duas estavam lá. Só que a minha sobrinha ficou até oito horas, se despediu da avó, tudo bem, e foi embora. Elas também, eu não sei também se seria uma cobrança achar que ela não tava bem que devia ter posto num quarto ou alguém ficar lá, porque nessa, nesse, nessa enfermaria eram de duas pessoas. Então, quando foi sete horas da manhã, eu cheguei lá no hospital. Quando eu cheguei no hospital minha mãe estava virada na cama, como se tivesse levantado e respirava assim com dificuldade. Eu chamei a enfermeira, a enfermeira mandou eu sair e depois de meia hora... aí chamei minha irmã. Digo: “Olha, mamãe tá passando muito mal.” “Puxa, mas ela tava bem à noite.” “Pois é, não sei o que que foi, tá passando mal, passando mal e ela tá muito ruim. Você vem para cá, porque o negócio tá muito feio, ela mandou não deixar entrar nem no hospital.” Aí falei para ela ir e ela: “Não, eu vou.” Aí foi. Quando ela chegou lá minha mãe já tava morta. Quer dizer, morreu. Aí aquela coisa de que, tinha passado cinco anos que eu tinha perdido meu filho, aí eu falei. Isso já estava, eu... já estava planejado. “Escuta, eu fiz o enterro do papai, eu resolvi tudo. Agora, quem vai resolver o da mamãe vai ser você, eu não tenho ânimo para fazer nada. Não tenho coragem e não vou fazer nada.” Porque minha mãe tinha conta comigo e tinha com a minha irmã em banco, tinha duas contas para se alguma viajasse e a outra precisasse, alguém que precisasse resolvia. Sempre nós fomos tudo de fazer as coisas certinho, porque quem tem pessoa doente, tá sempre com medo né? Tudo resolvido, eu digo: “Olha, eu vou...” “Ah, eu não tenho nenhum cheque aqui.” Eu digo: “Deixa o cheque aqui que é meu e depois a gente acerta. Qualquer coisa você faz.” Ela disse: “Ah, eu não sei se chamo o Rubens porque ele não gosta de hospital.” Eu digo: “Ah, você resolve.” Puxa! Aí deixei ela sozinha sim. Não era marido dela? Não tinha filha? Tinha genro... Eu não tinha ninguém. Eu só tinha eu e meu marido que é doente, quer dizer, ele não podia sair de casa, ele já não andava. Quer dizer, eu era sozinha e ela tinha muita gente. Ela, marido, genro, genro e filha. Eram quatro pessoas para resolver. Eu digo: “Olha, eu vou ter que ir em casa falar para o Jorge, na hora do almoço, eu tenho que estar lá onze horas. Aí eu vou falar com calma para ele e depois eu volto.” Aí foi o que eu fiz. Larguei ela lá, meu cunhado foi para lá e eles resolveram tudo, resolveram nada. Meu cunhado: “Dayse, olha, tem um caixão que custa tanto...” Eu digo: “Você resolve.” “Não eu quero falar...” Eu digo: “Não precisa falar, o que você resolver tá resolvido.” E a minha mãe tinha tudo, tinha dinheiro para pagar o enterro, tinha tudo. Porque ela sempre se preocupava com isso. Era só fazer. Mas eles nunca tiveram iniciativa. Vocês sabem que isso tem quarenta anos, que a minha irmã mora no mesmo apartamento, com os mesmos móveis, tudo igual. Eles não deram um passo na vida. Não deram nada. A mesma cadeira, o mesmo guarda-roupa, tudo igualzinho. Nunca fizeram uma obra no apartamento. Você vai dizer, pode... ele recebeu indenização depois que ele tava lá, do banco, não fez. Quer dizer, aí eu me meti outra vez, quando a minha mãe morreu, vai ter que ter a divisão. Ah, eu pulei uma coisa. Vou voltar atrás.

DN – Pode voltar.

DM – Eu pulei. Porque foi uma coisa importante, também muito triste para a minha mãe que foi uma coisa que quando meu pai morreu, eu que fiz o enterro, fiz tudo. Quando eu voltei para casa, eu fui pra, pra, pra... três dias depois, a minha irmã: “Nós precisamos conversar com a mamãe como é que vai ficar.” Eu digo: “Tá bem. Então

você vem e eu vou.” Aí, fomos lá.” Aí a minha irmã disse assim: “É mãe, porque precisa resolver, porque tem que abrir o inventário.” Eu digo: “É, tem um mês para abrir.” Eu já tinha prática em inventário, né, porque era do meu sogro, da minha sogra, aí era do meu pai. Aí, está bem, então vamos abrir o inventário. “Mãe, a senhora tem...” ah, porque quando meu pai morreu, eu perguntei... eu que tratei dos papéis, eu perguntei: “Ô mãe, ele não tem testamento.” “Tem testamento sim.” Eu me espantei: “E onde é que está?” “Ah está em casa em tal lugar.” Eu fui buscar na casa dela antes de ir buscar o corpo. Eu fui lá e apanhei, porque eu sabia que ia precisar, porque eu fui tratar do enterro aqui então fui pegar logo o papel. Eu vi que tinha qualquer coisa escrito diferente, mas eu não notei o que que era. Aí eu peguei. Quando eu fiz todos os papéis, e depois do enterro, aquele dia, aí é que eu passei para a minha irmã. “Está aqui.” Aí eu li, direitinho, como estava no testamento. No testamento, o meu pai dizia que metade era... que a minha mãe tinha direito à metade e meu pai à metade, não é? Só que meu pai pegou a metade dele e deu um pouco para a minha mãe. Mas era uma fração só tinha o apartamento que a minha mãe morava. Quando a minha irmã pegou aquele... “O quê? O papai teve coragem de tirar da gente para dar para a mamãe, como se nós fôssemos... eu não quero nada e você, também sei que você não vai querer nada...” “Escuta, mas se você não quer nada, que diferença faz um oitavo, dois oitavos – porque ficou dividido em oitavos – que diferença faz um oitavo, dois oitavos?” “Porque isso é um absurdo, porque o papai sempre foi assim.” Olha, minha mãe tinha perdido o marido tinha três dias e ela começou a brigar por causa daquilo. “Porque ele sempre implicou. Eu já sei, ele estava com implicância era com o Rubens, não é com o Jorge, porque do Jorge ele gostava. Eu digo: “Pára de fazer isso, não faz isso. Você não está vendo que você está chateando a mamãe? Ou se você quer, fez muito bem ele fazer isso.” “Mas eu não quero.” “Se você não quer, então, que diferença faz? Se você não quer, não está sendo prejudicada.” “Eu nunca ia tirar a mamãe daqui.” Eu digo: “Podia um dia alguém, ou eu ou você, querer tirar, então a mamãe ficava com a maior parte. Então, eu acho que ele fez muito bem.” Aí é que ela ficou muito por conta. Quer dizer, então já teve esse problema de ela querer isso.

DN – Do inventário.

DM – Quando foi... aí tudo bem, ficou minha mãe lá, ela não falava mais no assunto, mas comigo ela falava. “Onde já se viu...”, o meu cunhado também falava: “Onde já se viu, o Sr. José fazer isso.” Aquilo rendeu gente, que vocês não podem calcular e eu falando “Que diferença faz, meio, dois oitavos ou três oitavos, se você não quer.” E foi passando, aí minha mãe morre. Minha mãe morre, aí era tudo para nós. Minha mãe morava num apartamento de dois quartos, edifício antigo, aqui na Dois de Dezembro, lá em cima. É verdade que era de fundos, mas dava para aquele colégio do Largo do Machado, então era assim claro. Eu me achei na obrigação de falar com ela uma coisa, eu digo: “Célia, até hoje você está naquele apartamento pequeno, você quer ficar morando no da mamãe? Você faz uma coisa, você fica, você faz a... vende ou faz obra, eu não tenho pressa se você quiser para morar, depois você vende o teu e aí você me paga a metade...”, não é, porque eu tinha direito a metade, “...aí você me paga a metade e eu vou ver o que eu vou fazer, mas aproveita que o apartamento...” “Eu, morar num apartamento de fundos? Morar no Catete? Eu, sair de Copacabana?” Eu disse: “Bom, você é quem sabe. Olha, então ainda tem outro jeito, eu não tenho pressa, você quer vender o teu e ficar morando aqui até você...” eu digo “...você com dinheiro você vende o teu e compra...” “Ah, eu não tenho coragem, eu quero ter o dinheiro na mão.” “Então você fica aqui até vender, depois você faz.” “Não.” Resultado, não fizeram nada até

hoje. Recebeu o dinheiro, eu comprei um apartamento pequenininho...

DN – Aí vocês venderam o apartamento da sua mãe?

DM – Vendemos, quer dizer, ficou metade para cada uma. Eu aproveitei, porque eu tenho essa coisa, essa responsabilidade de que se eu recebo, eu tenho que deixar. Por isso, que eu fiz aquilo também, era da minha sogra e eu fiz... te contei não foi? Que eu quero, eu acho que você tem a obrigação de deixar para o outro, é uma coisa que foi perdida com a família do meu marido e eu acho que não tem que ser perdida assim. Um esforço tão grande, que meu pai fez para comprar, o sacrifício que ele fez, eu não queria perder aquele dinheiro. Eu comprei um apartamento conjugadinho, pequenininho e tá alugado. Pronto. Agora, ela ficou na mesma história. E sempre na família era sempre ela..., família porque a família é tão pequena, é só eu e ela, temos duas primas. Ela não se dá muito com essa prima... uma é uma prima muito chique, que é da Andrade Gutierrez, então tem um vida tão....

### **Fita 3 – Lado B**

DM – A nossa família era eu, ela, meu cunhado e meu marido. Meu filho e a filha dela. Agora, meu filho mesmo disse: “Eu tenho uma prima que eu não tenho afinidade.” Porque nunca foram criados juntos, nunca ficaram juntos. Quando ia em Paquetá, que eu falei que eles frequentavam Paquetá, aí eles já eram grandes, eles não ficavam juntos, nunca ficaram juntos e é uma pena, não é? Porque é uma família pequena e nunca... agora essa minha prima, que é a única, minha mãe tinha três... meu marido era filho único, então não tinha família, do lado da... do meu lado, só eu e minha irmã só. Minha mãe tinham, eram três mulheres: minha mãe, que teve nós duas, a outra irmã, que tem essa filha que casou com a família Andrade Gutierrez e a outra, que casou com um judeu e também... essa tá sempre com a gente. Aliás, essa é a intermediária entre eu e essa outra minha prima. E a minha... e essa prima que casou com judeu, que é madrinha dessa, dessa minha sobrinha, mas nunca ficaram juntas também, por ser madrinha e tudo, não é? Eram para ser mais... E agora, embolei muito?

DN – Na família, várias mulheres, não é, também?

DM – Só mulheres. Só meus dois filhos homens.

DN – Só você que teve homens. Ô Dayse, eeh, você entraria agora, na diferença entre os teus dois filhos, que era o que você ia começar a falar na, no final da entrevista passada.

DM – Escuta, é que eu estou fazendo um outro trabalho, eu já, já, já ... eu falei do meu filho trabalhar numa lojinha na...

AP – Falou. Do japonês?

DM – É. Ah, já falei. Bom, quando os dois, porque eles tinham diferença de quatro anos. Essa diferença de quatro anos, quer dizer, quando o mais novo entrou na escola primária, aqui naquela escola pública, o outro já tava saindo, porque o outro já tava mais adiantado, era o quinto ano e ele saiu, quer dizer, então, ele já entrou no primeiro ano, então não tinha assim conhecimento. Quando eu ia, quando o filho mais velho tava na escola pública, que o outro ainda não estava, estava no Jardim da Infância, eu chegava

lá, eu tinha o cabelo preto, eu acho que eu contei isso, a professora olhava logo e dizia: “Ah, você é mãe do Jefferson, porque o Jefferson é isso, o Jefferson é aquilo e elogiava.” Bom, foi sempre assim a parte do Jefferson. No Pedro II eu não ia, quer dizer, não tinha conhecimento, ninguém me conhecia, mas eu via que ele tava muito bem, que o professor um dia chegou a falar, porque ele gostava já de pescar e o professor falava assim... fazia uma pergunta e só ele que respondia, fazia perguntas e só ele. Aí o professor disse: “Sabe de uma coisa, vou botar o Jefferson lá fora...”, ele não falava Jefferson “...vou botar o pescador lá fora, porque...” - ele ficou com o apelido de pescador ali - “...porque ele, só ele que responde e vocês não respondem.” Aí botou, botou ele lá fora. Aí passou uma pessoa e disse assim: “Que isso, Jefferson? Você aqui, o professor te botou para fora?” “É, mas ele botou para fora pelo contrário dos outros, porque só eu que respondo, então me botou para fora para mim não responder, porque os outros não respondem.” Aí a pessoa começou a rir daquilo tudo. Quer dizer, foi a única coisa que eu soube do Pedro II. E no fim do ano quando ele recebeu o diploma que eu fui lá, ele não tirou em primeiro, segundo lugar não, não recebeu prêmio nem nada, não era o primeiro na turma, não, mas tirou uma nota altíssima. Bom, quando o Anderson foi para a escola, aí começava as notas baixas, eu já tava vendo que tava baixa, tava baixa e eu perguntava pra ele, pra professora: “Não, ele está... eu tou achando que ele precisa de óculos.” Isso com sete, oito anos, ele já teve que botar os óculos, mas não foi a desculpa, porque depois dos óculos também ele continuava sempre com nota baixa, mas era o melhor amigo da professora, era o que ia apanhar o giz e aquilo tudo, então sempre foi amigo. Quando foi para o ginásio, a mesma coisa. Agora, lá em Paquetá, é que tinha diferença grande entre eles. Cada um tinha a sua turma. Aonde o Anderson ia...

DN – Até porque quatro anos faz muita diferença, não é?

DM – Também. Muita diferença também porque o outro era mais infantil e o outro já era um rapazinho e ele frequentava não sei se porque ele já tinha assim, uma cultura ou cabeça, eu não sei, ele frequentava que era a Praia do Catimbau. Na Praia do Catimbau, quem morava lá era um psiquiatra, com três filhos, que ele ficava na casa, morava a Paula Saldanha, que o pai era até um político, Aristides Saldanha, até por sinal, esse Aristides Saldanha, um dia esteve preso com meu marido, preso não, numa sala reservada, né? Mas ele já olhava assim de rabo de olho quando o meu marido passava lá em Paquetá. Bom, então, eram pessoas... e a mãe dela, da Paula, era a diretora da escola, então também tinha assim uma coisa, uma cultura melhor, o outro senhor, era o senhor que viria depois convidar ele para pescar e ele vivia ali. Então, o que ele fazia? Ele fazia torneio de pesca, ele tinha doze, treze anos, quatorze, doze, treze anos, todo ano, aí cada um dava um tanto e ele comprava um balde, uma coisa e fazia o torneio de pesca. Como sempre tinha que acontecer a turma do Anderson não ia lá, mas o Anderson tinha uma menina, que era levada, que era namorada dele e ela então queria pescar, aí o Jefferson sabia que ela era da pá virada, mas era levada mesmo, ele disse: “Não você não pode.” “Por que que eu não posso? Então eu vou estragar logo essa competição.” “Como é que você vai estragar? Você não vai estragar nada e não pode. É só o pessoal que já está inscrito e já acabou e não pode se inscrever mais.” Pois essa menina, quando começou, ninguém viu, ela estava em cima de uma árvore e lá de cima ela quebrava todos os galhos e jogava assim na água para embaralhar as linhas de todo mundo. Essa menina, um dia também, ela... o pai dela era sócio do iate, então ela frequentava o iate que era um baile de Carnaval, ele também ia. Uns dois anos eu ainda consegui pagar para ele entrar, que era sócio temporário, sócio veranista, então, ele ia. Pois um dia, os dois não

foram expulsos do iate? Porque estavam nuns amores lá dentro do salão que botaram os dois para fora. Eu fiquei...

DN – Por falta de decoro.

DM – É. Entendeu. Botaram para fora, mas eu acho que ela era moleca, entendeu? E ele também. Mas como ela era filha de militar, ela pôde voltar. Aí meu filho: “Se ela pôde voltar até o fim das férias, eu também vou.” E foi lá e brigou, porque se ela volta eu volto também, eu não namoro mais ela, nós já brigamos e pronto. Assim não ficaram mais namorando, era garoto de doze anos, era aquele namorinho. Então, aí pronto, então eles ficaram. Enquanto que o Jefferson estava em um ambiente completamente diferente, falando... já querendo falar inglês, já falava inglês e até esse senhor, esse médico dizendo para ele: “Vai aprender alemão.” Já botando na cabeça dele para falar alemão. “Ah, mas eu não posso, eu não posso pagar.” “Não tem dúvida, qual o livro que você mais gosta?” “‘O homem e o mar’.” “Então, você compra ‘o homem e o mar’ em inglês e compra em alemão, toma conta que esteja a mesma tradutora e você lê um e lê outro, lê um e lê outro que você vai.” Então, pessoas que puxavam muito por ele, não é? Então, olha, quem ensinou isso foi o médico psiquiatra não é, lembra bem disso. Bom, aí passou, o Anderson de um lado, o Jefferson de outro, quando o Anderson ficou doente, quando o Jefferson ficou doente...

DN – Na verdade, todos os dois tinham bastante amigos, se relacionavam bem com as pessoas...

DM – Tinham, tinham. Se davam bem. É que entre eles, as turmas eram...

DN – As turmas eram diferentes.

DM – Como diz você, até mesmo pela diferença de idade, mas o Anderson sempre com os mais levados. Quando... eu falei que paguei dois anos o iate, não é, pois ele sempre arranjava um jeito de alguém arranjar um barquinho, ele e os outros, e davam uma volta quase na ilha inteira, para poder entrar pelo mar, para poder ficar no iate clube. Então, sempre... ele nunca deixou de ir a baile por falta de dinheiro não. Mais tarde, essa mesma menina, quando ele já era bem rapazinho, acho que tinha uns dezoito anos, dezessete ou coisa assim, ela foi, ele foi um ano... porque aí ele já não frequentava mais Paquetá, mas foi lá, porque eu estava lá de férias, ele foi lá, aí falou com ela: “Como é? Eu quero entrar. Como é? Qual o jeito que você vai dar aí para eu entrar?” “Pode deixar.” Gente, ela era fotógrafa do Jornal do Brasil e ela tava fazendo um trabalho para um jornalzinho que tinha lá em Paquetá. “Pode vir lá para casa, na hora do baile, que você vai ser meu auxiliar.” Enfiou na, na, no pescoço dele, uma máquina fotográfica e entrou como ajudante dele para o iate. Eu não estou sabendo de nada, só sei que ele arranjou com a fulana que ia entrar. No dia seguinte, lá em Paquetá, porque era um edifício não era casa, “o Anderson está trabalhando como fotógrafo?” Eu disse: “Isso é coisa...” “Acho que sim. Não sei, você sabe que ele faz de tudo, né?” “Pois é, ele tirou nosso retrato a beça lá, dançando e tudo. Aí eu disse: “Anderson o que que você aprontou?” O pessoal: “Olha, você me arranja a fotografia.” Gente, aquela máquina não tinha filme, não é? Ele queria era entrar no baile, então ela deu uma máquina para ele e ele fazendo visagem de que estava tirando também para o jornalzinho. Quer dizer, sempre ele deu um jeito. No iate clube, também ele entrava pelo mar, não é, que eu falei, que eu botei ele de escoteiro e ele entrava pelo mar. O Jefferson começou a pescar

com esse senhor, que esse senhor chegou em Paquetá...Eu vou avançar na história do Jefferson um pedaço. O Jefferson pescava em Paquetá e todo mundo sabia disso. Nisso um senhor comprou uma casa nessa Praia do Catimbau. Quando ele chegou lá, era o ano em que ele estava fazendo vestibular. Ele tinha até que fazer aquele simulado e tudo. Um dia ele chegou em casa: “Mãe, imagine, o Seu Renault tá morando aí.” Eu disse: “Mas quem é Seu Renault?” “Seu Renault é um homem que pescou três vezes campeão de pesca subma, pesca de mar aberto e vão me apresentar a ele, já falaram pra ele que eu pesco e ele vai me convidar, se ele me convidar, eu não vou fazer o simulado, porque eu não vou perder a oportunidade de fazer uma pescaria dessa. Depois ele pode não me chamar mais e eu vou pescar com ele.” Eu disse: “Mas não vai fazer falta?” “Não vai fazer falta nenhuma.” Eu disse: “Tá bem, então você vai, se ele convidar.” Aí chega ele à tardinha: “Fui apresentado, quando apresentaram ‘Esse aqui, esse é o Renault, esse aqui é o Jefferson que pesca...’” Ele disse: “Quando eu apertei a mão dele eu falei ‘Eu sei que o senhor foi campeão de mil novecentos e pouco, mil novecentos e pouco, mil novecentos e pouco.’” O homem olhou pra ele: “Mas como é que você sabe? Você frequenta o iate clube?” Ele disse: “Não, mas eu leio tudo que é de pescaria.” “Olha, então você tem vontade de fazer uma pescaria, dessas de alto-mar, olha que é meia perigosa, não é qualquer um que pode ir porque passa mal.” “Não, eu estou acostumado, pode deixar que eu vou.” Deixa estar que esse senhor já tinha chamado outras pessoas que se diziam pescadores profissional lá em Paquetá e tinha passado mal. E quando passam mal lá no alto-mar, não tem dúvida, eles dão remédio e a pessoa dorme, quando vê já chegou aqui. Aí o Jefferson foi. Quando eles pescaram, o Jefferson na primeira vez, pescou um peixe enorme, e esse... mas já era uma competição. Então, o Jefferson não tava inscrito. Quem era o dono do peixe? Era o dono da lancha não é? Porque na hora que pescou, quem falou que pescou foi ele. “Então você não é... você não está inscrito, eu vou dizer que o peixe é meu. Nós temos que passar pelo iate clube antes de vir para Paquetá para pesar o peixe.” Esse peixe ganhou o prêmio, porque era enorme o peixe que ele pescou. Quer dizer, então pescador é muito supersticioso, você tem sorte, então começou a convidar ele sempre para pescar. Toda vida chamou ele para pescar. Depois eles pegaram esse peixe, levava para Paquetá depois que pesava, porque também tem isso falar que você pescou, o pescador não tem muita credibilidade não, tinha que pesar, tirar...

DN– História de pescador.

DM– É, história de pescador. Então, tirava a fotografia, ele tirou o retrato com esse peixe, entendeu? O dono da lancha, e ele ganhou e ele não passou mal na lancha. Pronto, era o que ele queria. Ele queria sempre que o Jefferson fosse pescar com ele. Isso de pescar e... aí que o Jefferson entra no iate clube. Mas o Jefferson entrava pela porta da sempre. Como ele queria e também queria estar sempre lá, porque cada vez que ele entrava lá, que entrasse tinha que ter autorização. Aí conversando com os outros, vamos fazer uma revistinha. Ele disse: “Revistinha, como é que é?” “Ah, é ‘Isca e Anzol’”. Agora, é que o material todo de pesca bom é de inglês e tem que ter um tradutor.” Ele disse: “Mas eu sou, pode deixar que eu faço a tradução. Bom, também tem uma coisa, eu faço a tradução. “Mas você vai querer cobrar?” Porque lá o pessoal é todo rico. “Não eu não cobro. Mas eu só quero uma coisa, eu quero um passe livre para o iate.” Então, por causa disso ele ganhou um passe livre, porque estava de ajudante da revista, ele entrava pela porta da frente. E o Anderson, o que que fazia? Chegava nos carros e entrava dentro da mala do carro e entrava. Dentro da mala do carro. Quando ele via que era uma pessoa para o iate, ele pedia e as pessoas também. Aí abria a porta do



carro... porque as pessoas podiam nem fazer isso se ele fosse uma pessoa acho que desagradável. Mas ele era uma pessoa agradável. Ele sempre foi assim um largado, mas ele sempre foi muito agradável com os outros, tanto que as pessoas... agora, lá eles nem se falavam. E tinha uma grande diferença também, não era só do irmão. A turma que saía pra pescar não é a turma do barco a vela, então, quando dá aquele tiro, às seis horas da manhã pras lanchas saírem ou eles estavam arrumando antes da pescaria, a turma do barco a vela: “ Assassinos, assassinos...” eles gritavam em coro: “Assassinos, assassinos...” e eles saíam para pescar. Agora, quando eles voltavam e que tinha peixe, bem que eles comiam. Mas tinha essa coisa. Lancheiro é uma coisa...

DN – Pescador é outra.

DM – ...e, vela..., velejador é outra coisa completamente diferente. Quer dizer, então tinham duas distâncias. Já tinham distância, então, dentro do iate nem se falavam. Imagina se eu vou falar que o meu irmão é um assassino, eu não falo que o meu irmão é um assassino, então tinha já essa diferença grande. E eu tinha medo, quando eu soube que o Anderson... posso entrar já na história do Jefferson?

DN – Pode.

DM – Bom, então vamos começar a história do Jefferson pelo princípio. O Jefferson estudou Geologia, fez no último ano, ele passou para Geologia em terceiro lugar, sendo que o primeiro nunca apareceu, naquela época era o professor que fazia pra pegar número pra, pra cursinho, que era muito badalado esse negócio de cursinho. Então ele automaticamente, ele foi o segundo lugar.

DN – E foi nesse ano que ele fez o Vestibular, nesse ano que ele conheceu o campeão de pesca?

DM – É. Ele fez esse ano. O Vestibular começava final de Dezembro e ele tava... no princípio de Dezembro, que ele foi pescar. Ele fez o Vestibular, passou em segundo lugar, eu estava em Paquetá, porque ainda era verão. Saiu o resultado, lá custa para chegar o jornal e tudo, só no dia seguinte, que foi difícil para conseguir, então foi uma festa, né? Saber que ele tinha passado e tava a nota lá em cima, porque ele era o terceiro, achou que ele tinha passado em terceiro lugar.

AP – E ele passou para onde?

DM – Escola de... eh, faculdade UFRJ de Geologia. E a Geologia só tinha trinta vagas. Quando ele foi falar que ia procurar Geologia, eu digo: “Geologia? O que que é isso?” Para dizer a verdade eu nem sabia o que vai fazer. Ele disse: “Ah, é pra ficar trabalhando no mato – por isso que eu digo que ele já gostava de natureza, para trabalhar ao ar livre – eu vou trabalhar em terra e tava todo feliz. Bom, entrou para a faculdade, foi primeiro... quando chega no ano seguinte, ele continuando a pescar, ganha um prêmio. Ganha um prêmio com uma passagem pra Paris.

DN – Prêmio...

DM – Para pescaria. Porque aí foi ele quem pescou, ele já tava inscrito, ele ganha um peixe. Esse peixe era enorme, tem o retrato dele, com o peixe naturalmente, com

balança oficial de lá, tudo bem. E ele, eu acho que teve sorte sempre na vida, que todos...porque era, era atum era o *seafish*, que foi o que ele pescou e tinha mais dois tipos, tinha Dourado e mais outro peixe. Então, esses quatro que ganharam o primeiro lugar, eles iam sortear uma passagem para Paris e ele falava: “Porque eu vou ganhar, porque eu quero conhecer Paris, porque eu vou ganhar. E vai ter um prêmio de, de, vai ter um sorteio e eu vou ganhar, eu vou ganhar.” Eu disse: “O que que adianta você ganhar a passagem, só se você ganhar o hotel e como é que é?” Ele tava na faculdade, eu não tinha dinheiro para ajudar ele, então ele conseguiu... quando na época do sorteio, eu não estava aqui, também não podia ser convidada para a entrega de prêmios não, era só o pessoal do iate. Eu estava viajando, quando eu voltei, ele corre com a mão assim atrás nas costas... “Adivinha!” Eu disse: “Pelo amor de Deus... – com troféu do lado e tudo - “Adivinha!” “... não vai me dizer que você ganhou a passagem?” “Ganhei.” Eu disse: “E agora? Falta um ano para você se formar, para se formar não...como é que você... e a passagem é para quando?” “Bom, eu tenho que ir até julho.” Eu digo: “Mas escuta, nós estamos no princípio do ano já, como – a festa foi em janeiro – como que você vai em Julho, não tenho dinheiro, não sei o que...” Era aquela época que você tinha que deixar um depósito pra viajar, tinha um outro nome. Você pra viajar deixava o dinheiro preso, depois o Governo te devolvia depois de um ano. Era uma coisa assim, teve esse Empréstimo Compulsório, tem o Empréstimo Compulsório, como é que você vai ficar?” “ Eu não sei, eu sei que eu vou.” Até dezembro, que era, até dezembro, porque dezembro era frio lá. Aí ele disse: “Bom, vou começar a batalhar para fazer, para eu conseguir ir.” Ele não conseguiu nada, a passagem já tava no fim, ele estava meio desanimado. Nisso eu conto para essa minha prima que casou com um judeu, que ela...Bom,(inteligível), né? Porque se eu for falar que casou com judeu... aí ela pegou, falou com a Iara, que é essa minha prima que vive viajando. Ela disse: “Imagina que o Jefferson ganhou uma passagem, que ele está...”

DN – Aí, ela falou com a prima que é casada com o Andrade Gutierrez.

DM – Andrade Gutierrez. Aí ela disse assim: “Olha, o Jefferson ganhou um prêmio e vai perder, porque ele tem que ir em Dezembro, mas em Dezembro ele não pode ir porque é a época das provas e ele não tem... tem que ter agasalho, tem que ter tudo, então tava complicado. Deixa estar que a mãe da Paula Saldanha: “Não, por causa de roupa você não vai deixar de ir não. Eu tenho tudo aqui do meu filho: casacão, bota, tudo aqui e você vai, por roupa você não vai deixar de ir.” E ele falando com os outros. Aí a minha prima disse assim: “Então, pergunta para ele, o que ele quer.” Ele não falou que ele queria dinheiro para ir para lá, não, ele disse: “Olha, só tem um jeito – porque isso foi logo no primeiro ano que ele tava lá, que ele ganhou o prêmio, então ele tava ainda, não conhecia a faculdade bem em julho, que foi isso o prêmio não é? Ele disse: “Bom, vamos...”

AP – Ele entrou na Universidade em 77, não foi isso?

DM – Eu acho que foi, a data eu tenho que olhar. Resultado ele pegou, começou... “Mas tem um jeito de eu conseguir dinheiro.” Falou para a minha prima: “Olha, eu preciso de um espaço de tempo, se você conseguir a passagem...” porque ela perguntou: “O que você quer?” “Se você conseguir mudar a data dessa passagem para as férias de julho, agosto, do ano seguinte, eu vou.” “Só isso que você quer?” “Só.” Ele não pediu dinheiro. Então o que que nós fizemos, eu fazia sempre trabalhos manuais. “Mamãe, eu vou comprar as camisas... a senhora compra as camisas na rua da Alfândega e eu vou

pintar Geologia, Geografia, todas as carreiras, não é?” E ele começou a vender camisa. Eu comprava e ele vendia, de noite ele esparramava tudo pela casa “que absurdo, não tenho dinheiro para ir”. A minha mãe, por sua vez, disse assim: “Olha, o que eu posso te ajudar é fazer uma coisa, um dinheiro que eu tenho na poupança.” Era um dinheiro pequeno que ela tinha, porque meu marido disse que não ia dar, aquilo quanto falou isso assim, “ Então, você dá o compulsório, um ano depois você recebe.” “Eu não, isso é loucura de vocês!” E não deu.” A minha mãe diz assim: “Você tem certeza que vão devolver um ano depois?” “Tenho vovó e a senhora pode estar certa, eu vou continuar a fazer camisa, todo mês eu lhe dou os juro, quando eles devolverem, aí eu lhe devolvo o dinheiro.” Então, no compulsório tava resolvido e ele começou a fazer camisa, fazer camisa, fazer camisa, fez, fez, fez, fez...

DN – Mas você é que fazia a camisa? Vendia a camisa?

DM – Não, comprar, comprar, eu digo fazer era pintar.

DN – É, então?

DM – Ele pintava a camisa toda.

DN -- Comprava a camisa pronta...

DM -- Eu comprava a camisa pronta

DN – Ah, e ele é que pintava?

DM – Ele é que pintava.

TOCA O TELEFONE – CORTE

DN – Pronto Dayse.

DM – Eu já me distraí. Eu estava falando das camisas.

DN – Das camisas.

DM – Eu comprava as camisas, ia para a Rua da Alfândega, vinha com aquele monte de camisa e à noite ele pintava e eu passava a ferro e assim foi indo de dezembro até agosto, que foi quando ele entrou de férias. Entrou de férias, mas tinha ainda que fazer, como é que se diz? Trabalho de campo? E ele fez, então ele saiu daqui já 15 de agosto. Eu digo: “Ihh, você só tem 15 dias.”

DN – Ele entrou de férias em agosto?

DM – Não, era julho não é? As férias de faculdade é julho. Ele tinha marcado...

DN – É julho e dezembro e janeiro.

DM – Mas ele havia marcado, teve aula de campo, como é que se diz?

DN – Estágio.

DM – Estágio, é. Então, ele foi para fora e atrasou um pouco ele já começou em agosto, ele só pôde ir...

DN – Aí perdeu dias de aula.

DM – Na volta ele perdeu, porque aí ele ficou o mês de agosto faltando. Mas acontece, que ele levou um pouco de dinheiro, né? Mas a mãe da Paula Saldanha, deu como é, Europa por vinte dólares por dia. Então, ele foi com o dinheiro e disse que não ia trazer presente para ninguém. A única pessoa para quem ele ia trazer presente – “Mãe, a senhora não vai levar a mal, vai ser... eu vou trazer presente para a vovó, que a amiga dela pediu que era a Pietá.” A amiga da minha mãe disse assim: “Ah, você traz uma Pietá para mim?” “Está bem, mas eu não tenho dinheiro.” “Não, mas eu te dou o dinheiro.” Trouxe para ela. Quando ele viu que era uma coisa barata, porque o camelô que vende na rua, ele então chegou aqui e disse: “Mamãe, eu trouxe um presente para a senhora, para a senhora eu trouxe até um presente da Suíça. Eu digo: “Meu Deus, será que ele comprou um relógio?” Foi logo o que eu pensei, mas ele não tinha dinheiro. “O presente da vovó é igual ao da D. Fulana, eu trouxe para ela e para a senhora eu trouxe...” Era um chocolate desse tamanho assim, quer dizer... “A única pessoa que eu trouxe um presente também que eu comprei, foi a única criança. Eu trouxe para o mais velho que é a vovó e o mais novo, que é o Bruno, que era já o sobrinho não é, da... meu sobrinho. Filho da minha sobrinha. Trouxe um pirulito, era um pirulito que era uma novidade porque era desse tamanho. Trouxe então, um pirulito para ele, um chocalatinho para mim e um negócio... essa imagem para a minha mãe. Não trouxe nada porque tudo que ele podia andar ele andou. Ia de, de... dormia no trem, entendeu? Porque aqui já estava pessoa falando que foi planejado, não é? Dormir... Eu sei que ele andou à beça. Quando ele voltou ele disse: “Bom, agora, se Deus quiser, quando eu trabalhar, eu vou pra, pra, eu vou fazer essa viagem de outra maneira...”

DN – De novo e com dinheiro.

DM – ...com dinheiro no bolso, porque eu não pude ver muita coisa que eu queria ver.” Eu disse: “Está bom.” Então ele...

DN – Ele ficou um mês viajando?

DM – Ficou um mês viajando. “Você ficou faltando aula.” “Não se incomode que eu vou pegar.” E realmente nunca fez falta.

DN – Depois recupera, né?

DM – Aí foi indo, foi indo a faculdade, quando chegou no penúltimo ano, são cinco anos né? A faculdade de Geologia são cinco?

DN – É, não sei. Acho que são cinco.

DM – Quando chegou no final do quarto ano. Ele tava querendo... a Petrobrás abriu pela primeira vez um concurso pra estudante de Geologia, mas tinha que fazer a prova, era no Brasil inteiro, eram só trinta pessoas, olha só, trinta pessoas no Brasil inteiro para

fazer essa prova. Os trinta melhores notas iriam pra Salvador. Aí os colegas dele, aqueles que não tinham... “Eu vou tirar meu diploma de baiano? Eu não vou fazer esse concurso.” “Ah, faço, não faço.” A maioria não sei nem se fez, se não fez, porque ele viu poucas pessoas fazendo daqui do Rio. Bom, não preciso nem dizer que ele passou no concurso. Passou no concurso. “Então, agora eu vou morar na Bahia.” Eu acho que isso também, ele já sabia que tinha que ir para lá, eu acho que isso também, que nessa altura ele já estava por aqui com o pai sempre segurando, tava em faculdade, em Paquetá, mas ele voltava às dez horas, né? Continuava...

DN – Ah, ele ainda voltava às dez horas, mesmo estando na faculdade...

DM – Voltava às dez horas. É. Aí ele já não ia tanto...

DN – ...que significava que já tinha dezoito, dezenove, vinte anos.

DM – Aí, já a desculpa de vir para o iate pescar, ele já procurava não ir, ficava aqui, entendeu? Que era para poder se livrar um pouco do pai. Muito bem, faz a prova e passa. Aí vai morar na Bahia. Como que vai morar na Bahia? Mas ganhava, ele tinha um ordenado. E fazer o último ano lá, tirando o diploma lá da Bahia e tinha um curso a parte que era da Petrobrás, que era feito lá. Então, ele fez as duas coisas. Fez, telefonava, escrevia e tudo isso. Veio nas férias de... não veio de férias daquele ano, porque o curso aí se intensificou. Quando foi no fim do ano na formatura, eu acho que foi a primeira vez que falei alto “Eu tô vendo que o Anderson não vai se formar, eu não vou à formatura do Jefferson? Ah, eu vou!” E ele: “Vem mãe. Vem, vem, vem.” E a formatura lá atrasou, a formatura lá era em Janeiro, ele veio passar o ano aqui e falou: “Pai, não é possível, né? O senhor não vai deixar... o senhor não quer ir?” Ele disse: “Não, eu não vou.” Quando eu viajava, quando o Jefferson estava lá, teve um ano que nós fizemos uma viagem para o Nordeste que nós fomos lá para visitá-lo. Ele disse: “Vamos até lá em casa.” Pegamos o táxi, eu saí da excursão e fomos até lá na casa onde ele morava. Eram oito rapazes, cada um tinha um colchonete, umas almofadas grandes...Eu digo: “Meu Deus, mas que almofadas bonitas!” Aí eles começaram: “São as vizinhas.” Já pensou, oito rapazes do Rio de Janeiro, como é que as baianas ficaram assanhadas? Então, elas iam pra lá ajudar. “A vizinha é que faz isso” eles sempre diziam: “As vizinhas...” Quando eu fui lá, conheci todas vizinhas, aí meu marido: “Vamos embora.” “Vamos, papai, que eu vou levar o senhor.” O rapaz, colega dele disse assim: “Escuta, Jefferson, toma a chave – porque um deles tinha carro – toma, leva teu pai para o hotel.” “O quê? Você está dirigindo? Você nunca aprendeu a dirigir?” “Mas papai...” E os colegas: “Não é possível, pode ir, nós vamos todo dia para a faculdade, cada dia é um que dirige, ele dirige muito bem, pode ir.” Sabe que meu marido largou a gente falando lá e começou a descer uma ladeira, ele já tava ruim, hein?! Ele não andava muito bem não. Pois ele desceu a ladeira, eu tive que sair correndo com o Jefferson para pegar ele lá embaixo, com medo que ele caísse, para pegar um táxi e ir embora.

DN – Ele se recusou a ir no carro.

DM – Se recusou a ir com o filho. “Mas ele não tem carteira, como é que vai dirigir?” Bom, voltou... Isso foi no meio do ano, mais ou menos. Quando foi no fim do ano “Pai, o senhor não vai dizer que a mamãe vai... se precisar eu pago até a passagem dela, mas ela vai. Já que o senhor não quer ir, o senhor quando foi lá não quis nem andar no carro

que eu estava dirigindo.” “Não, eu não vou, de jeito nenhum eu vou.” Ele disse: “Então, a mamãe vai. Vai a mãe de fulano também aqui do lado, e vai então, vamos juntos, tudo direitinho.” E eu fui à formatura. A formatura... o baiano é muito bairrista, né? Então foi na faculdade de Medicina da Bahia, um lugar lindo, todo de ouro, parecia até igreja, foi maravilhoso. Só para contar um detalhe aí, que todo mundo recebia o diploma todo mundo batia palma, todo mundo batia palma Um dos rapazes, batiam palma e não paravam, não paravam de bater palma. Aí, eu disse: “O que que houve? Esse rapaz é o primeiro aluno?” “Não, foi o único que não foi aproveitado o emprego da Petrobrás. Porque eles falaram, porque quando ele tinha 12 anos, ele foi visitar na Ru.. ele foi a Rússia, porque o pai dele era russo, então não aceitaram ele.” Todo mundo ficou espantado, porque o pai era russo, então ele não podia ser funcionário da Petrobrás? Depois nós soubemos que eles fiscalizaram a vida de todos eles. Quer dizer...

DN – Na verdade, esse estágio, esse concurso que ele fez, ele acabou virando geólogo da Petrobrás?

DM – Já estava prometido que se eles passassem na prova... na faculdade, passava de ano tudo bem, precisava passar na faculdade e precisava passar nas provas que a Petrobrás fazia no estágio...

DN – Para ser...

DM – ... pra poder ficar, então, aí ele foi aproveitado. Aí ele disse: Bom, eu vou me embora, depois da formatura – e ele ficou lá para cuidar dos papéis – Nós vamos fazer uma coisa, mãe, eu vou pedir pra Natal.” Eu digo: “O quê? Todo mundo querendo vir para o Rio de Janeiro e você querendo ir pra Natal. Todos os cariocas, tinham uns quatro ou cinco, porque só tem Geologia aqui e na Rural, né? Então foram três da Rural e dois daqui. Foram cinco cariocas, o resto foi do Brasil inteiro, Rio Grande do Sul e todos outros Estados. Ele disse: “Mãe, eu vou pedir para ir para Natal.” “Para Natal, por que?” “Porque lá eu vou trabalhar quinze dias, vou trabalhar no mar e quinze dias eu fico morando em um lugar calmo. O que que eu vou fazer no Rio de Janeiro? Sabe o que que é no Rio de Janeiro? É para me botar dentro do Fundão, com ar-condicionado e eu vou ser um preso lá dentro. E eu não quero, eu não quero trabalhar com ar-condicionado. Eu não quero, porque não quero.” Muito bem, eu vim embora. Também era época de verão...

DN – Aí, ele foi trabalhar na plataforma?

DM – Foi nada. Não deixaram. Pela nota dele, ele não ia ser peão. Ele me liga: “Escreve, telefona para Paquetá para essa casa que não tinha telefone dizendo que ele ia voltar dia tal de mala e cuia. E que ia para Paquetá. Eu digo: “O que quer dizer mala e cuia, meu Deus do Céu. Ele vem de vez? Será?” E ele chegou, justamente... nem parou aqui e foi direto para Paquetá, por conta da vida, porque pela nota dele não deixaram ele ir para a Plataforma, ele tinha que ir para o Centro de Pesquisas. Mas deixa estar que um moço e uma moça que começaram a namorar e iam se casar. Um foi para Natal e o outro para o Rio. Então, ele ia, marcou com a moça para se apresentar na Petrobrás para trocar. Ele ia para Natal e deixava ela aqui. Chegaram lá, não aceitaram. “Não temos nada com isso, se você namora, se você...” “Nós vamos casar.” “Não, se você casar depois, a gente vai ver tudo, mas não, o Jefferson fica aqui e você vai para Natal. Não adiantou ele querer trocar. Então ele ficou aí. Quando ele foi se apresentar para o

trabalho, ela disse: “Você tem que fazer uma prova de inglês. Tem que tirar no mínimo trinta pontos, trezentos pontos. É aquele Toffel, para saber inglês. Quem passar nessa prova vai para os Estados Unidos fazer Pós-Graduação.” Ele disse: “Trezentos pontos. Quando que é a prova?” Aí foi todo mundo começar: “Ah, não corre não. Tem tempo para fazer essa prova, não precisa ser agora.” Olha, que ele tinha entrado no princípio do ano, hein? Ele entrou no princípio do ano, isso para você marcar bem a... foi em 81. Aí ele se formou...

#### **Fita 4 – Lado A**

DM – ...Bom, ele se apresentou na Petrobrás e disseram que tinha que fazer a prova de inglês, chama-se Toeffel. Essa prova vinha dos Estados Unidos (abafado) e vinha a resposta. Aí, ele ficou, e é uma prova, demorou, porque não é sempre que tem, entendeu? Ele fez a prova, a maioria dos colegas não fizeram e lá dentro, quem tava trabalhando, disse: “Ah, eu não...” Aí, começou a perguntar: “Você já fez?” “Você já teve que fazer?” “Eu não fiz não porque tem que tirar 300 pontos, eu vou fazer escondido em São Paulo, se eu passar lá em São Paulo, aí eu trago o resultado da prova, mas vai ser muito chato se eu tirar poucos pontos”.

DN– Isso foi ele falando?

DM – É, os outros falando, ia fazer em São Paulo. Os outros estavam com medo de fazer a prova e não tirar uma nota, entendeu? Que tinha que ter 300 pontos. Aí ele disse: “Bom, qualquer hora vai chegar, hein? Qualquer hora vai chegar o resultado da minha prova”. Isso ele morava comigo também, né? Que ele tava começando, veio de lá, tava trabalhando mas não sabia ainda o que que ele ia fazer da vida dele.

AP – O Anderson ainda morava com vocês também?

DM– O Anderson morava, mas o Anderson nessa época já estava de barco muito longe, ia, voltava, dificilmente vinha para casa...

DN– Só passava em casa.

DM – Era só de passagem, só aparecia, deu logo o grito dele do Ipiranga. Bom, aí o Jefferson fez a prova, esperei o resultado, telefonaram, falando do resultado da prova. Aí eu digo: “Jefferson, olha, saiu o resultado”. Ele disse assim: “Então lê, mas pera aí, lê, lê de trás para frente”. Eu digo: “seis, dois, cinco.” “Mãe eu disse para a senhora ler de trás para frente.” Eu digo: “Eu estou lendo!” “Não, eu não posso ter tirado 600 pontos, eu tirei foi 500. Se eu tirei 500 já é muito! Tá, tá bem, depois eu vou ver”. Porque estava escrito score, está escrito score, eu li...Bom, tudo isso. Quando ele chegou em casa que ele pegou tinha 625 pontos ele disse: “Não é possível! Nunca ninguém tirou isso.Como é que vai ser? Só quero ver a cara do meu chefe, quando eu botar lá! Eu vou levar, vou botar na mesa dele, - e olhando - depois eu ligo para a senhora”. Aí botou lá e tocou para mim “mãe, ele nem abriu na minha frente, não sei qual foi a reação”. Mas ele tocou logo, isso foi de manhã, aí ele almoçava lá, que era lá dentro que tinha o refeitório “...quando eu cheguei no refeitório todo mundo dizendo, você é que é o Jefferson? É verdade que você tirou 625 pontos? Teu nome é Jefferson... você é descendente de inglês?” “Que nada! Foi minha mãe que me botou com sete anos pra estudar, eu já fui logo com sete anos estudar inglês, por isso que eu devo ter tirado”.

Aí tinha gente lá: “Ah, isso é marmelada” e ele escutava uma porção de piadinhas, porque não é possível ter tirado 600, nunca ninguém tirou 600, o máximo que foi, foi 500, como é que ele tirou 600? E ficou aquela história dele ter tirado uma nota alta. Aí, foi chamado depois de uns 10 dias, ele disse: “Olha, Jefferson (?), nós vamos arrumar tudo, você tirou a maior nota...”- Deixa estar que quem concorreu com ele também eram pessoas que estavam dois, três anos lá, né? Aí como ele tirou a maior nota ele foi escolhido. Aí, ele foi escolhido para fazer pós-graduação lá.- “Você vai, as aulas começam em agosto lá. Então você vai e em agosto você já vai viajar.” Então, ele disse: “Mas, já?” Quer dizer, ele trabalhou ali seis meses, nem bem seis meses, né? Mas trabalhou meio ano ali e já foi logo embora. E a chefe dele, porque tinham as salas separadas, a chefe torcia por ele, era uma pessoa que gostava dele e tudo, então eles enfeitavam a sala com, com... ele queria levar um aquário, ela disse que aquário não, porque dá trabalho, as plantas tinham quem molhasse, então ficou amiga dele. E nessa época que ele ia viajar, essa moça morava em Copacabana e ele tinha arranjado uma namorada que era em frente a casa dela. Um dia ele chegou e contou para ela assim: “Escuta, pensa que eu não vi, três horas da manhã a luz tava acesa lá na tua casa”. “Que luz acesa o que! Três horas da manhã eu tava dormindo.” Ai ela disse: “Ah, eu já vi, a luz acesa é do aquário”. Quando ela falou que tinha um aquário que ele também queria botar um aquário lá.

DN – Na sala dele.

DM – É, na sala do trabalho que ele queria botar. Quer dizer, então, eles ficaram amigos e tudo. Foi embora para os Estados Unidos. Quando ele estava lá ele tinha que pedir muita coisa aqui, material, isso e aquilo, porque ele foi pra Houston. Ele não foi pra Houston era a sede da Petrobrás, que é lugar de petróleo nos Estados Unidos, ele foi pra... Austin que era pertinho. “Austin!”- ele disse - “É uma droga! Isso aqui é horrível. Eu não vou ficar, que a casa que arrumaram para mim, eu fico sufocado aqui...” porque a casa era muito seca, não sei o que era “...tem um lago... eu vou mudar de casa, eu vou pagar uma diferença mas eu vou...” porque eles davam tudo lá.

DN – Era a casa da Petrobrás, a Petrobrás que pagava.

DM – É, agora, aqui, o ordenado dele, eu fui fazer procuração e tudo, porque eu recebia o ordenado dele todo aqui e ele recebia outro ordenado lá. Antes dele ir embora eu disse: “Você vai comprar um apartamento.” “Eu não vou comprar nada.” “Se você não comprar, eu vou comprar o dinheiro que tiver, hein?”. A conta minha era junto a conta dele de poupança era junto com a minha, então, abriu uma poupança, juntou o pouco dinheiro que ele tinha, recebia por mês, era um ordenado bom, naquela época a Petrobrás pagava bem eu já dizendo que ia comprar. “A senhora vai comprar um apartamento para mim?” Eu digo: “Nem que seja lá na Av. Mem de Sá. Qualquer lugar, o mais barato, eu vou comprar.” Um dia ele, antes de viajar ele disse: “Mãe, comprei um apartamento.” Eu disse: “O que?” “Comprei um apartamento em construção.” Eu digo: “Aonde?” “Perto da Lagoa.” Eu digo: “Meu Deus!! E o dinheiro vai dar?” Lagoa para mim era um lugar caríssimo, era na saída daquele... tinha um viaduto e era numa ruazinha logo ali atrás da... “Não, em construção, a prestação é tanto.” Eu digo: “E por mês, sabe que depois tem as parcelas...” “Não, eu já fiz as contas, vai dar, o dinheiro vai dar tudo direitinho”. Mas deixa estar, que foi a época que o dólar subia, subia, subia subia, subia, subia e o ordenado, o dinheiro ficava pouco, quase que ele perdeu o apartamento. Aí eu falava com ele: “O dinheiro não está dando, Jefferson, pra pagar,



você guarda o dinheiro aí”. Mas deixa estar que, o tempo que ele tava lá ele todo Sábado e todo Domingo ele ia viajar. Ele dizia: “Eu já tô num lugar que eu não gosto...” tudo que vocês possam imaginar nos Estados Unidos ele foi ver, viu tudo que tinha para ver, foi até... que tinha até um programa de televisão que era um grande...era o Grande Canyon, mas era um parque dos Flinstones, uma coisa assim, que tinha um urso,aquilo tudo, ele foi pra aquilo tudo. Andava, andava, conheceu logo no princípio pegando o pessoal, que também tinham outros da Petrobrás, um casal, levou ele para... logo depois teve o feriado de, de...que eles...come é? Não sei que Cristo... É um que tem em outubro, que a gen...

AP - Ação de Graças?

DM - É. Dia de Ação de Graças pra nós, lá eles tem outro nome. E depois tem Natal. Natal ele foi conhecer Washington, até tirou um retrato que depois botou na, na na Petrobrás, na sala dele, era Casa Branca e uma mendiga bem sentada assim na porta. Só que não tinha cara de mendiga, porque fazia frio, então ela tava bem vestida com umas sacolas assim, mas ele disse que era mendiga mesmo que tava lá. Então, ele ficou lá uns dois anos...Quer fazer alguma pergunta de lá?

DN – Não, eu ia perguntar quanto tempo ele ficou lá.

DM – Ele ficou dois anos lá fazendo a pós-graduação, e veio embora. Quando ele veio no aeroporto, o Anderson foi comigo esperar e, realmente, eu tô procurando, ele disse: “Mãe, está vendo o Jefferson ali, olha lá, olha lá como ele está gordo.” Ele tava enorme de gordo, não sei se era a alimentação, o que que era, eu digo: “Puxa, é mesmo!” Porque ele sempre foi muito magro, ele veio gordo de lá. Já aquilo, estranhei dele tá gordo, tá gordo tá ótimo.Ele disse: “ É aquela comida, que a gente come tudo com gordura...” Tudo bem. Voltou pra trabalhar. Quando ele voltou pra trabalhar, ele já ficou na sala dessa pessoa mesmo, começou trabalhar...

DN – Essa pessoa é qual? Essa moça...

DM – A chefe.

DN - Aque tinha aquário...

AP– Isso foi em 1983, né? 1983 que ele voltou da pós-graduação.

DM – É, mais ou menos em 83 que ele voltou...Não, já era 84, porque já foi no fim do ano, ele ficou... porque lá terminava em agosto, né? Parece, as coisas...

DN - É, ele foi em agosto e voltou...

DM - E ele ficou faltando qualquer coisa da tese, então ele voltou em 84, ele voltou em 84 e aí ficou três anos aqui trabalhando. Nisso, quando ele chegou de lá, eu digo: “E agora, o apartamento? Vamos vender!” Porque ele tinha dito: “Vende, que a senhora tem a procuração”. Eu digo: “Escuta...”

DN – E o apartamento tava pronto?

DM– Tava quase pronto e aí tinha que fazer, eh, aquela área de recreação, então tinha que comprar isso, a portaria também não tava incluída e ele não tinha o dinheiro para pagar, não tinha mesmo, tudo que ele...

DN– E os dólares que ele ganhou lá ele gastou...(risos)

DM – Gastou tudo! Ele veio com o mínimo, uma miserinha, ele disse que tinha que aproveitar tudo.

DN - Tá certo...

DM - Esse aproveitar tudo eu já não sei se já queria dizer alguma coisa, então, quando ele veio... como sempre, nós sempre muito unidos, então ele falava: “Então, não vamos...” Ele falou para o porteiro: “Escuta, se alguém aparecer pra comprar, você diz que tem um apartamento aí...” Ele disse: “Ih já tem 3”. Eu digo: “Jefferson, oferece alguma coisa pra ele”. Aí, fui eu e ele pra ver o apartamento, ainda fui ver e eu disse para o porteiro: “Escuta, vê se você bota (?) que nós vamos dar uma gratificação, em vez de dar para o corretor nós damos para você”. Ele disse: “Ah, té que seria bom, que eu tô precisando tanto de uma geladeira”. O Jefferson, mais que depressa: “Eu dou a geladeira pra você, se você vender o meu apartamento”. Porque, o porteiro, em vez de mostrar os outros, mostrava o dele, né? Resultado, botamos um anúncio, ele ficou sentado com uma cadeirinha de praia lá, levou uma garrafa de Coca-Cola, uns biscoitos e eu em casa por telefone dando o endereço para ir ver. Quando uma moça toca e diz para mim: “Olha, eu vou ficar com o apartamento”. Ele só ficou um dia lá para vender o apartamento, porque quando as pessoas passavam, falavam do anúncio, eu não sei quem foi que... a moça que foi, gostou e disse que queria ficar... Eu digo: “Olha, tá bem. Então eu vou avisar a ele, a senhora vai ficar mesmo?” “Tá, então eu encontro amanhã...” Eu digo: “Taí, amanhã às tantas horas você pode vir que ele encontra contigo e resolve”. Aí fui correndo lá, e disse: “O apartamento tá vendido.” “Não é possível.” “É uma moça...” Ele disse: “É uma moça que vai casar?” Eu digo: “Essa mesma”. Ele disse “Foi o porteiro quem mandou, essa não veio pelo anúncio” Então tudo bem. Aí, vendeu o apartamento, deu o dinheiro da geladeira para o rapaz, vendeu o apartamento e ficou livre disso, mas ele também não queria ficar morando lá em casa. O que que ele fez? Queria ainda o Iate Clube, ele foi morar perto do Iate Clube naquela ruazinha que tem o cinema, uma rua sem fim e ele disse...

DN – No cinema Veneza?

DM– É. E aí, aqui, agora, falando e depois eu pensando nisso ele disse: “Eu não quero entrar em dívida. Eu vou comprar com o dinheiro que eu tenho”. Ele tinha pouco dinheiro, porque ele só recebeu o dinheiro que ele empregou e mais umas, um pouquinho mais. Então, era uma, uma, uma quantia pequena. O que que ele fez? Ele não podia, porque lá era um apartamento novo, com garagem, com tudo, ele começou a procurar em volta do Iate, na Urca, na Urca não dava, ele comprou um apartamento de terceiro andar com escada, porque era o único que o dinheiro... também eu vou comprar e vou acabar e, conforme eu for recebendo o dinheiro do ordenado eu vou arrumando o apartamento como eu quero. Arrumou o apartamento, quebrou todo o chão, botou ardósia no chão, fez tudo que ele tinha que fazer no apartamento, quando, a colega dele, essa que era chefe dele disse: “D. Dayse a senhora tem visto o Jefferson?” Eu digo:

“Não, por que?” “Ele não está bem de saúde.” Eu digo: “Ele me disse que ele ia ao médico, ia na Beneficência ver negócio de estômago...” “Pois é, mas ele tem qualquer coisa errada, porque ele está magro demais!” Eu digo: “Ué! Eu vou chamar ele pra almoçar aqui pra mim ver, porque ele não tem vindo, antigamente ele vinha sempre...”

DN – Já fazia tempo que você não via.

DM– ...Ele dizia que estava ocupado... Fazia assim um mês e pouco, uma coisa assim. Eu digo ele vai ter que vir aqui mesmo, que já era o aniversário dele, era 8 de novembro, ele vai sempre... “Ah, a senhora vai mandar o bolo?” Eu disse: “Vou, vou mandar o bolo, eu vou falar para ele vir aqui antes”. Aí ele foi antes e eu notei que ele estava... mas ele sempre foi magro, eu não me espantei, não era mais aquele gordo, quer dizer, ele era magro, mas ele era magro. Meu marido disse: “Mas como você está magro!” Ele disse: “Ah é, eu ando com uma dor de barriga que eu não sei o que que é, eu vivo no banheiro.” Tava lá, foi no banheiro, tava lá, foi no banheiro, e eu: “Toma isso, toma aquilo...” E ele disse: “Eu estou indo no médico e eu vou levar, eu vou fazer os exames, vou começar a fazer os exames na Beneficência. Agora a gente sabe... bom, tem mais quinze minutos. Esses exames não saíam nunca! “Como é, e o resultado?” Nada. “E o resultado?” Nada. A Beneficência Portuguesa, eu era sócia e os dois garotos eram sócios, então, eu conhecia bem a Beneficência e um dia encontrando com uma amiga na rua eu falei: “Pois é, o Jefferson tá trabalhando, tá, tá indo na Beneficência, não tá bem.” Ela disse: “Quem é a médica dele?” Eu digo: “Pois é, esses exames não saem, é dona Maria Franco. Ela olhou para mim e disse assim: “Ih, ela foi médica do meu marido.” Eu sabia que ele tinha morrido de câncer. Eu digo “É ela que está tratando dele?” Eu disse: “É, é ela que está tratando.” Ela disse: “Ah bom, ela é clínica médica, não vai se assustar não. Mas ela é tão simpática, vai lá, vai falar com ela porque que não sai o exame...” Aí eu já fiquei apavorada, “Meu Deus será que é câncer?” Meu pai tinha morrido de câncer, meu sogro, minha, minha sogra morreu de, de câncer, a minha avó. Aí eu fui falar com ela.

DN – Isso sem o Jefferson saber?

DM – Sem saber, porque eu era sócia. Que que eu fiz? Peguei um número pra ela, cheguei lá sentei. Quando cheguei na frente dela, ela começou a procurar a minha ficha. Eu digo: “Olha não procura a minha ficha não, não procura a minha ficha porque eu vim aqui não é por minha causa, é que meu filho fez um exame, eu soube, eu sou amiga da Sílfi da, foi ela quem me animou vir aqui conversar contigo porque...” - era uma moça bem nova - “...mandou que eu viesse aqui conversar contigo porque que não sai o resultado”. Ela pegou: “Eu queria mesmo falar com a senhora, eu queria até lhe telefonar...” Eu disse: “Mas você não tem meu telefone” “O telefone dele...” “Não, ele não mora comigo, eu nunca podia você não ia me encontrar, então foi bom... Não, foi bom eu vir porque...” “Eu não sei o que que eu vou fazer, porque ele não dá chance, ele já veio 3 vezes aqui, eu tô pra falar com ele e ele não fala o que ele tem”. Aí eu já tava certa...

DN – Mas quem falou isso, a médica?

DM – A médica. “Eu tenho que falar para ele o resultado do exame”.

DN – E o Jefferson não dava chance a ela ...

DM – Não dava chance dela falar. Ele estava muito sério, ela fazia perguntas pra ele, ele truncava e não tinha chance de falar. Eu digo: “Mas faz tempo!” Ela disse: “Faz tempo, ele já veio duas vezes e eu disse que o exame não tava pronto porque eu não sei como falar”. “Ele está com câncer não?” Ela disse: “Não, pior!” Eu disse: “Pelo amor de Deus, pior que câncer? O que que pode ser pior que câncer?” Olha, eu não sei porque eu que falei Aids, não foi ela, eu falei: “Mas, tá com Aids?” Ela disse “É.” Eu disse: “Mas, pra aí... Aids, o que que é Aids?” Ela disse assim: “Bom, é uma doença nova que nós estamos começando a tratar agora e é uma coisa que nós não sabemos ainda e pelo que ele me disse, ele me falou que teve nos Estados Unidos...” Eu digo: “Teve.” “Então, pelo eu que vi, pelo que ele me contou... quer dizer, ele contou que esteve nos Estados Unidos...” Ela quis puxar, ele que não deu chance, aí ela disse: “Eu não pude falar com ele, mas ele está com Aids.” Eu digo: “E como é que fica?” “Nós não sabemos, ele pode viver 3 meses, pode viver 6 meses, pode viver 1 ano que nós não sabemos. Agora, ele já está muito afetado, o estômago dele está todo tomado com candidíase e ele está a boca e tudo.” Eu digo: “Pois é, porque quando ele começou a não se sentir bem ele foi no dentista e o dentista que mandou ele para o médico de estômago, foi por isso que ele veio pra cá”. Ela disse: “Foi, foi isso que ele me contou, que ele estava com mal hálito e estava com coisas na boca e o médico que mandou... é Aids”.

DN – Pela diarreia ele não tinha ido ao médico ainda?

DM – Eu acho que não, ou então juntou, falou pra ela com certeza, ela juntou, estômago, diarreia, tudo, a única coisa que ele me disse que era diarreia e falou do mal hálito, do problema do estômago.

AP – Isso foi quando, Dayse? Muito antes dele falecer?

DM – Isso foi no finalzinho, novembro de, de, de ... falei que ele morreu... foi...

AP – 87.

DM – Então foi 86, finalzinho de 86. Ele ainda levou bolo de aniversário dele em novembro de 86 e aí, essa história foi parar já em 87, porque já foi janeiro, que ele já tava indo ao médico... eu fui em dezembro, quer dizer, 86, então, dezembro de 86 ele já tava com o problema e eu sabia. E agora? O que que eu faço? Aí, nem preciso dizer que eu saí de lá chorando, pela rua chorando, e o que que eu faço, que que eu faço...

DN – Você já tinha ouvido falar em Aids? Você tinha alguma informação?

DM – Eu ouvi falar assim... Nada! Informação nenhuma, só escutei falar que tinha uma doença que se chamava Aids e que estava agrassando nos Estados Unidos. Quando ela me disse...

DN – E que acometia homossexuais?

DM – Aí é que foi o grande problema.

DN – Era a doença, nessa época ainda, era doença de homossexuais.

DM – Só se falava de homossexuais. Aí, além da Aids, foi aquilo, será que ele é? Será

que não é? O que que é isso, o que que não é, e com quem que eu vou falar? Eu não posso chegar em casa... Eu cheguei em casa chorando, eu digo, tenho que prevenir logo o Jorge. “Bom, eu fui lá e ela disse que ele está com câncer”. “Tá com câncer?” Eu disse: “É, tá com câncer, agora, não vamos falar nada pra a mamãe, vamos falar pra a mamãe que ele está doente do estômago só e pronto, não vou falar nada, agora pra você fala que ele tá com, com câncer”. E eu sozinha, que que eu faço? O Anderson nessa altura, porque o Anderson, aquela parte que eu já falei, a parte boa dele, que ele sempre cuidou das pessoas, eu não falei que em Paquetá ele comprava mercúrio cromo, tudo, uma pessoa na Marina da Glória estava com hepatite e era um estrangeiro com hepatite, ficou horrorizado, nós aqui não ligamos muito, mas ele ficou horrorizado, então não podia sair de barco, pediu pro Anderson arranjar uma casa para ele, para ele alugar em temporada e ele alugou em Santa Teresa e o Anderson tava sempre lá para ajudar ele a fazer compras, a levar no médico, o Anderson acompanhava sempre esse homem, eu sabia que tinha um telefone, toquei para o Anderson dois dias depois, ainda fiquei, não sabia o que ia fazer, toquei: “Anderson, aconteceu uma coisa horrível, vem aqui porque o Jefferson está com Aids e eu não tenho com quem falar”. Ele disse: “Eu já vou”.

DN – Você falou pelo telefone.

DM – Eu falei pelo telefone com Anderson isso de uma vez. Gente, não demorou 5 minutos o Anderson apareceu. “Mamãe, não é possível, o que que é?” Eu digo: “É isso, e agora? O que que eu faço?” “Eu não sei. E a médica?” “A médica ainda não falou para ele, ele ainda não sabe”. Eu achava que ele não sabia, né? “Ele não sabe, eu tô sabendo, não posso dizer para ele que eu sei, que eu fui ao médico, como é que vai ser isso?” Ele disse: “E eu? O que que eu posso fazer? Eu posso ajudar mas de que jeito? Quando eu entro, ele sai, quando eu saio ele entra”. Eu digo: “Então vamos fazer uma coisa, vem no Domingo aqui, no Domingo você vem, faz de conta que você veio jantar, almoçar aqui e ele também vem jantar, almoçar aqui e vocês se encontram e vamos ver se a gente consegue falar alguma coisa”. Nesse almoço...

DN – Essa era a preocupação principal, de como conversar com o próprio Jefferson sobre a doença dele.

DM – Primeiro de tudo que eu já tava errada, na minha cabeça, que eu não tinha nada de falar que eu tinha ido lá, que ele ia ficar por conta, não é? Ele ia ficar por conta. Como é que eu ia falar? Aí, chegou na hora da mesa... gente eu fazia uma força para não chorar, olhar para ele e não chorar, vocês imaginem, né! Aí, eu, na hora da mesa falei: “Como é, Jefferson, você foi apanhar o resultado?” “Não, eu vou amanhã. Segunda-feira eu vou lá” “Deixa eu ir contigo? Eu vou contigo” “Eu não, a senhora vai me azarar, eu não vou nada, eu vou sozinha.” E o Anderson quieto.(ruído)Acho que pode desligar. Vamos parar aí?

DN - Vamos.

DM - Olha, vamos terminar agora, interromper por hoje, depois nós vamos continuar porque eu acho que agora essa outra parte é uma parte bem demorada pra gente falar. Temos muito que conversar.

DN – Tá okey

Não tem lado B gravado

Data: 06/11/1997

### Fita 5 – Lado A

DR - Vamos iniciar a terceira etapa da entrevista com Dayse Agra. Hoje são 6 de novembro de 1997. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Dayse, você estava falando pra gente que foi, que procurou a médica do... Jeferson pra ver o que que ele tinha porque não chegava, tava demorando muito a chegar os resultados dos exames...

DM - É. E quando eu cheguei lá, ela me disse que... ela queria falar com alguém... porque ele não dava chance dela falar. Não dava chance, que ele era muito reservado e ela tava com o resultado ali querendo uma ajuda. Imagine, uma ajuda de quem? Eu disse: “Mas, você não tinha meu telefone?” Ela disse: “Não. Nós precisamos ver o que que nós vamos fazer, porque temos que nos unir pra poder... Ele vai ter que, que saber, eu vou falar com ele na segunda-feira, na segunda-feira eu vou falar com ele e ele vai ter que resolver isso.”

AP - Ah! Então ele não sabia o diagnóstico? Ele não queria saber?

DM - Ele não queri, ele não dava chance pra saber o diagnóstico. Ele sabia que o reso... que...

DR - Você acha que ele sabia?

DM - Hoje, eu acho que ele sabia. Na época, eu achava que não... porque, na minha cabeça, era tão... a AIDS tava tão longe pra mim... tão uma coisa tão distante, que era uma coisa que se ouvia falar como se fala hoje nos, nos clones, uma coisa assim, entendeu? Uma coisa tão longe, uma coisa tão impossível, que aquilo não tinha... falava, no Brasil ninguém falava em AIDS. Falava que tava aparecendo nos Estados Unidos, principalmente, em São Francisco, ele não ia a São Francisco, quer dizer, ele tava em outro lugar dos Estados Unidos. Eu não podia pensar nada, que não podia... ele não podia ter AIDS. Na minha cabeça, não podia ser. Então, quando ela falou em... ela falou que... que ele tava com câncer, eu perguntei se era câncer, porque eu tava achando que era câncer, ela disse que não e... ela disse que era pior que, que... câncer, e eu não sei pior que câncer, eu falei em AIDS. Eu não sei porque que eu falei em AIDS, porque era uma coisa quase impossível. Porque câncer era possível. Não existia doença nenhuma pra mim, na minha cabeça, pior que câncer, que câncer eu já sabia como é que era, né? Por experiência de três pessoas na família. Então, fiquei horrorizada e falei AIDS e ela disse que era. Aí, eu digo: “E que que é isso? Como é que nós vamos fazer?” Ela disse: “Olha, ele vai ter que fazer um tratamento de vir aqui, tomar, fazer a quimioterapia...” E aí, voltou aquilo na minha cabeça: câncer, não é? Porque câncer é que fazia a quimioterapia, “...e ele vai voltar pra casa. Ele fica internado um dia, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias, nós vamos ver, e ele vai continuar levando a vida dele, trabalhando, até quando puder.” Eu digo: “Mas isso mata, não mata?” E ela me disse: “Mata. Mas ainda não...” ela não falou mata, ela disse: “Nós não temos muita esperança.”, foi assim que ela falou, “Nós não temos muita esperança.” ou “Nós não temos esperanças ainda. Eu não sei o que que nós vamos fazer. Nós vamos tentar o que for possível, ver os remédios que tão usando e vamos ver o que que nós podemos

fazer...” Mas também não falou que era o... primeiro cliente dela, sabe? Eu só fui saber isso a pouco tempo, quando eu fui fazer a... a cartilha de mulheres, nós, o vídeo que eu fiz e chamei ela pra assistir e aí ela me abraçou e falou que ele tinha sido o primeiro cliente dela de AIDS. Então, ela não sabia nada, como a maioria dos médicos não sabiam nada.

DR - Isso foi em que ano, mesmo? Foi...

DM - Foi no final de... sessenta e...

AP - Setenta e seis.

DR - De oitenta e seis...

DM - Oitenta e seis. Final de oitenta e seis. Era já novembro pra dezembro. Já era dezembro, princípio de dezembro. Ela não sabia nada ainda. E aí fui ficando... eu voltei pra casa, fiquei apavorada, tinha que falar alguma coisa, falei isso? Falei pro meu marido que ele estava com câncer.

DR - Hum, hum...

DM - Então, essa parte de câncer foi que eu falei, porque eu sabia que era uma coisa ruim e pra avisar a ele, pra prevenir, né? Pra prevenir que ele tava com uma coisa ruim e que ninguém sabia o que podia acontecer... Agora, chamei meu filho e disse pra ele... telefonei: “Anderson, você vem cá, porque eu não sei o que eu vou fazer, o Jeferson está com AIDS.” Ele disse: “Eu vou aí.” Interessante, que ele já tava tomando conta de uma pessoa que tava com hepatite. Um amigo que tava com hepatite, um estrangeiro, que tava apavorado com hepatite, em Santa Teresa, e ele veio falar comigo: “Bom, nós vamos fazer uma coisa, nós vamos... fazer... como é que eu posso falar com ele que...” eles tinham a vida completamente separada, um era de um jeito, outro do outro e... eles quase não se encontravam, aí marquei o almoço e nesse almoço, o Jeferson... eu digo: “Ah! Vem almoçar aqui!”. Ele disse: “Ah! Eu vou sim!”

AP - Mas eles se davam bem, mesmo sendo tão diferentes?

DM - Não, eles se davam bem, conversavam... eles não eram assim amigos de sair...

DR - Eles não se encontravam, né?

DM - ... de se encontrar. De sair juntos, porque tinham turmas separadas, pela idade, por tudo... mas eram completamente... eu boto assim: um tipo *hippie* e outro tipo intelectual, quer dizer, então, bem diferente. O outro já queria usar brinquinho, não é? O Anderson, e cabelo comprido e o outro todo mauricinho, todo arrumadinho, quer dizer, completamente diferente. Então, quando eles se encontraram eu falei, na hora do almoço: “Você vai apanhar o exame quando, o resultado?” “Ah! eu vou apanhar amanhã.” “Deixa eu ir contigo?”

DR - Isso era um domingo?

DM - Era um domingo. Ele ia apanhar na segunda-feira. “Deixa eu ir contigo?” “Não! A

senhora vai me azarar. Eu não, eu vou sozinho, que que tem? Não tem nada de mais, eu vou.” “Vamos ver o que que vai dar.” E o Anderson não falou nada, porque como é que ele ia falar? Se eles tavam tão longe, ele não podia falar nada. Aí ficou resolvido que ele ia... aí, quando ele foi embora, o Anderson ainda ficou e combinou comigo: “Mãe, pode deixar que eu vou lá pro hospital...”, porque eu tinha medo, na hora eu achava que ele não sabia, né? Eu tava com medo dele saber e fazer uma loucura, eu não sabia que que ele ia... dizer pra ele que ele tinha AIDS. Falou pra mim, eu fiquei apavorada, vai falar pra ele, o que que ele vai fazer? Aí o Anderson: “Não...”, porque o Anderson conhecia bem a BENEFICÊNCIA, sabia onde que era, que ele ia à médica ali perto, um lugar que ele podia ficar num canto, que ele não ia ver... Tava tudo resolvido que o Anderson ia lá, pra esperar ele sair do coisa e dizer que foi por um acaso que encontrou com ele. Mas o Anderson, quando chegou, ele já tinha saído. Ele chegou muito cedo, ele disse que ia cedo, mas foi mais cedo ainda e o Anderson não viu. Aí, o Anderson foi falar com a médica. Já tinha todo mundo terminado, foi falar com ela: “O Jeferson não veio?” Ela disse: “Veio sim, ele foi a primeira pessoa a chegar aqui.” “A senhora falou?” “Falei.” Ele disse: “É que a minha mãe disse que a senhora ia falar...” “Ah! você que é o irmão? Ótimo! Então, agora, o negócio é a gente dar apoio pra ele, porque eu não sei mesmo o que que nós vamos fazer. Nós vamos estudar o caso dele.” Então, o Anderson me telefonou, dizendo: “Olha, eu estou aqui na BENEFICÊNCIA, ele já foi embora. Ele foi pra Petrobrás.” Então, eu tinha pedido pra ele: “Da Petrobrás, você me liga.” E geralmente ele tocava o... na hora... que ele chegasse ou então na hora do almoço. Ele custou pra ligar. Quando foi já depois do almoço, que ele me ligou, dizendo: “Olha, eu tô com duas coisas: uma coisa não é muito ruim, não. A outra coisa...” Eu digo: “O que que é afinal?” “Não...” Ele não falou em câncer. Ele disse que tava com o problema do estômago que era mais sério e tava com problema de... de pele que ele precisava resolver o problema de pele e que ele ia fazer um tratamento, que ele tinha que se internar, aí, ele falou direitinho: “Eu vou ter que me internar um dia pra fazer uma medicação e... depois...”, acho que ele já falou, porque sabia que eu conhecia negócio de câncer, ele não quis nem falar.

DR - A quimio é porque ele estava com câncer de pele?

DM - Devia ser pela pele, não é? Ou também podia ser dentro do estômago. A gente nunca ficou sabendo. Mas eu acho que mais, agora, pelo que eu conheço mais de AIDS, eu acho que já era aquela ...

DR - O Hodkins?

DR - ...aquele sapinho, como é o nome?

AP - Candidíase.

DM - Candidíase que tivesse atacando o estômago. Eu acho que era candidíase.

AP - Mas ele tinha problema de pele também? Como ele falou?

DM - Ele tinha problema de pele com umas manchas... mais escuras...

AP - Era o sarcoma?



DM - Não era sarcoma ainda, eu acho. Ainda não era... no final, ficou sarcoma. Porque sarcoma, justamente, ele disse que tinha uma doença que era meia desconhecida na pele.

Bom, ficou nisso... então ele começou a,a,...a... também ele não morava comigo, né? Ele morava sozinho. Aí todo dia ele telefonava, eu perguntava. E até que um dia ele teve que se internar, eu... não, antes dele se internar custou um pouco. Eu acho que a médica também precisava ver o que que ela ia fazer. Demorou assim, uns dez dias pra chamar ele pra se internar. Antes dele se internar, eu naquela... chorava, ficava apavorada e pro meu marido eu segurava a barra, né? Um dia meu marido vendo televisão, viu um rapaz com AIDS. Aquela figura antiga de AIDS, bem caindo aos pedaços, falando que tinha manchas no corpo, falando que tava com dor de estômago, aquilo tudo, que ele tava muito atacado... Aí, o meu marido, que tem dificult... já tinha dificuldade pra falar com... por causa do Mal de Parkinson, virou pra mim e disse assim: “Jeferson está com isso.” Eu digo: “Meu Deus! ele... ele entendeu.” Eu disse: “É isso mesmo.” Ele disse: “O quê?” Eu digo: “É AIDS que ele tem. Eu não queria te falar, porque eu não sabia nem o que que era, mas ele tá com AIDS e... que que a gente vai fazer?” Aí, ele ficou calado, que a doença dele já demora pra pensar, ele levou uns dez ou quinze minutos... acabou o programa e tudo... aí ele falou: “Telefona pro Anderso... pro Jeferson e diz pra ele vir pra casa, porque você não pode tratar de mim e dele ao mesmo tempo, ele morando longe. Diz pra ele vir pra cá, que aí você toma conta de nós dois.” Olha, aquilo, dentro daquela tristeza toda que estávamos passando, foi uma alegria pra mim resolver o problema, porque eu não podia falar nem com ele, nem com o pai... eu tava sozinha. Aí, toquei: “Jeferson...”, isso já devia ser, ele saía quatro e meia, já devia ser quase quatro horas. “Olha você... eu já sei o que você... tem. Há muito tempo que eu sei o que você tem porque eu falei com tua médica.”

AP - Por telefone, isso?

DM - Por telefone.

DR - Ela resolve pelo telefone, essas coisas.

DM - Eu tive, porque... a minha alegria foi tão grande...

DR - Não dava nem pra esperar ele chegar aqui, né?

DM - ... não dava. Porque eu tava com medo, não era só de falar com ele... eu tava com medo do pai não aceitá-lo. Eu acho que a minha... no fundo, no fundo, pelo tipo que eu era... agora falando com vocês, eu acho que era isso mesmo o medo que eu tinha dele falar: “Ele não vem!”, e eu ficar dividida outra vez. Porque sempre fiquei dividida! Eu nunca tive coragem de tomar nenhuma decisão... Então, partiu dele chamar... pra mim aquilo foi o máximo que podia acontecer. Agora, pra ele entender bem que era o pai que tava chamando, eu ainda falei: “Olha, eu já sei há muito tempo que você tá com essa doença...” Também não falava o nome, não. Tô igual... não falava o nome da doença. “Agora, teu pai soube hoje, vendo na televisão, que o rapaz que apareceu e ele falou que achava que era isso, então eu confirmei pra ele, então ele também já tá sabendo...”, eu quis explicar tudo bonitinho, “...ele já tá sabendo e foi ele que mandou você pra vir pra cá, porque você vai... você precisa de alguém que cuide de você e voc... eu não posso sair daqui pra ir pra tua casa. Então, é melhor você vir pra cá, você fica no outro quarto e... a gente resolve. Você tá me ouvindo?”, porque ele não falava nada, “Tô.” “Você vem?” “Vou.” Imagine como ele também não estava, né? Ele disse: “Vou.” “Tá bem,

então tô te esperando. Tchau.” “Tchau.” E ficou assim. Eu desliguei, parecia que eu tinha tirado um peso. Aí, corri, fui no quarto. Porque eram dois quartos na minha casa, um quarto que era dele. Arrumei a cama, arrumei tudo. Eu disse: “Agora, ele vai chegar, pelo menos, o pai já sabe. Graças a Deus que ele não falou nada, não reclamou de nada...” e eu, porque àquela época, você me fez uma pergunta, àquela época, também o que me pesava muito era aquilo: só dá em homossexual... Será que era? Será que não era? Porque era? Porque não era? Ele tinha namorada? Ele não tinha namorada? Ele se interessava? Ele brigava? Ele não ficava muito tempo? E aquilo tudo na minha cabeça, eu digo: “O pai vai pensar a mesma coisa...” Eu não tinha coragem de comentar isso com ele. Nunca falamos no assunto. Mas também aquela dúvida, aquele medo.

DR - Com ele, com o pai?

DM - Com o pai. Eu nunca falei nada com o pai. E com o Jeferson, eu não tinha falado nada ainda, né?

AP - Mas até então você não via nada de anormal? Nunca teve esse tipo de suspeita?

DM - No fundo, no fundo, era aquela história dele ser tão diferente. O Anderson ter tanta namorada e ele não. Sempre eu comparando os dois. Um cheio de namoradas e o outro... e o meu marido sempre cobrava: “Como é? quando vai casar? Daqui a pouco você não casa...”

DR - E os netos?

DM - ... o senhor, é... essa cobrança. E ele falava: “O senhor não cobrou com trinta an... o senhor não casou com trinta anos? Eu também, antes dos trinta eu não me caso. Pode estar certo.” E depois ele começava a falar: “Olha, os meus colegas todos que casaram, tá todo mundo separando. Casar pra quê? Eu acho que nem com trinta eu vou casar, eu posso morar junto, mas casar, não vou casar não. Porque, olha todo... fulano já separou, beltrano já separou...” Porque realmente já tava acontecendo isso. Então, aquilo me deixava... sossegada. Quando chegou, mais ou menos, umas sete horas, a campainha... ele tinha essa mania de tocar, pipipi, pipipi, pipipi... (*bater de palmas*) batendo assim... não parava de bater na campainha, até abrir. Quando eu abri a porta, ele tava com uma sacola na mão... abriu... olhou... disse: “Cheguei!” Mas ele tava querendo falar que ele tava feliz! Eu acho que ele tava mesmo, não é? Agora, raciocinando, eu acho que ele tava feliz... mas ele tava voltando pra casa. E eu olhava... não podia chorar. Eu digo: “Eu não posso chorar na frente dele.” Ele abriu a porta, eu abri a porta: “Papai! Tudo bom? Tudo bom? Cheguei! Aonde eu vou ficar? Ih!... esse quarto horroroso!” Era esse móvel mesmo... “Essa máquina? E isso aqui? Essas gavetas? Posso ficar com essas gavetas?” Eu digo: “Pode.” Tirei tudo que tinha, era coisa de costura, coisa de trabalhos manuais. “Esse quadro horroroso! Deixa eu botar esse quadro pra lá.” E eu só ouvindo... eu acho que era a maneira também dele não me encarar muito. Depois que ele botou tudo que ele queria, ele botou a mão no meu ombro e disse: “Mãe, a senhora não vai pensar no dia de amanhã. (*muito emocionada*) Nós só vamos pensar no dia de hoje. A senhora está me entendendo?” “Tô.” “Nós vamos só pensar: Hoje tá bom. Hoje tá bom. E assim nós vamos levar... se a senhora for pensar em futuro, tá mal.” Eu digo: “Tá bom.” Deixei ele lá arrumando as coisas, corri pro banheiro, que era o meu... lugar de chorar. Chorei, chorei, chorei, chorei, mudei a cara, voltei: “Tudo bem? Precisa alguma coisa?” “Não! Tá bem, não, tem lençol, colcha, tudo bem.” E ele arrumou tudo ali e

ficou tudo ali. Não perguntei nada... como pegou, como não pegou. Eu talvez tivesse medo... mas eu achava que se eu fosse perguntar eu ia... invadir a privacidade dele e também... judiar dele, ele já tava com culpa. Aí, eu acho que também, no fundo, era aquela culpa 'AIDS X Culpa', que depois eu aprendi tanto. Você tem alguma coisa porque... fez alguma coisa errada. Que tem muito... a AIDS, nessa época, era ligada à morte, culpa, pecado. Então eu achava que tava ligado a tudo isso. Então não perguntei pra ele nada. Nada. "Quando que você vai ao médico?" "Amanhã." "Quer que eu vá?" (*tosse*) "Não. Não precisa ir, eu vou sozinho, que amanhã é só pra ver que remédio eu vou tomar." E aí, ele foi indo e voltou a trabalhar...

DR - Vocês também não conversaram sobre a doença?

DM - Nunca. Nunca. Bom, desse... mais ou menos, princípio de dezembro que isso aconteceu, ele foi morrer três de abril. Eram quatro meses, mais ou menos, não é? Nunca se tocou em nada. Bom, ele ficou lá em casa, ele ia trabalhar, ele voltava, ele... os dias que tinha que faltar... e aí ficou aquilo, eu digo: "E aí, como é que você vai ficar no trabalho?" Ele disse: "Eu não sei." Aí eu acho que começou o pânico dele, de ser mandado embora. Ele disse: "Eu só tenho medo que me mandem embora. Eu não sei, a médica vai ter que falar pro médico."

DR - Da Petrobrás.

DM - Da Petrobrás. Que hoje não se faz mais isso. Hoje, a médica não tem que falar. Isso é uma coisa que hoje também já melhorou muito. A médica era obrigada a falar. E ela... quando eu fui lá ela disse que era obrigada a falar: "Eu vou ter que falar na Petrobrás." Eu digo: "Tá bom". "Eu vou passar pra Petrobrás o laudo médico, eu não posso esconder". Eu também achava que tava certo, tudo bem. Acontece que ele então começou a trabalhar e ele ia, faltava, ia, faltava... até que... ele foi assim faltando e pro médico... e o médico? "O médico me chamou...", isso levou mais uns dez dias, depois dele ter sa... que ele tava lá em casa..., "Olha, o médico já sabe, disse que é pra mim trabalhar quando eu quiser. Já pensou? Eu vou trabalhar quando eu quiser, que maravilha! Mas tem tanto trabalho lá, como é que eu vou fazer? Não, é melhor deixar se um dia precisar, né? Eu não vou faltar não. Eu vou." E todo dia, o ônibus que, o ônibus pegava ele lá no trabalho dele, agora já era um outro ônibus. Ele disse assim: "É, todo mundo pergunta se eu mudei, porque eu não pegava esse ônibus. Eu agora tô pegando esse ônibus..." Eram sempre os ônibus que passavam. E ele ia todo feliz, tudo isso. Muito bem... foi, quando ele tinha que ir ao médico, aí ele começou... aí o Anderson começou a ir mais lá em casa...

DR - É, isso que eu ia perguntar, se o Anderson, se eles se aproximaram mais...

DM - O Anderson começou a ir, se aproximou mais... mas também eu acredito que eles não falassem nada sobre Aids, não. Porque era aquela coisa, tava sempre ali, pai, mãe, né? Eles dois nunca ficavam sozinhos. Logo na primeira vez que ele precisou ir pra se internar, o Anderson aproveitou e disse: "Eu vou ficar contigo. Eu vou ficar contigo." Porque era um dia e pra sair no dia seguinte. Aí ele disse: "Ah, tá bom! Então você vai comigo." Já ficou a primeira vez. Depois não precisou mais. Ele entrava de manhã e ficava, saía à tarde. Então, o Anderson não ia.

DR - Isso já fazia a quimio?

DM - A quimioterapia. Porque hoje se, se faz o... hospital-dia pra pessoas que precisam disso, não precisa ficar internada. Eu não sei se aquela época é pelo mesmo motivo de hoje; hoje não se fica mais internado... você sabe qual é o motivo: o medo das pessoas que já estão com a imunidade baixa pegar uma...

DR - Infecção hospitalar.

DM - Infecção hospitalar. Não sei se isso já se pensava. Bom, ele ficou assim, até que quando chegou no Carnaval, foi logo depois de fevereiro, final de fevereiro, princípio de março, ele... no Carnaval ele tossia, tossia, tossia e eu: “O que que é isso? Que que é isso?” E ele na... a noite inteira... era Carnaval, deixou passar o Carnaval, logo na quarta-feira ou quinta-feira nós já fomos pro hospital pra ver o que que era e era pneumonia. Aí disse: “Bom, tem que internar.” Quando ele fazia essas quimioterapias, ele ficava lá, uma vez eu fui com ele e ele ficava no quarto e eu notava que toda hora abriam a porta e fechavam. Hospital tem disso, né? de entrar pra dar o termômetro ou pra isso e aquilo. Mas aquelas pessoas só abriam a porta davam uma olhada, mexiam assim e iam embora. E eu já tava vendo que eram pessoas que iam olhar uma pessoa com AIDS. Eu já tava notando que era isso. Mas não falei nada. Aquilo passou assim rapidamente, eu não pensei mais nisso. Muito bem, quando ele precisou... quando ele pegou pneumonia aí já ficou um quadro pior. Então, ele foi pra lá, ele foi de manhã, eu fui com ele... eu disse: “Eu vou pra casa e vou apanhar tudo o que precisar e venho passar a noite contigo.” Ele disse... quando ele ficava um dia, ele dizia que o travesseiro cheirava mal. Ele disse: “Traz o meu travesseiro.” Aí eu fui. Quando eu cheguei um dia lá com travesseiro, com uma bolsa, que era também uma roupa pra eu ir dormir, que eu queria dormir, botei pé firme em casa que eu ia dormir... o Anderson tava levando barco, ele tava lá, mas... eu sabia que o Anderson ia chegar. Eu digo: “Não, deixa eu vou, essa noite eu durmo, tá?” Ele: “Tá bem, então você dorme.” Então dormi e o Anderson ia ficar com ele, porque naquela época eu não tinha empregada. Então ele que ia ficar com o pai. Tava tudo resolvido. Quando eu chego lá, a médica diz pra mim, eu chego no quarto dele e ele diz assim: “Não sei o que tá acontecendo! Tá tudo parado. Não me deram remédio...” - já eram três horas da tarde - “...eu tô aqui, só me trouxeram comida botaram ali e foram embora. Eu não sei o que tá acontecendo. Alguma coisa tá acontecendo. Eu não quero nem pensar o que eu tô pensando.” “O que você tá pensando?” “Não tô pensando nada. Vamos ver.” Daqui a pouco chega a médica e diz pra ele: “Olha, você... é... nós vamos fazer uma, uma... vai ser diferente. Nós vamos tirar você daqui, porque... você vai ficar num lugar que é melhor. O outro lugar você não pode... você não vai pegar doenças oportunistas...” - foi a primeira vez que eu ouvi falar essa palavra - “...você vai ser mais bem tratado, vai ser muito melhor pra você...” Ele faz assim: “Eu já (*palmas*) sabia! Eu já sabia (*palmas*)!” Eu olhava pra ele, eu não tava entendendo nada. Aí arrumei tudo, botei na bolsa. Aí, ele ficou sentado na cadeira... chegou um rapaz com uma... uma prancheta na mão: “É, nós vamos pra lá.” Aí, eu peguei, fui dar a bolsa pro rapaz levar... um, um veio empurrando a cadeira e o outro com a prancheta. Eu dei a bolsa pra ele levar, pra mim poder levar o travesseiro e os outros livros. O rapaz não quis pegar a bolsa. Ele notou logo, eu não quis, eu não notei muito não. Ele disse assim: “Pode deixar que eu levo!” Ele aí... pegou a bolsa, botou no colo na cadeira de rodas, “Leva o travesseiro... e os livros.” E nós fomos embora. A BENEFICÊNCIA eu conhecia, que eles já tinham nascido lá (*tosse*), eu conhecia a BENEFICÊNCIA toda. Mas eu nunca tinha passado por um lugar horroroso, que eu tava no edifício antigo, aliás, no edifício novo, que tem uma...

DR - Que é lá atrás, né?

DM - ...lá atrás, ele sempre ficou lá. E tinha uma comunicação subterrânea... eu sabia que tinha essa comunicação subterrânea, que dava pro prédio velho. Mas era um prédio... que quase não tava tendo uso, que eu sabia que não usavam quase aquele prédio. Entrou por um caminho, por um caminho e outro, entrou, botou no quarto e a enfermeira... eu querendo já... eu digo: “Eu vou ficar aqui?” Ela disse: “Não, aqui a senhora não pode ficar.” Eu digo: “Como?” “Não, senhora aqui... não pode ter acompanhante. Ele vai ter que ficar sozinho.” Eu digo: “Mas ele vai ficar sozinho?” E eu tava... eu digo: “Meu Deus!” Eu já tava vendo que ele tava nervoso, eu não sabia o que era. Quando e... ela disse: “Não, não pode.” Eu ta... a médica não tava mais ali... eu fui falar com a médica. A médica: “Olha, é pro bem dele, ele vai ficar ali e...” Não, eu não falei com a médica. Toquei pro Anderson: “Ander...” - eu tava apavorada - “Anderson, olha, tá acontecendo alguma coisa... você vem aqui e pega um táxi.” “Eu não tenho dinheiro.” Eu digo: “Eu te espero lá na porta. Vem”. Aí ele: “Tá bem!...” - como é que ele falava? - “Minha, minha fofinha...”, não era fofinha, era outro nome que se usava, como se fosse uma namorada. “Tá bem! Eu vou aí. Já, já que eu vou te encontrar.” E falou pro pai que ia encontrar com a fulana. E veio embora. Veio embora, chegou lá, eu paguei o táxi pra ele, ele entrou... Ele disse: “Vamos lá. A senhora foi lá?” “Não, eu fui lá, mas não consegui, a médica não estava...” “Vamos lá, falar com a médica. O que que é?” Aí, a médica abriu e disse: “Eu não queria falar pra senhora, mas a verdade é que ninguém quer atender. O serviço de enfermagem... eu já briguei, vocês não repararam, mas cada vez que ele vinha ele ficava num andar, porque ninguém queria... atender. Então eu tive que botar ele no isolamento.” Gente, quando ela falou isolamento, aí é que eu me desmanchei mesmo. Ela disse: “Mas... é muito melhor”. Aí ela começou a me explicar que ali ele tinha muito mais atenção. “Mas, eu posso ficar, eu não sei que...” E ele falando que ele já tinha um diploma de instrumentador cirúrgico, que ele queria ficar, que ele não tinha medo, não sei que... Ela disse: “Não, olha, não pode. Não pode. Vamos ver, amanhã, quando tiver o diretor aí, você vai conversar com o diretor, pode ser que ele deixe... nunca se deixa acompanhante lá no isolamento.” Ele disse: “Pode deixar comigo.” Aí nós dois viemos embora. Viemos embora ele ficou sozinho.

DR - Tinha outras pessoas internadas, lá...

DM - Era, era...

DR - ... nesse pavilhão?

DM - ... um corredor pequeno, que tinham três pe... o dele, um senhor e uma senhora.

AP - AIDS só ele?

DM - Mas... não era AIDS. Só um outro que era AIDS, que... engraçado... O que que aconteceu? No dia seguinte, sete horas da manhã, eu tava lá, porque ela disse que eu podia ir lá, fazer visita à hora que eu queria, não podia era ficar lá. De dia ainda podia. Eu fui lá de manhã, vi como é que ele estava. Ele disse que: “Olha, eu acho que tá melhor aqui. Pelo menos... eu sei que aqui é o isolamento, eu sabia que isso ia acontecer...” - quer dizer, ele sabia que isso... era isso que ele falava e eu não tinha

entendido - “Mãe, eu acho que é melhor, porque, olha, as enfermeiras são maravilhosas, tanto de noite quanto essa que entrou agora de manhã... eu acho que eu estou muito melhor aqui, a senhora não fica triste, não.” Eu digo: “Pois é, mas...” “Eu vi que a senhora ficou muito apavorada. Deixa, vamos ver. Se eu não pu... se o Anderson não puder ficar aqui de noite, eu fico, não tem problema, porque o pessoal tá muito bom.” Mas deixa estar que o Anderson foi comigo, já foi lá, já falou, já falou, não sei quê... “Eu vou ficar! Vou pra casa agora com a mamãe; vou pegar a televisão; vou trazer televisão pra você. Aqui não tem geladeira, já nós vamos alugar uma geladeira pra botar aí. Pode deixar que vai fic...” Vocês não calculem a mudança que foi... eu quando falo... que eu vou fazer palestra pra enfermagem, eu faço questão de falar isso: primeiro, que elas não botavam até o termômetro, davam na mão dele pra botar lá... e ele tirava e dava na mão dela pra ela pegar; o remédio deixava lá, ele tinha que se virar pra pegar. Elas não encostavam de jeito nenhum nele... não... mas tinham um medo. Hoje, eu entendo, né? Elas não sabiam o que era. Eu também não sabia. Mas na hora é aquilo: você não sabe, você tem medo, mas eu achava que o hospital tinha que saber. Na minha cabeça era assim: eu não sei, eu sou leiga, sou uma dona de casa, mas o hospital sabe... Resultado, sabe... aí eu ficava assim: “Será que tem perigo mesmo?” Mas que... a médica tinha me dito em casa que eu não precisava ter medo, que eu não precisava separar nada... Eu digo: “Então, eu não tô entendendo nada. Ela diz que não precisa nada, que não tem perigo. No hospital tá todo com medo?” Bom, ficou lá. Nesse tempo que ele ficou... teve uma senhora que tava acompanhando o marido. Ela era uma moça nova, o marido tava mal e que que ela fazia? Ficava o dia inteiro lá no quarto, junto com a gente. Ela dava uma voltinha e olhava o marido. Ele tava dormindo, tava tomando o remédio, ela voltava...

DR - Ela ficava lá conversando?

DM - Ela ficava conversando... ela não ficava à noite, porque não podia, né? Ela não con... e também ela tinha filhos, ela tinha que ir pra casa. Então ela ia lá e ela me perguntava... eee... ela almoçava, ficava o dia inteiro, almoçava. Então, nós íamos, ela me chamava pra ir almoçar lá no... no restaurante do... do hospital e ela falava assim: “Puxa, eu te admiro, você tem uma coragem.” Eu digo: “Eu? Tenho coragem? Eu acho que é você. Porque filho...” Olha o que que eu respondi pra ela: “Porque filho, a gente perdoa tudo. Filho pode fazer o que quiser.” - não era cheio de culpas, a AIDS? - “Eu achava, eu acho... Agora, mulher... você? Ele, ele não passou pra você?” Ela disse...

DR - Ah! ela era esposa de...

DM - Esposa de uma pessoa soropositivo...

DR - ...de uma pessoa que tava com AIDS também?

DM - ... então eu achava que como mãe, eu tinha que proteger tudo. Agora, eu não sei, na minha cabeça... eu como mulher de uma pessoa... fui traído... voltava aquilo: “Será que ele andou com homem?” Eu não ia falar isso pra ela, mas também pensava... eu digo: “Acho que mulher...” e até hoje eu admiro essas mulheres que acompanham o marido.

DR - E ela tava falando da sua coragem nesse apoio que você tava dando...

DM - Era.

DR - ... ao Jeferson?

DM - É, é. Também sabe porque? Porque os pais dele fugiram. Ele foi abandonado pela família, só ela que ficou... e eu fui ao contrário. Então, ela tava vendo, eu vendo de um jeito e ela vendo do outro. Foi a primeira experiência que eu tive com AIDS de uma outra pessoa. Agora, ela tava batalhando... ela ia contar lá no nosso quarto, que ele fazia parte de um... plano de saúde pelo trabalho e o plano de saúde não ia cobrir, e o emprego não ia cobrir... como é que ela ia tirar aquele homem dali, na cama? Aí virou o Jeferson e disse: “Eu se fosse você... sabe o que que eu ia fazer? Eu ia telefonar, você não querendo telefonar do quarto, telefona daqui... telefona pro O GLOBO, telefona pro JORNAL DO BRASIL, telefona pro O DIA, que é bagunceiro! Telefona pra todo mundo e diz que tão expulsando teu marido, porque você não pode pagar.” Você vê, isso que nós fazemos no Grupo, né?

DR - Hum, hum.

DM - Naquela época, ninguém fazia... por isso que eu acho que eu aprendi tanto com ele. Primeiro, da resignação dele... e isso dele lutar, entendeu? Já pelo ensinando a moça. “Você acha? E se eu telefonar? Hi!, vai ser uma bagunça aqui, no hospital.” “Mas você já falou com o hospital?” “O hospital diz que não tem nada com isso: é quem pagar. Essa semana não tá...á...á... o hospital só vai pagar até o fim da semana. Se o fim da semana não pagarem ele tem que se retirar”... “Ah! mas eles não vão botar ele na rua.” Quer dizer, ele ainda discutiu o assunto e sabe que ela falou pro plano de saúde e falou no hospital que ia chamar... eu não sei como, quando eu voltei no dia seguinte, eles resolveram... tiraram ele de... o plano de saúde arranhou pra ele ir num hospital em Niterói, que eles moravam em Niterói. Então ele foi internado, ele não podia ir pra casa, não podia ir na rua, arranjaram... quer dizer, foi a primeira vez que eu vi que tinha um jeito da pessoa lutando, conseguindo. Mas isso não passou nada pela minha cabeça, não. Aí, ela não ficava mais lá, né? Que eu fiquei com ela uns quinze dias...isso Jeferson já tava piorando. Piorando que eu digo era sentir dores aqui, sentir dor ali, devia tá com outras coisas... e ele falava uma coisa... assim... sempre...

#### FITA 5 – LADO B

DR - Pronto, pode continuar.

DM - E então, ele já não tinha mais essa pessoa lá do lado pra fazer companhia. Aí, eu fui saber que essa outra senhora tinha câncer em estado muito adiantado, então, por isso que botaram ela no isolamento. Era câncer, não era só pelo câncer, não. É que ela tinha também...

DR - É, porque isolamento é pra doença... infecciosa, contagiosa.

DM - Infecto-contagiosa, não é?

DR - Isso.

DM - Depois entrou um senhor, lá. Também tava lá, também não sabia que ele

tinha. Agora... o quarto dele era de uma alegria que vocês não podem imaginar. Primeiro, que ele tinha um astral bom... todo dia vinha uma pessoa da Petrobrás de manhã e quando terminava a...a...

DR - O expediente.

DM - ...o expediente, tinha sempre um que vinha, daqueles mais chegados... que vinham.

AP - Todo mundo ficou sabendo, lá no trabalho?

DM - É, eu tava achando assim: como é que tá aquilo, como é que não tá? Perguntei um dia: “Escuta, tem umas outras pessoas que tão vindo aqui...” Não! Eu tô pulando uma coisa muito importante. Quando ele foi pro, pro, pro, pro... isolamento, os colegas, os mais chegados ficaram horrorizados de estar naquele lugar, porque era a parte velha. “Escuta, mas porque que botaram ele aqui, nesse lugar horroroso. Pra entrar aqui tem que andar por uns caminhos horríveis; que que é isso, que que é isso; eu vou reclamar com o médico”. Ele disse: “Não vai reclamar nada não, porque aqui tá muito bom. Pelo menos, aqui me interessa que eles tão tratando”. Mas eles não se conformaram. Eles foram falar com o médico. O médico disse pra eles... olha, chegou um ponto que o médico recebia notícia pela médica, ela mandava pra ele tudo... aliás, o médico da Petrobrás foi lá. Ele foi ver, depois que eles falaram que ele tava nesse lugar, o médico foi lá visitar e tudo, falou com ele, ele disse que tava satisfeito lá e tudo. Então, o médico... falou com, com os colegas dele: “Olha...”

DR - Ah! eles procuraram o médico da Petrobrás?

DM - eles não... da Petrobrás. Eles foram falar; dois deles foram falar com o médico da Petrobrás, reclamando. Essa que era amiga dele que era médica... que era médica...?! Que era chefe dele...

DR - Chefe dele.

DM - E um que era que teve nos Estados Unidos com ele. Foram os dois falar com o médico. Aí, ele disse: “Olha, ele está numa situação dessa...” Aí, ele disse: “Bom eu vou dizer pra vocês a verdade: ele está com AIDS.” Porque quando ele voltou pra trabalhar, o médico disse pra ele pra ele dizer que tava com... como é, câncer no sangue, como é? É...

AP - Leucemia.

DM - ...leucemia. Então ele falou pra todos eles que tava com leucemia. Então, falou com leucemia, ficou assim. Então, o médico disse: “Olha, a verdade é essa... Vamos fazer uma coisa, vocês dois são amigos? Então vamos fazer uma coisa: arranja mais umas outras pessoas que sejam amigos e vem que eu vou fazer uma reunião com vocês e a assistente social.” Aí, foram seis amigos dele e... a, a assistente social...

DR - Os amigos dele, inclusive, nessa época, eram basicamente os da Petrobrás, os colegas de trabalho?



DM - É. De trabalho da Petrobrás e tinham os amigos da pesca.

DR - Ah! Sim.

DM - Tinha a turma da pesca...

DR - Hum, hum.

DM - ...que ele ainda pescava, entendeu? Antes, quando ele tava lá em casa que tava doente, ele ainda fez parte de uma pescaria. Eu pulei isso. Quando ele estava lá em casa, tinha a pescaria, era sempre final de novembro, princípio de dezembro e teve a pescaria e era em Vitória. E ele foi a Vitória. Ele disse: “Ai, eu não vou falar nada pra ninguém, senão, porque pescaria também machuca, sai sangue... eu tenho...”, ele tinha isso de medo de se machucar. Então, ele falava: “Eu tenho que me cuidar, eu vou andar...” - porque eles usam umas luvas também na pescaria - “...eu vou tá sempre com aquelas luvas grossas, pra não ter cuidado, mas eu não vou deixar de ir nessa pescaria, não. Eu vou fazer essa pescaria”. E ele fez essa pescaria em Vitória. Foi, ficou com o pessoal e voltou. Quer dizer, ele continuava com a turma da pescaria e esses... da Petrobrás. Então, o médico reuniu os seis, assistente social e o médico e falaram, o médico disse: “Eu tenho que falar uma coisa pra vocês que isso vai ficar só entre nós... ele está com AIDS.” E explicou tudo pra essas pessoas... isso eu só fui saber muito depois, né?

DR - Hum, hum.

DM - Só depois que ele morreu que eu fui saber isso. “Vocês...” com certeza perguntaram, porque esse que era o amigo dele mais chegado tinha dois filhos pequenos; o outro tinha dois filhos adolescentes; essa moça não tinha filhos e uns outros que eram solteiros. Então, ele disse: “Olha, não tem perigo disso, não tem perigo daquilo...” Eles estavam todos já sabendo de tudo. “E vocês vão fazer isso: nós vamos continuar falando que o Jeferson está com leucemia, porque ele pode estar internado e ele melhorar e ele voltar a trabalhar. Vocês já pensaram no refeitório, se ele entrar no refeitório e souberem que ele tem AIDS? Eles vão fugir. Então não podemos falar. Vamos continuar a falar que tá com leucemia e vamos esperar ver como é que fica. Ninguém sabe o que que pode acontecer; ele pode ainda voltar a trabalhar. Então, vamos ficar quietos.” Então, ele tava internado, os amigos iam, os amigos mais chegados da Petrobrás foram visitar... umas duas ou três que eram muito amiga dele, que levava ele de carro pra cá, pra lá, que ele tava arrumando ainda a casa, né? Pra comprar as coisas, iam lá pro subúrbio pra comprar lustre, iam pra outro lugar pra ver isso ou aquilo, aquilo tudo, ela não apareceu. Ele falava: “Puxa, a Iuara não apareceu...” Eu digo: “Calma, é... porque também você tem que entender que não é todo mundo que gosta de hospital.” Aí é que foi aparecendo também da minha irmã não ir pro hospital, quase. Ela ia na minha casa... a minha irmã ainda ia no hospital aos domingos... mas, sempre de longe, sempre de longe, com medo de chegar perto. Eu comecei a perceber que ela tava com medo, mas eu não tinha falado pra ela que ele tava com AIDS. É porque, meu cunhado: “Ah! você sabe, né, Dayse? Eu não vou porque eu tenho pavor de hospital”. Eu digo: “Tudo bem, o que eu quero é que vocês dêem é apoio à mamãe, que eu tô aqui, a mamãe é que precisa apoio; chama ela sábado, chama domingo, que eu tô aqui... é preferível vocês ficarem com ela do que ficar aqui”. Mas a minha mãe, sábado e domingo, ia sempre lá. sábado e domingo...

DR - No hospital.

DM - ... ela ia no hospital. Meu marido, quando ficou assim... o Anderson, de manhã, vinha, não, quando eu ia, porque eu ia de manhã pro hospital, né? Aí ele ia de táxi comigo, ele ia umas duas ou três vezes por semana, ia lá... visitava ele, voltava com o Anderson que tinha passado a noite lá; então voltava com ele de táxi e ele ficava em casa. O pai ia sempre. E eu achando que... quando eu tava vendo que ele tava piorando, eu falava: “Jorge, eu quero ficar lá.” E ele: “Não, você não vai ficar lá, o Anderson tá lá, você já fica o dia inteiro”. E eu ficava dividida, “Ele também deve tá sofrendo, como é que eu fico lá e deixar ele aqui?” E... foi ficando assim... Agora contar pra vocês...

DR - O Anderson dormia todas as noites?

DM - Todas as noites. E ficava assim pra ele: “Que que você quer comer?” “Ah!... eu queria comer era um frango daqueles grelhado.” O Anderson: “Pera aí, que eu vou lá na”... era perto da Lapa, né? Por ali...

DR - Hum, hum.

DM - ... então ele ia lá, comprava. Um dia foi naquela CASA SUÍÇA comer uma co... comprar uma comida especial pra ele, vinha com coca-cola, vinha com tudo... chamava a turma da noite da enfermagem. A enfermeira chegava de manhã: “Que isto? Teve festa aqui nesse, nesse, nesse quarto? Não é possível, toda vez que eu chego, olha aqui ó, tudo coisa de restaurante e isso e aquilo...” E ele dizia: “Ah, é! Nós fizemos uma farra essa noite.” Deixa estar que de noite ele passava mal à beça. Ele quase não dormia, isso eu só fui saber depois. Mas tudo que ele queria o Anderson ia correndo comprar. Eu de manhã levantava cedinho, ia comprar um músculo pra fazer uma sopa pra ele. Primeiro eu ia no açougue, o... o açougueiro abria quinze pras sete, eu tava lá quinze pras sete, botava o músculo na panela de pressão, fazia uma sopa, porque ele já tava com dificuldade em comer. Eu fazia a sopa de legumes e todo dia levava. Até que no final, ele disse: “Mãe, você faz um sacrifício de fazer essa sopa, eu não tô comendo, não adianta fazer essa sopa.” Aí, eu botava na garrafa térmica, levava pra ele... aquilo quando falou não faz mais a sopa, pra mim aquilo: Ih! Meu Deus! Agora não tem mais nada pra fazer.” A gente quer fazer uma coisa pra agradar, não tinha mais nada pra fazer... comprava um doce molinho, uma coisa assim pra levar pra ele. Aí, já tava chegando até a... Páscoa, a Semana Santa, eu comprava ovo... Ele disse: “Ah! traz ovo pra todo mundo!” Pra vocês terem idéia, a enfermeira usava roupa branca, né? E ela era bem escura... e um dia, ele já tava ruim... e ele tava deitado, ele disse, ela chegava: “Como é, vamos tomar banho! (*batendo palmas*) Vamos tomar banho!” “Eu não vou tomar”. E se enfiava debaixo da coberta. “Eu não vou tomar banho hoje”. “Ah! não? Tá bom! Não vai tomar banho, não quer ir pro chuveiro? Não vai! Eu vou dar banho aí.” Aí, ele levantou o lençol, olhou pra ela... porque a calça dela era meia fina... olhou, disse assim: “Eu não vou tomar banho, porque você não tomou banho.” “Quem te disse que eu não tomei banho? Eu já tomei banho.” “Tomou nada, aí, você tá com a calcinha cor-de-rosa, a mesma que você estava ontem.” (*risos*) E ela quase... Eu digo: “Quê isso, Jeferson?!” “Ela não tomou banho, olha lá a calcinha dela.” “Você tá olhando as minhas calcinhas?” As visitas iam lá... uma menina contando a história também da... da Petrobrás: “Ih, a Petrobrás tá ruim! Imagine que não vai dar aquela bonificação que eles dão, eu vou ter que mudar, meu aluguel agora tá apertado, vai acabar, eles vão aumentar, eu vou morar na Tijuca.” - ela morava no Leblon - “Eu vou morar na

Tijuca...” Ele virou pra ela, disse: “Olha... você morando na Zona Norte, tem que botar *soutien*, viu? O pessoal da Zona Norte usa *soutien*”. A minha cara ia no chão, entendeu? Ela também ficou vermelha. Porque ele brincava com tudo, gente. Ele brincava com tudo, tudo.

DR - E ele manteve esse humor, Dayse...

DM - Até o fim...

DR - ...durante toda a doença?

DM - Ele adorava essa moça que ele falou das calcinhas. Que ela ficava sempre durante o dia e a outra era durante a noite. Então, ela chegava... até a primeira vez que eu fiz um vídeo sobre... pras pessoas da área de saúde e falando... então eu falei, eu lembrei disso, e eu falava da, da simpatia, que eu tava contando a história do meu filho, e a simpatia quando a enfermeira abria a porta e falava: “Bom dia! Um bom dia pra você!” Aquela alegria que ela passava pra ele... e ele já respondia... ele tava ruinzinho, passou a noite mal, aí ele gritava um bom dia mais alto que o dela também, entendeu? Então, ele tinha essa coisa boa. E ele falava: “Mãe, ela tava...eu escutei ela falar com a outra que ela teve que lavar a calça quando chegou, pra poder vir trabalhar no dia seguinte. Faz uma coisa, vai lá na Mesbla compra uma calça branca pra ela.” “Eu não sei que calça...” “Ih! eu já olhei, é tudo igual, é tudo qualquer calça, tem que ser branca; agora se é grossa, fina... a senhora olha o tamanho assim... fala que é pra trocar...” Pois eu fui na Mesbla comprar uma roupa pra ela... “E vê se a senhora compra uma blusa bonita. Compra uma calça branca, mas compra uma blusa qualquer.” Eu peguei, comprei, quando cheguei, falei: “Vem cá!” “Que que você quer? Que que você quer mais, que que você quer?” Toda hora ele pedia uma coisa pra ela e tudo. Aí ele: “Toma! espero que você não seja enjoada e que você goste.” Aí ela: “Que isso? um presente pra mim?” “É”. Aí quando ela abriu, ela disse assim: “Ah! uma calça, bem que eu estava precisando de uma calça”. “Eu sabia que você tava precisando de uma calça...” “Ah, pois é, mas olha, a blusa eu não posso...” “Mas a blusa não é pra trabalhar, não. A blusa é pra você ir pros teus pagodes...” - aquela época nem falava pagode, falava pro teu samba...

DR - Forró.

DM - ...teus forró, falou. É, acho que era forró mesmo. “E você vai... entendeu? Mas a calça é pro trabalho, o outro é pra passeio.” Ela disse: “Ah! muito obrigado...” Ficou toda feliz. E... quando já tava chegando na Páscoa, que ele já tava ruim, aí... que ele morreu na semana... é mais ou menos na Semana... Santa, aí ele disse pra mim: “Olha, mãe, faz uma coisa...” Aí contou, contou... “Tem uma, duas, três, quatro...” Era uma quantidade de ovos que ele mandou comprar, assim de uns dez ovos. Eu digo: “Mas não tá Domingo de Páscoa.” “Eu sei lá se eu vou viver até a Páscoa! Deixa eu comer chocolate, eu também gosto de chocolate.” Mas ele falava com uma naturalidade... e eu trouxe aqueles ovos todos, ele escondeu todos e... e... e brincando de esconder o ovo, mandava ela procurar uma roupa lá, quando chegava ela dizia: “Eu não achei roupa, mas achei um ovo.” “Ah! Achou um ovo? Então fica pra você.” Sempre brincando, sempre brincando...

Até que um dia teve uma coisa séria, que ele tava... acho que ele já tava ruim e ele pedia pro Anderson... olha, eu só fui saber isso depois. Ele... chegou o médico lá de Paquetá, aí ele pegou e mandou avisar o pessoal de Paquetá: “Oh, mãe telefona pra

Paquetá, fala pra dona Alice...” - essa dona Alice tinha uma casa, que ele vivia nessa casa lá em Paquetá, onde ele saía pra pescar, aonde ele organizava os... torneio de pesca... - “A senhora fala pra ela que eu estou com AIDS... Se ela achar que ela deve falar pros filhos, pra ela falar; se ela achar que não deve falar, pra ela não falar. Fica pra ela saber...” Essa dona Alice era separada e o marido... separada, mas o marido tava sempre lá, porque era casa de veraneio, então eles sempre se encontravam no fim-de-semana. Ele era um médico psiquiatra e era muito amigo dele. Então, essa dona Alice foi lá, com os dois filhos. A filha... tinha morado com o meu filho mais novo, o Anderson, porque ele nunca perdeu tempo, né? Ainda não contei pra vocês que, um dia, a médica tava lá, que era uma médica novinha, a médica saiu...

DR - No hospital?

DM - ... no hospital, lá, ele já tava ruim, e ele virou e disse: “Que isso, Anderson? Estou notando uns... uns olhares aqui.” Ele disse: “Deixa pra lá, não se mete nisso.” Ele já tava paquerando a médica dele (*risos*). Então sempre foi assim e ele sempre vendo tudo isso. Aí, a dona Alice foi lá... os filhos foram os dois e... os dois e mais um outro amigo: “Ih! o Jeferson tá doente.” Não sei se... porque ela deve ter contado pros filhos. Eu não sei como é que foi, ele disse: “Vocês tão pensando que vocês vêm aqui só pra me visitar e ficar aí sentado? Nada disso. Eu vou sentar na cadeira de rodas e vocês vão...” - ele pedia muito isso - “...pra me botar aqui sentado na cadeira de rodas e me empurrar... eu vou mostrar a Beneficência pra você vê como é bonito. Não é igual a esse lugar feio que eu tô não.” Outra coisa também que acontecia, ele ficava naquele quarto assim preso, ele também pedia uma coi... ele pedia pro Anderson, às vezes, à noite, pra botar ele na, na cadeira de roda... e sair. E aí... não podia, ninguém andava na cadeira de roda de noite, pra cá, pra lá, né? Aí, alguém perguntava: “Escuta, onde você está?” Ele disse: “Tô no quinto andar”. Se falasse que era no isolamento iam botar ele pra correr, né? O Anderson: “Tô no quinto andar”. Aí disse: “Bom, agora toda hora eu digo, agora eu não vou falar mais no quinto, não, outro dia eu vou falar que tô no sétimo, porque senão já vão querer saber quem é que anda passeando de noite, por aí de cadeira de rodas”. E tinha um retrato do bisavô dele lá; então todo mundo que ele ia lá ele pe... pedia pra empurrar a cadeira de roda e ir lá no sétimo andar: “Tá vendo, meu bisavô? Aquele é meu bisavô.” Eu achei que ele fosse também contar pra esses rapazes, que também era o bisavô... eu não sabia a conversa, né? E fiquei conversando com a dona Alice, que ela levou uma manga lá de Paquetá pra ele, manga não, era abacate, que era época do abacate... ele olhou o abacate... mas ele nunca chorou. Nunca. (*emocionada*) Aí, pegou o abacate, botou lá... “A senhora leva esse abacate daqui!” Ele não queria nem ver o abacate (*muito emocionada*).

DR - Disse pra você, depois que dona Alice foi embora?

DM - É... mas ele não. Na frente dela, ele... pra mim só falou pra levar o abacate embora. Que eu sabia que era o que ele mais gostava era Paquetá, né? Bom, nisso ele começa a ficar ruim, aparece lá... já... três dias antes dele morrer, mais ou menos. Aparece o... marido da dona Alice, que era médico (*muito emocionada*). Ele disse: “Escuta, Doutor Jorge, porque...” - eu tava no quarto - “Porque... a gente tem, pode sacrificar um animal quando ele tá sofrendo? Porque a gente não pode também querer terminar com a vida?” Gente (*muito emocionada*), eu comecei a chorar, a querer chorar, eu... saí. Saí, mas fiquei na porta escutando a resposta. Eu digo, é uma pessoa que vai dar uma resposta... boa, né? Aí, ele pegou e disse: “Olha, pra te dizer a verdade, eu te

entendo... o que você tá querendo dizer... mas você sabe que um animal não é racional. Então... você é uma pessoa racional. Você já pensou? Pedir isso... e tua mãe? E tua família? Você vai ter que fazer esse sacrifício de esperar o fim com calma. Você vai ter que ter isso.” Aí, ele disse: “Mas eu não agüento mais! Eu tô querendo que, que me dopem e elas não querem me dopar.” Ele disse: “Você tá querendo ser dopado?” Ele disse: “É.” Ele disse: “Ah, vamos ver. Eu vou falar com a tua médica.” A médica do, do hospital. Por sorte, gente, quem que chega na hora? O médico da Petrobrás. O médico da Petrobrás, aí o Anderson quando viu que ele tava lá, disse: “Olha, nós vamos...”

DR - Mas isso, Dayse, é... só um instantinho... é... ele sentia dores?

DM - Não sei, porque ele não se queixava...

DR - Quer dizer, ele já não conseguia engolir...

DM - Ele já não conseguia engolir... e o Anderson dizia...

DR - Provavelmente, por...

DM - ... que a noite inteira ele se virava pro um lado, virava... o Anderson me pedia: “Mãe, compra umas espumas que eu vou arrumar aqui. Mãe, traz uns pedaços de, de, de madeira... a senhora passa lá na Bento Lisboa, compra madeira de tanto por tanto... Porque... levantou a cama, botou aquela grade durante a noite. Durante o dia, tava tudo direitinho. À noite que devia ser o negócio horroroso. Então, o Anderson levantava a cama, botava uma madeira por baixo... A...a enfermeira dizia: “O Anderson faz cada coisa nessa cama, que de manhã, tenho que desmontar isso tudo.” De manhã, ele tava todo ale... eu não sei se davam mais remédio pra ele, pra durante o dia ele ficar melhor... ou durante a noite não davam... eu não sei o que que era... ou à noite, ele se soltava mesmo, não é? Bom. Aí, ele começou esse negócio de, de... de arrumar cama, isso tudo. E ele então, foram os três pra... lá pra sala da médica: foi o Anderson, a... medic... foram procurar a médica, o médico... de Paquetá...

DR - o da Petrobrás.

DM - ... e o médico da Petrobrás. Aí, foram lá... depois eu pulei uma coisa importante que eu vou ter que voltar atrás. Então, eles resolveram... que realmente a médica disse... “Olha, porque que não dopam?” Foi o que os dois perguntaram e o médico também confirmou, porque o outro era psiquiatra, né? O médico amigo.

DR - O de Paquetá?

DM - É, o de Paquetá era médico psiquiatra. O outro era médico de clínica geral. Então falou com ela, que eles não... que eles sabiam do risco, que se botassem ele pra, pra, pra... pra dopar, ele podia nem acordar, porque ele tava muito fraco, ele não ia aguentar porque era uma coisa muito forte. Então porisso que não faziam. Mas aí, perguntaram pro Anderson, o outro que era amigo, né? E o coisa... então... resolveram no dia seguinte dopar. E, realmente, eles doparam. Agora, vamos parar aqui um instantinho, pra falar do que aconteceu antes... eu me esqueci. O que que era, Meu Deus? que eu ia falar uma coisa tão importante... bom, depois eu volto atrás.

DR - É.

DM - O negócio foi... então resolveram...

DR - Aí eles resolveram dopar à noite pra ele dormir, não?

DM - Dopar... não, no dia seguinte...

DR - ...manter ele dopado?

DM - Manter ele dopado. Olha você vai ficar... Aí o Anderson chegou todo contente: “Olha, resolveram. Tava o doutor Jorge, o médico da Petrobrás chegou aí... então nós resolvemos... eu, e... e, então vão dopar amanhã. Paciência! Essa noite vai ser outra igual, mas amanhã nós vamos dopar você.” Ele disse: “Ah! tá bom.” Aí, eu vim pra casa... amargurada. Eu digo: “Meu Deus!” Cada vez que eu entrava na BENEFICÊNCIA, eu não sabia o que eu ia encontrar, né? E, pra surpresa minha, sempre encontrando ele muito bem! Muito bem. Esse dia ele já tava nervoso... porque ele custava a perder a... a... o ânimo. “Aí, como é que será que é dopado, não sei quê, não sei que lá...” Então, era... justamente essa enfermeira que ele gostava dela. Que ela trabalhava um dia e outro não, né? Aí, e...e ela que tava lá: “Conseguiu, hein? Conseguiu o que você queria, seu danado! Não tem nada de dopar, como é que eu vou brigar contigo? E não sei quê... você agora também, é melhor mesmo que agora você não me chateia mais...” e aquela brincadeira toda e ele brincando, mas tava assim, assim... até que... vieram com a bendita da injeção. Aí ela disse: “Puxa a cama pra lá”. Eu fiquei no canto, porque a cama era encostada na, na parede, eu fiquei de um lado... e ele pegou... o Anderson do lado. Ela pegou, deu a injeção. Eu fiquei do lado. Aí, saiu sangue e molhou a, a cama. Ele disse: “Cuidado, mamãe! Olha aí o sangue, cuidado! Não encosta aí.” Eu digo: “Ih! Tá! Não tô encostando.” Eu tava parada. Mas ele viu sangue... Acho que ele tinha... que ele sabia que o sangue passava. Eu acho que na cabeça dele era isso. Aí... tomou. Ele disse: “Não aconteceu nada... e agora? Como é? Não aconteceu nada.” “Calma, calma, que daqui a pouco você começa a dormir.” “Ah! mas eu não tô dormindo, eu pensei que fosse...” Ela disse: “Quanto mais você falar...”

DR - Ele achou que era instantâneo, né?

DM - “...quanto mais você falar é pior.” Aí, o Anderson, nos pés da cama, a enfermeira aqui, eu do outro lado. Aí o Anderson: “Sabe de uma coisa? Já que você vai dormir, procura sonhar uma coisa boa... sabe o que você vai fazer? (*emocionada*) Faz de conta que você tá na pescaria. Fecha os olhos e pensa no mar; aquele mar horroroso que você gosta, com aquele mar forte, aqueles peixes, a lancha pulando... você vai... vai... vai... Olha, não abra os olhos não, vai pensando. Eu acho que é um peixe que tá lá no fundo, olha, vem vindo. Pegou... pegou, pegou? Não pegou. Pegou? Não pegou...” Ficou naquilo e naquilo tudo e ele foi indo... foi indo... foi indo... dormiu. Dormiu... (*muito emocionada*) e aí não acordou mais. Quer dizer, não sofreu. Foi de manhã... aí aquela noite também eu botei pé firme... porque eu falava pro meu marido: “Você tá ruim, eu tenho que olhar você...” quando ele começou a piorar; “vamos pro... pro hospital e alugo um quarto lá e você fica lá, fico eu, você e ele perto...” (*muito emocionada*) “Não! Eu não vou pro hospital”... igual ao meu cunhado... “Eu não gosto, eu vou...” Uns dias antes, ele foi. Que que ele falou?... Ele disse assim: “Papai...”... não... “Papai, eu gosto muito do senhor...” Ele disse: “Eu também.” E ficou nisso, uns dias antes. Foi

horrível, né? Então... dep... foi a última vez que o pai viu, ele não... não viu mais. Aí... no dia seguinte... eu dormi lá, no dia seguinte eu tava... o Anderson nessa época, ele tava ruim da coluna e tava fazendo aquelas... fisioterapia... então ele disse: “Mãe, a senhora dorme lá no quarto, que eu fico pra cá, pra lá, eu olho e tudo... mas nós pagamos à enfermeira pra ficar.” Teve uma... a noite quase toda, o Anderson ficou junto comigo lá, dormi... ele disse: “A senhora dorme sossegada, qualquer coisa, ela me chama.” E dormiu, foi tudo bem, tudo certinho... quando foi de manhã, o Anderson: “Ah, eu vou tomar a... a fisioterapia... mãe, vamos arranjar aquela enfermeira que gosta dele pra ela ficar.” Mas aquele dia, não sei porque a enfermeira disse que tinha que ir embora de manhã e... não, ela foi embora e não veio, não era o dia dela e não tinha telefone, então não conseguimos pegar ela, aí arranjamos uma outra enfermeira pra ficar durante o dia porque... ele disse: “Ela tem que ficar aqui do lado dele... a senhora tá aqui, mas vamos deixar a enfermeira aqui.” E ele então... ficou ali e o Anderson foi fazer a fisioterapia... Quando ele começou, eu tava lá... que eu vi que ele tava: “ahn, ahn, ahn...” a primeira coisa que a moça fez, a enfermeira, foi me botar pra fora. Eu digo: “Mas eu não quero ficar fora!” “Vai, vai chamar a médica, a senhora vai ajudar, vai chamar a médica.” Eu passei lá onde tá a fisioterapia, era tudo separadinho assim, né? E eu gritei: “Anderson! Anderson! O Jeferson está mal!” Todo mundo...

DR - A fisio era lá no hospital mesmo?

DM - Era lá mesmo, era pertinho. Mas acontece que eu não sabia onde ele tava e... eu sei que o Anderson passou descalço e foi embora pra lá... e eu disse: “Eu vou chamar a médica.” Ora, tinha telefone, né? E não, eu fui lá no outro prédio chamar... mandaram-me ir lá. Eu fui lá. Cheguei lá, falei pra médica: “Ele tá passando mal! Vamos!” Ela disse: “Vamos, que eu vou consigo.” Quer dizer, com certeza, ela já sabia que ele tava ruim. Quando nós chegamos lá, não me deixaram entrar, ela entrou e saiu: “Olha, ele agora descansou.” Quer dizer, acho que já tinham dito pra ela por telefone que ele já devia ter até morrido, né? Mas me botaram... quando eu lembro que eu andei aquela BENEFICÊNCIA toda pra ir lá na médica... eu não, não me toquei que estavam querendo me tirar dali, não é? E aí... chamou o pai... eu vim pra casa pra falar... isso foi umas... nove horas da manhã. Eu vim em casa... com Anderson... Não, mandei o Anderson em casa pra ir buscar o pai, eu fiquei lá... lá, dando os dados. Aí chamei a Petrobrás, eles que fizeram o... iam fazer o enterro, aquilo tudo... e o Anderson foi chamar o pai. Quando o Anderson foi chamar o pai, não falou pra ele que ele tinha morrido, que ele tava mal... que entrou no carro, quando ele ia entrando no carro, tava chovendo aquele dia, que ele entrou no carro, aparece o meu cunhado, que tava sumido a mais de quinze dias: “Ah, eu vim aqui pra saber do, do Jeferson.” Aí, ele disse assim: “Agora não tem mais nada pra saber.” E fechou a porta, entrou, Jorge já tinha entrado... ele esperou o pai entrar... “Agora não tem mais nada pra saber.” Fechou o quarto, fechou a porta do carro, foi embora e largou meu cunhado lá na... na porta, lá na... chuva, na rua. Meu cunhado ficou horrorizado: “Não sei o que aconteceu.” Aí a minha irmã tocou lá pro hospital, aí disse que ele telefonou, ou foi pra casa... eu disse: “Olha, o Jeferson acabou de falecer.” “Ah, o Rubens foi lá, o Ander...” Eu digo: “Eu não sei nada não.” Pá! Desliguei também, eu tava já muito por conta da vida com essa história deles sumirem. E... então, aí fomos fazer tudo. Aí começou outra história...

DR - Agora, antes um pouquinho... éh... você, você imagina, se já não pensou, o que que... o que que ajudava o Jeferson a se manter esse tempo todo, pelo que você tá falando assim... bastante consciente da doença, das dificuldades que a doença podia

trazer, né? Pra ele próprio e pros em torno, e... manter esse bom humor assim o tempo todo?

DM - Eu acredito...

DR - Era uma coisa própria dele assim, sempre foi da vida dele... ou...

DM - Foi. Agora, teve uma coisa que eu falei agora, você falando isso eu lembrei o que aconteceu: quando os médicos... quando o médico contou na Petrobrás que ele estava com AIDS, eles ficaram tão desesperados, que queriam chamar uma médica famosa, porque achavam que... “Vamos ouvir outra pessoa, dona Dayse? É melhor! Ele tá aqui, tá tudo bem, já teve esse problema de transferir...” Foi quando foi transferido, que ele foi pra lá, porque eles souberam foi naquela época, né? Ele já tava no isolamento... resolveram chamar uma médica...

DR - Quer dizer, depois dessa pneumonia, dessa internação pela pneumonia, ele não saiu mais?

DM - A pneumonia... não, não, ele saiu do hospital que tava e foi pro... pro...

DR - Só trocou de pavilhão?

DM - ... só trocou de lugar. Aí, eles resolveram chamar... até hoje, eu fico em dúvida com duas pessoas, que eu ainda não tive coragem de perguntar pra elas: é Márcia Rachid ou Dirce Bonfim... porque eram as duas médicas que falavam em AIDS, naquela época, famosas... e todas as duas são do Grupo, essa Márcia Rachid está no Grupo... assim como ela tá na minha frente, como você está, e até hoje eu não tive coragem... também eu acho um absurdo, eu perguntar pra ela uma coisa de onze anos atrás pra ela, que ela não vai lembrar. Mas no “Sem Censura” ela me disse que ela lembra de tudo, até endereço de médico...

DR - Mas por que? Porque teriam chamado?

DM - Uma médica... “Posso chamar uma médica? Ela cobra caro, ela é caríssima, mas ela é o máximo em AIDS.” Eu digo: “Chama.” E ela veio. Ele tava sentado lá, deitado, depois sentou com as pernas do lado de fora... eu também com as pernas do lado de fora... Esqueci de falar outra importante que ele fez... aí, ela falando com ele... ele disse: “Olha...” Tinha tabuleta lá, ela disse: “Eu vou falar com a médica”... Voltou. Quando ela voltou, ela disse: “Escuta, você não está tendo tratamento nenhum! Você só está tomando Bactrin... Você não está tendo tratamento. Existe tratamento agora, porque existe uma maneira de você viver melhor...” - isso tudo que a gente fala hoje - “...que tem uma possibilidade de ter uma vida melhor, você pode ter uma vida mais longa...” E eu do outro lado. E ele disse assim: “A senhora quer dizer que eu vou sarar com esse tratamento, a senhora vai me dar a cura?” Ela disse: “Não. Eu não vou te dar a cura, mas eu vou prolongar a sua vida com uma vida melhor.” Ele disse: “Eu não quero prolongar a minha vida.” Aí eu não agüentei, falei assim: “Jeferson, teu pai não está doente e não está vivendo?” Aí ele disse: “Pra ter a vida que meu pai tem, eu não quero.” Aí a médica ficou assim... (?) tem Mal de Parkinson. Ele disse: “Então, meu pai tá cada dia pior, quer dizer, não tem cura! Eu não quero uma vida dessas, eu vou sofrer até quando? Eu não quero. A senhora vai me desculpar, a senhora foi muito gentil...” Ah, não, antes dela



falar isso, ela disse: “Olha, eu vou te transferir pro hospital São Carlos...” - que é lá na Lagoa, no Humaitá, que é de câncer, hoje; àquela época já devia ser - “...o hospital São Carlos tem, é da Petrobrás. Que você diz que é da Petrobrás, tem tudo, nós vamos fazer isso...” Aí que ele perguntou: “A senhora vai me dar cura?” Ela disse que não, ela não ia dar cura, mas que ia prolongar a vida dele, que ele ia ter uma vida melhor, que ele não ia sofrer, que isso e aquilo... Ele disse: “Muito obrigado, mas eu não vou aceitar. Primeiro de tudo, que eu não quero viver como meu pai vive e segundo, que eu consegui estar num lugar que não tenha discriminação. Aqui todo mundo me trata bem...” “Mas lá também eles vão tratar, porque lá também é... é como se fosse aqui, são hospitais que tão acostumados com pessoas com... com doenças infecto-contagiosas, aquilo tudo...” Ele disse: “A senhora vai me desculpar, mas eu não...”

### **Fita 6 – Lado A**

DN - Pronto, Dayse. (*interferência na fita*)

DM - Quando ele já tava ficando bem ruinzinho, que ele já não dormia à noite, já tava ruim pra... pra se alimentar, aquilo tudo, ele que, tinha, quando ele estava em casa ele já falava assim: “Mamãe, vamos fazer uma besteira?” Que tudo que ele queria fazer o pai dizia que, ele, era besteira. Então um dia ele tava em casa ainda e ele, disse assim: “Mãe, vamos fazer uma besteira?” Eu digo: “Qual?” “Vamos na cidade e eu vou comprar uma televisão.” Eu digo: “Pra quê?” Ele: “Seu eu po... vou pro hospital, precisa de uma televisão.” Eu digo: “Mas tem, Paquetá tem uma. O Anderson vai lá e pega.” Ele vira pra mim e diz assim: “Não adianta, tem que ser com controle remoto. Como é que numa cama eu vou me levantar pra toda hora mudar?” Aquilo me fez eu ter, é... é... inda, foi primeira vez de...

DN - Dado de realidade, né?

DM - De realidade. Eu digo: “Vambora!”, né? Porque era uma época de, devia ter sido justamente entre Natal e Carnaval, mais ou menos assim, época de verão, da cidade cheia. Aí fomos nós dois comprar a televisão, quando foi comprar a televisão, um colega tocou aí disse: “Ah, você vai lá. Escuta, sabe que eu tenho que ir lá e eu não tenho tempo?! Será que você não quer comprar duas bicicleta pras crianças?” - o tal que tinha duas criança - “Depois eu te pago, se você...” Ele: “Não, tá, então eu compro as bicicletas e, e compro a televisão. Eles vão mandar aqui aí você pega aqui.” Ele disse: “Ah, tá bom!” “Se eu puder, eu mando as bicicleta pra lá.” No final, mandou as bicicleta lá pra casa do amigo e comprou a, a, a televisão e foi lá pra casa a televisão. Aí, tanto que quando ele ia visitar esses amigos, os garoto falava: “A bicicleta que o Jeferson me deu.” Aí, ele disse assim: “Eu vou dizer... um dia eu vou dizer pra essas crianças que não foi o Jeferson nenhum, quem deu fui eu. Eu te paguei.” (*risos*) Aí os garotos sempre falando que a bicicleta foi o Jeferson que deu.

Bom, nisso ele fazia todas as vontades, dentro ele tinha essa mania: “Vou fazer uma besteira.” Um dia ele também botou as perna assim pra fora da cama, disse: “Mãe, vem cá.” “Que é?” “Vou começar a fazer uma besteira. A senhora vai ter que ter coragem.” Eu digo: “Qual é a besteira dessa vez?” “Senhora não tem um caderninho aí, aquele que eu comecei a trazer do, do, da Petrobrás?” Que ele ainda levou pra dar umas... perguntava umas coisa, ele escrevia naquele caderninho pra dar pras pessoas. O caderninho tá aí até hoje. “Esse caderninho... a senhora vai fazer uma coisa. Que que a senhora vai fazer com a minha casa? Senhora vai desmanchar. Na minha casa a senhora

vai ficar, não tem onde bota...”

DN - Peraí, ele tinha casa, né? Não era alugada, ele tinha comprado.

DA - Ele tinha a casa dele. Não, ele tinha, eu me lembro que eu comprei, que ele falou que ele comprou a casa, uma não pode pagar, comprou um apartamento.

DN - Ham. Hum, hum.

DA - Que não tinha escada e ele não podia, não podia subir, eu esqueci de falar isso. Que o pai falou mesmo. Ia ter que subir e descer escada, que eram três andares... Então ele já tava meio fraquinho, né? Então ele já, ele, lá em casa, ele quase não ia na casa dele por causa disso, de, de, ter que subir escada. Bom, aí ele então que fez? “Escreve aí. Aquele... o, o, a, aquela estatueta assim, assim, assim, assim, senhora dá pra fulano. O livro assim, assim, assim, assim, senhora escreve, dava pra beltrano. O outro assim, assim, a senhora dá...” E falou que tinha em casa. Ó, tem outra coisa, esse casal que morou nos Estados Unidos com ele, viviam brigando e eles também quis, qui, é assim, mais chegado que iam fazer compras juntos e tudo e eles foram numa exposição e ele comprou dois quadros assim como se fosse esse, iguais, da mesma pintora. E o Jeferson tinha na casa dela e tava assim um perto do outro. “A senhora vai lá em casa... depois, né?” - e eu firme - “...senhora vai. Senhora vai dizer pra eles que vai ficar um quadro pra cada um. Agora, esses quadros que eu espere que sem... eu tô esperando que fique sempre um assim do lado do outro.” “E eu vou ter que falar isso?” “É, porque eles vivem brigando.” (*risos*) “Quer dizer, se um dia separar, cada qual carrega um de lembrança.” E sabe que eu fiz isso? Depois... bom, tudo que ele falou, essa pe, essa dona Alice de Paquetá, mandou dar um negócio, pro professor Jorge um livro, pros filhos uns outros livros, tudo, tudo. Pra minha irmã ele não falou nada. Falou pra minha prima que tava sempre lá, a Egne, essa que é igual a mim, no meu nível, mandou dá um armário, que ela tinha um armário que era muito bonito que ela achava ele lindo. Pra essa minha prima muito bacana, ele mandou dar um livro, não sei se vocês sabem, que existe na Rússia um negócio de ovo e tinha um ovo que dentro era um joalheiro que fazia uma jóia dentro do ovo, quando os Czar faziam, nascia um filho, dava pra mulher um ovo que abria e tinha aquilo lá dentro tudo cheio de brilhantes, era uma caravela, vamos dizer, toda cheia de ouro e trabalhada, com brilhantes, pedras preciosas e aquele ovo fechado. Então, era um livro sobre isso, quer dizer, uma coisa *muito* fina. “O livro, a senhora dá pra Yara.” Eu digo: “Tá bom.” E eu escrevia, tudo escritinho direitinho e depois, quando fui desmanchar a casa dele, eu chamei o pessoal da Petrobrás... que ele mandou muitos livros pra Petrobrás, dicionário, tudo isso... Então tudo isso eu fiz, tudo, tudo, tudo que era pra fazer, eu fiz. Quer dizer, idéia dele de dar as coisas pros outros e de falar, né? Porque ele sabia que ele ia morrer. Então ele resolveu tudo. Eu achei isso coisa que, não sei se as pessoas pensam assim, de, de, de, a gente até brinca, não fala, né? Eu digo: “Que coisa bonita.” Cê diz: “Quando morrer vou deixar pra você.”

DN - É, faz, em geral, fala na brincadeira, né? (*risos*)

DM - Fala na brincadeira, né? E ele fez isso de, de deixar.

DN - É, é, é isso que eu tava falando, quer dizer, tem, de, deve ser o relato...

DM - É.

DN - E ele pareceu ter mantido assim uma força e você também, sem dúvida nenhuma, né? Assim, uma força muito grande durante o tempo todo da doença, né?

DA - Será que essa, essa força era...

DN - E aí a minha pergunta é a seguinte: de onde que saiu essa força? (ri) De onde tava saindo essa força?

DA - Eu acho que essa força, eu compreendo como mãe que eu podia tá morrendo, mas eu não ia chorar na frente dele. E ele não tava pensando a mesma coisa? Pra me poupar, cê não acha que é isso?

DN - Possível, bem possível, né?

DA - Eu acho que só podia ser isso. Porque lá em casa mesmo, qualquer coisa que eu visse que não tava bem em tudo, eu saía, o que vale que era no verão, né? O que eu tomava de banho e ficava lá chorando em baixo do chuveiro. Pronto, saía, pronto e acabava. Ele, não sei se fazia a mesma coisa.

AP - Mas com o Anderson era assim também, à noite? O Anderson depois não te contou?

DA - Não, o Anderson dizia que ele sofria muito e que ele pediu pro Anderson, foi aí que ele me contou, que ele disse: “Anderson, você tem coragem de ir lá no Jockey Club e pedir, cê diz que tem um cavalo, uma coisa assim, diz que você tem um cavalo que tá sofrendo, se eles tem um remédio pra dá, você tem coragem de comprar pra mim?” E sabe que que o Anderson respondeu? “Olha, eu não vou fazer isso. Mas eu vou fazer o teste da AIDS. Se eu tiver com AIDS, eu compro pra nós dois.” Eu não sei se foi verdadeiro ou foi uma maneira dele fugir e o Anderson fez. O que o Anderson disse, o, o, o Jorge disse pra mim, o e, o Jeferson pra mim: “Dá um dinheiro pro Anderson que ele tem que fazer um exame que é muito caro.” Eu digo: “Exame?” Ele disse: “É, pra ver a minha coluna.” Eu disse: “Cê não vai fazer na BENEFICIÊNCIA?” “Não, não. Vai demorar e eu vou fazer, o Jeferson disse que vai me pagar.” E fez. E ele foi fazer o exame da AIDS e deu negativo. Então, será que eles teriam coragem de fazer isso? Até hoje eu me pergunto, será? E, mas ele num, num, num fez, né? Num fez e quem resolveu o caso foi esse médico psiquiatra que pediu pra, pra ele dormir e eu acho que resolveu, né?

Agora, essa força toda, será que foi também, porque foram (*buzina*) quatro meses que eu banquei a durona isso tudo e eu aprendi, também tive que bancar a durona depois por causa de marido, por causa de mãe, da minha mãe principalmente, marido, a gente chorava e pronto. Mas de mãe? Porque eu achava que ela que sofria mais do que eu. Você perder um neto! Nunca vai, e ela falava: “Mas ele doente!? Quem tinha que ficar doente era eu, ele não tem nada de ficar doente.” E um dia, brincando, ela, ela falou, engraçado, ela também falou em AIDS. Ela falou assim: “Puxa, mas os médicos...” – porque aí, eu não falava pra ela que ele tava com câncer, eu custei muito pra falar - “...até hoje não sabe que que é! Puxa, já ouviu falar numa doença nova que tem aí que ninguém sabe o que que é? É uma tal de, de coisa...” Aí ele rindo, falou pra ela: “AIDS, vovó! Eu hein?!” Aí ainda falou assim, falou, ele não deixou nem ela falando, ele que

falou. Agora, a força que ele tinha, eu acredito que foi isso que passou pra mim, primeiro, ou eu passei pra ele e ele passou pra mim. Foi uma troca, eu acho que foi muito grande. Deve ter sido isso, né?

DN - Dayse são...

DA - Tá?

AP - Tá.

DN - Tá na sua hora. (*risos*)

AP - Já bateram.

DN - É, eu ouvi. (*risos*)

Não há gravação no Lado B

Data: 18/12/1997

### **Fita 7 – Lado A**

DN - Vamos dar início a 4ª... Vamos dar início a 4ª etapa da entrevista com Dayse Agra para o projeto: A FALA DOS COMPROMETIDOS: ONGs E AIDS NO BRASIL. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu. Hoje são 18 de dezembro de 1997 e a gente tá no Rio de Janeiro. Dayse... a gente tinha mais ou menos combinado da última vez, que hoje você nos falaria assim, como é que você encontrou o Grupo Pela Vidda, como é que... em suma, como é que foi o caminho que você tomou é... depois que da morte do Jeferson?

DM - Olha, fiquei dois anos sem saber o que eu ia fazer. Acho que como eu já falei, as amigas me levaram pra vários caminhos e eu não me encontrava, eu só chorava. Aí, eu fui pra uma ... o IN ... INPS, “Como conviver com seus problemas”, que era uma reunião que se falava muito sobre os nossos problemas. Eu não tinha coragem pra falar, não falava nada só ouvia, achava que aquilo não ia resolver nada, mas um dia, eu vi na televisão o Hebert Daniel falando em AIDS. Eu me espantei, até interessante eu não tinha visto o anúncio de que ele iria falar, foi meu marido que viu e disse: “Olha, vai falar em AIDS.” Nunca ele falava em AIDS, eu até me espantei e disse: “Então vamos assistir.” Que eu tava... tava perdida, não sabia o que era, que que tinha acontecido, porque tinha acontecido, queria alguma, alguém falando sobre aquilo. Então eu fui assistir. E o Hebert Daniel, falando que ele tinha AIDS...

DN - Ele falou na televisão ?

DM - Na televisão...

DN - Num programa de televisão ?

DM - É, num programa da TV Manchete, falando sobre AIDS e falando que ele era homossexual, eu também já me espantei, porque era uma pessoa comum. Na minha cabeça homossexual é que andava de saia é.. todo vestido de mulher, eu tava toda perdida e não sabia o que era. E ele falando que ele tinha AIDS sim, mas que ele ia fundar, tava fundando um grupo que se chamaria Grupo Pela Vidda, porque a AIDS só tava ligada a morte, a tristeza, a pecado, a culpa, e ele queria modificar isso, que a AIDS tinha que se falar em vida, tinha que se falar em esperança, tanto que esse vida seria com dois “d” que seria Valorização, Integração e Dignidade dos Doentes de AIDS. Eu achei... que aquilo... me chamou a atenção porque era primeira vez que eu falava, ouvia falar em vida. AIDS pra mim era só morte, pra mim já era morte e eu só ouvia falar em morte. Então, acho que foi a palavra vida que fez com que eu tomasse coragem pra ir lá. Tomasse coragem não, ficar com vontade de ir lá, tomar coragem foi difícil, foi difícil porque eu não sabia o que eu ia encontrar. E nesse grupo que eu frequentava eu falei que estava com vontade de ir lá e até a assistente social disse assim: “Mas como é que você vai lá? Chorando? Você tem que falar, tem que começar a falar.” Eu digo: “Tá bem, então eu vou...” Ela disse: “Começa a falar aqui.” Eu digo: “Aqui?”

DN - Porque no grupo do INPS você pouco falava...?

DM - Não, eu nunca tinha falado. Todo mundo sabia que eu tinha perdido um filho de

AIDS, com AIDS porque ela tinha falado, mas ninguém me fazia pergunta. Aí todo mundo começou a fazer pergunta. Começou a fazer pergunta e eu chorava, mas eu respondia e eu tava me sentindo bem em falar, apesar de tá chorando, eu tava falando e achava que era uma maneira também de eu desabafar. Aí ela até ia comigo, “Ah, nós vamos.”, mas ela tem horário complicado. Um dia eu resolvi, já estava com o endereço, eu digo: “Ah, eu vou sozinha.” Aí, eu fui. Cheguei lá morrendo de medo, mas consegui entrar tinha uma moça lá que atendia o telefone, eu disse: “Eu telefonei.” Ela disse: “Não, pode vir.” Aí, veio um rapaz me atender. Muito simpático, eu já tava em ... eu já também tinha discriminação, né? Esperando um homossexual me atender e era mesmo um homossexual. Mas um homossexual parecido com o Hebert Daniel, vestido normalmente, sem, sem, sem, sem desmunhecar, como eu achava que seria, né?

DN - Até então você nunca tinha conhecido um homossexual ?

DM - Para dizer a verdade, só tinha um homossexual que eu tinha conhecido, que era de cabeleireiro e daqueles bem...

DN - Que se vestia de mulher ?

DM - Eu achava que ele se vestia de mulher. No salão ele não se vestia de mulher, mas eu achava que era, na minha cabeça era aquilo. Era uma discriminação total e medo até de ver. Aí eu fiquei... lá no grupo ele conversando comigo e ele estava há pouco tempo, ele também... quase ele chorava quando eu falava.

DN - Hum...

DM - Eu digo : “Meu Deus!” Porque ia começar a falar e chorava, pedia desculpas mas eu tava querendo falar e... eu disse : “Olha, eu não sei para que que eu vim aqui. Eu queria ajudar, mas como é que eu posso ajudar? Eu...” Porque na minha cabeça eram aqueles homens que estavam lá, né? Eu digo: “Como é que eu vou, eu não tenho conhecimento nenhum de homem, nunca eu, eu, eu vi homossexual assim de perto...” E ele disse : “Mas espera aí, nós aqui temos mulheres também.” Eu disse : “Tem mulher?” Ele disse: “Tem. São as esposas das pessoas que tem o vírus da AIDS. Umas são contaminadas e outras não. Mas eu acho que a senhora seria muito útil aqui falando com as mães que mandam os filhos pra fora de casa quando sabem que eles estão com o vírus.” Eu disse : “Mas isso acontece?” E ele disse : “Acontece e muito.”

DN - Você lembra quem foi essa pessoa que você conversou, ou não ?

DM - Lembro.

DN - Quem é ?

DM - Foi .. José Pedrosa ...

DN - Stalin?

DM - Stalin.

DN - Hum..

DM - Ele que me atendeu pela primeira vez. Ele tava também, ele tinha pouco tempo que sabia que tava com o vírus. Então era uma coisa mesmo difícil para ele também e tava no início do grupo. Todo mundo tava ainda abalado, ninguém tinha como hoje aquela coisa de chegar ouvir e se conter, nada disso, estava tudo começando, né? Aí ele me explicou...

DN - Estavam todos procurando um caminho ?

DM - Estavam todos. Porque, primeiro, era uma casa muito bonita, que ali tinha sido fundado ABIA. ABIA era Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Interdisciplinar porque eles queriam fazer um grupo de pessoas que pudessem ajudar e pessoas vivendo com AIDS. Então, fazia parte desse grupo, médicos, fazia pri... era interdisciplinar mesmo. Eram pessoas que não tinham nada a ver e pessoas que tinham e pessoas de Justiça e de médico e de todos. Mas acontece que a ABIA, ela não cuidava das pessoas com o vírus, ela recebia material de fora, traduzia aquele material todo e esparramava pro Brasil inteiro. Então ela não era uma coisa assim de conviver com as pessoas. Então, por isso, o Hebert Daniel fundou o Grupo Pela Vidda, que seria de apoio às pessoas vivendo com AIDS, soropositivas ou não. Esse ‘vivendo com AIDS’ seriam as pessoas que acompanham as pessoas..

DN - Que vivem ou convivem...

DM - Vivem ou convivem, a palavra certa. Então ele fez esse grupo e isso tudo, o Stalin me explicou e me falou que eu seria uma pessoa ótima pra ajudar. Eu digo: “Mas como que eu faço?” “Não, a senhora vem aqui. Quais os dias que a senhora pode vir?” Eu digo: “Eu posso segunda e terça.” “Tá bem, então a senhora vem segunda e terça e vai se ambientando, vai lendo os nossos... papéis, os livros escritos pelo Daniel e a senhora vai se enturmando.” Eu falei... na ABIA quem fundou foi o Hebert Daniel e Betinho e no Grupo Pela Vidda foi o Hebert Daniel sozinho que, e um grupo de pessoas que fizeram na... na época ainda nem tinham feito não, que seria o conselho de curadores. O conselho de curadores foi feito depois. Até na época que foi feito, eu fui convidada. E nós ficávamos numa casa as duas associações, as duas ONGs juntas. Tinha uma garagem lá no fundo que eles resolveram fundar naquela garagem...

DN - Onde era essa casa, Dayse?

DM - A casa era no Jardim Botânico, na Rua Lopes Quintas. Uma casa muito bonita. Quando você entrava já... quando eu entrei eu já senti que era uma coisa boa lá dentro. Porque era uma casa com *vitreaux* bonitos e era uma coisa que, que me tocou muito era uma casa alegre. Porque eu achava sempre aquela coisa de AIDS - morte e era uma casa alegre, lembro que tinha até uma cozinha e as pessoas iam lá faziam cafezinho, dava para as outras, entendeu? Alguém estava com fome entrava na cozinha fazia um sanduíche..

DN - Nesse dia que você foi, nessa primeira vez que você foi já tinha bastante gente assim, circulava...

DM - Circulava mas tinha umas quatro, cinco pessoas.

DN - Hum..

DM - Tinha muita gente da ABIA que já começava a tra... que já estavam trabalhando, não tenho certeza quantos anos, mas já tinha pelo menos uns dois, três anos. Eles ficavam no andar de cima trabalhando justamente fazendo as traduções e fazendo os novos papéis pra distribuir, os novos boletins aquilo tudo. Então essa gente eu quase não tomava contato, eu tomava contato mais com as pessoas que estavam ali, que era mais, que eram, que queriam fazer o Pela Vidda que era pra atender as pessoas.

Então eu comecei a aparecer lá e nessa época eu achava que não tinha mulher, né? Eu conheci duas mulheres que estavam com o vírus, porque aí eu comecei a ir às segundas e terças. Chegava lá, ficava morrendo de medo de aparecer algum homem e vim conversar comigo e o que eu ia falar? Mas eles começavam a aparecer e conversavam assim normalmente... “Eu tenho Aids...”

DN - Mas homem, homossexual que você quer dizer?

DM - A maioria.

DN - Não, mas eu digo...

DM - Sempre...

DNR - Você ficava morrendo de medo ...

DM - Dos homens...

DNR - De aparecer um homem...

DM - Homossexual.

DN - Isso!

DM - É.

DN - E puxar conversa... mas não eram os homens em geral, eram os homossexuais?

DM - Eles que eu tinha medo. Então, um deles até me dizia... aliás era até o Stalin mesmo que eu conversava mais, ele dizia assim: “Mas por que você tem medo? Eles não vão te perguntar nada. Eles só querem conversar, eles querem uma pessoa pra ouvir.” Eu digo: “Ah, então tá bom!” Aí eu fui começando, eles chegavam, às vezes eles contavam problemas do namorado dele e eu ficava assim ouvindo. Eles falavam como se fosse, como eu conhecesse assim, um homem falando da namorada dele. Era a mesma coisa, o sentimento era igual e eu, na minha cabeça, era tudo diferente, mas eu fui acostumando. Nisso eu conheci duas mulheres, uma que é Ana Valéria, que depois ela até fundou o Pela Vidda em... no Espírito Santo. E um dia apareceu uma mocinha, porque era no verão, eu fui logo no princípio do ano, o ano era oitenta e nove mais ou menos, depois eu vou ver a data direitinho. Então começou assim no princípio do ano e ela chegou: “Ai, estou tão cansada!”, porque era uma ladeira, “Tô suando tanto! Bom, até que tá melhor, eu tô suando. Quanto tempo que eu não sei o que que é isso, que tô sempre com febre, tô sempre com frio.” Eu vi que aquela menina tinha AIDS, eu digo: “



Meu Deus! O quê que eu vou falar?” Aí eu lembro que eu disse pra ela: “Ainda bem que você tá sentindo frio , pelo menos a febre não tá te incomodando.” Ela disse: “É mesmo a febre não tá me incomodando.” Essa menina era Valéria Lewes, que foi a primeira, nisso nós começamos, a... nos encontrar, ela começou a ficar também na parte da tarde...

DN - Mas você ficava lá, assim tipo na recepção do grupo, é isso?

DM - Não, ficava andando pelo caminho. Pegava uma revista lia, tinha muita revista estrangeira, outras já estavam traduzidas. Eu ficava mexendo ali. E tinha também uma pessoa, que era esposa de uma pessoa com vírus, que ela dizia: “Pronto! Vai ficar pronto o nosso primeiro boletim. Pra quem que a gente vai mandar? Vamos pegar todas as pessoas que estão escritas na ABIA, mas é pouca gente. Vamos ver quem que a gente pode.” Aí, nós pegávamos o... .... catálogo telefônico, e bom, psicólogas, médico, infectologista, vamos ver se a gente descobre infectologista pra mandar, a gente tava procurando. Eu lembro que no primeiro mês, no primeiro boletim que saiu, nós conseguimos mandar só trinta boletins. Não tinha pra quem mandar, a gente não sabia pra quem mandar. Então, quer dizer, tava mesmo no início. E essa moça que eu falo que o marido tinha o vírus, era eu, essa moça que era esposa, tinha Ana Valéria, que era Ana Valéria que também tinha o marido com o vírus e tinha essa menina Valéria que era a única que era solteira e que, solteira não que ela tinha pego do marido, ela era separada, aliás o marido já tinha morrido e ela tava ali. Éramos quatro pessoas praticamente, só. Então foi, eu digo: “Ah, eh... será que tem mulheres? Ah, tem outras mulheres que vem...” Existia no grupo uma coordenação de casais. Então os casais... mas as mulheres geralmente não podiam vir à tarde, porque esse,esse,essa reunião era a noite, elas não podiam vir porque tinham filhos, porque trabalhavam. Então, apareceu um dia uma moça falando que era manicure, trabalhava num salão, ela disse: “Ah, eu queria que a reunião fosse às segundas-feiras.” Eu disse: “Tá, então nós vamos deixar segunda-feira sempre...”, que aí tivemos de escolher um dia, porque eu só podia ir um dia, eu digo: “Vamos ver se a gente faz a reunião de mulheres na segunda-feira.” Ela disse: “É, porque eu trabalho em salão e tem que ser só segunda-feira, que eu tô livre.” Então ficou escolhido desde dessa época que o grupo de mulheres seria nas segundas-feiras.

Essa pessoa que eu falei que o marido estava doente, ela que começou a querer coordenar um grupo de mulheres, então começamos a reunir. Mas era difícil pra elas irem, é muito difícil mulher aparecer. Eu sempre... curiosa pra saber: “Puxa, mas tem mulheres, que coisa!” Eu acahava que era só de homem, ainda existia aquela história. E a nossa conversa era de AIDS, mas ninguém sabia nada. Remédio, só tinha o Bactrim...

DN - Quer dizer, na, na, na sua idéia ainda era uma doença de homossexuais?

DM - De homossexuais.

DN - Como é que mulher pegava?

DM - Como é que mulher pegava, justamente. Então eu conheci aquela porque com o marido: “Puxa, o marido. Então ele não era homossexual. Era, não era.” Aí, sempre aquela dúvida, bissexual.

A Valéria, por sua vez, contava que ia ao médico, que era no Gafré Guinle, na época começou lá, foi o primeiro, uns dos primeiros hospitais a tratar. E ela se queixava do médico que ficava assim: “Você tem certeza de que teu marido não era homossex.... não era bissexual?” E ela ficava muito por conta. “Você fazia sexo anal?” Ele também,

ele tem que entender que ele também estava perdido, eles estavam, como é que eles iam saber ? Eles tinham que falar com as pessoas que tinham o vírus. Mas as mulheres ficavam por conta de ir nesse médico e esse médico fazer essas perguntas. E esse médico sempre teimando que mulher não passava: “Não, mulher não passa, mulher não passa.” Desde essa época, desde o início se ouvia dizer isso.

E quanto a remédios, só se falava em vacina, não se falava em remédio, só falava: “Vamos fazer uma vacina...”, e sempre aquela discussão: “Mas vacina, se é um vírus, vírus é difícil pra arranjar uma vacina.” Naquela época é que eu escutei a falar e já comecei a aprender que vírus... o que que era vírus o que não era vírus. Então falavam: “Mas vírus... e o vírus da gripe que até hoje não se conseguiu arranjar uma vacina pra gripe, como é que vai conseguir uma vacina para AIDS se também o vírus é mutante.” Aí, eu comecei ouvir tudo isso e falava: “Puxa! Mas deve ser difícil.” E continuava se falar em vírus... em vacina, vacina, vacina. Aí eu acho que já começou, tudo que aparecia lá fora, nós recebíamos notícia. Começaram a falar no tal do AZT, que estava em estudo, que estava em estudo mas ainda não estavam usando. Só se falava no AZT. Aí, todo mundo: “E aí, esse AZT, como é que faz? A gente pode comprar?” “Não, não pode comprar. O AZT ainda está em experiência, a experiência ainda não está no Brasil . É só lá, quem quiser ir...” Aí, eu lembrava do meu filho, que a Petrobrás tinha dito: “Você quer ir pros Estados Unidos?” E ele não quis ir, né? Eu digo: “Tá vendo, tá começando o remédio, se ele tivesse aqui, talvez ele já fosse usar esse remédio. É aquela coisa da a gente sempre querer uma desculpa pra que se pudesse e se, se, se... Bom todo mundo falava no AZT, no AZT e o AZT não chegava. Até que o Hebert Daniel começou a tomar o AZT porque ele tinha conhecimento lá fora. E isso já começou, existia não sei se primeiro ou já era o segundo, que era o... Congresso Internacional de Pessoas Vivendo com AIDS, que se você descobrisse essa data, seria ótima, dos pri... do primeiro congresso.

DN - Do segundo?

DM - Eu não sei...

DN - Congresso Internacional ou Encontro de Pessoas Vivendo ?

DM - É... Encontro de Pessoas, né?

DN - Não, o que o Grupo pela Vidda sempre promoveu...

DM - Não, não, o Grupo pela Vidda não fazia.. era o Internacional.

DN - Então é Conferência Internacional de AIDS.

DM - Conferência Internacional de AIDS, era isso. Que ele já fazia parte, ele já ia lá, ele participava...

AP - Acho que foi em oitenta e oito o primeiro, oitenta e oito ou oitenta e nove...

DN - A segunda acho que foi em noventa e um.

DM - É, foi nessa época, em oitenta e nove.

AP - Acho que foi em oitenta e nove. Foi em Montreal ?

DM - É, né? Então já se falava nisso e ele já tinha conhecimento. Ele viajava, eu me lembro até depois e tudo, eu vou falar agora, porque eu vou perdendo os anos, ele teve uma época que ele tava tão ruim que ele não podia nem viajar e ele fez uma transfusão pra ir e quando voltou ele teve que fazer uma transfusão de sangue também. Mas ele ia, ele não deixava de ir. E também o que me espantava que ele era bem gordinho. Eu olhava pra ele e dizia: “Meu Deus, gordinho.”

Bom, então bem no início se falava nisso, ninguém sabia direito o que era, começou a se falar no AZT. Quando ficou pronta a nossa sede, teve a inauguração... Então a inauguração...

DN - Ainda...

DM - Dentro do mesmo local, nessa casa mesmo que era garagem que foi, mas era uma garagem muito grande que deu para dividir em dois espaços e ainda fizeram um jirau e pensando em fazer o disque-AIDS, coisa que o disque-AIDS ainda não tava começando. Apareceu também uma advogada querendo também ajudar, depois ela não pode ficar porque ela fazia parte de qualquer coisa do governo e era uma ONG e ela não podia. Também tinha essas questões todas, aí passou pra Dr. Míriam Ventura que começou a tomar a frente, era uma mocinha muito nova, não sei se ela tinha se formado naquela época ou não, mas ela trabalhava com essa advogada e essa advogada que indicou, então ela começou a fazer, querer pensar, organizar o serviço jurídico dentro do Pela Vidda, também foi logo no início.

Então fizemos a inauguração. Pra minha surpresa, eu tava lá ... era coisa assim de três, quatro meses, então o Hebert Daniel, fizemos... era uma coisa tão horrível aquele lugar, que era todo cheio de, de tudo que não servia era posto ali, e ficou tão bonito! Um dos rapazes, no dia da inauguração, fez um arranjo de flores, eu ficava: “Como eles transformaram isso, que garra de fazer isso!” Foi a primeira coisa assim que eu vi da luta deles assim de fazer um lugar horroroso, uma coisa maravilhosa, com sofás, com móveis, tudo bonitinho, tudo arrumado e botaram a fita assim pra inaugurar, né? Teve o jornal, teve toda mídia, alí. E na hora, e o Hebert Daniel falando, e na hora que ele foi, estava com a tesoura na mão pra cortar, todo mundo esperando que ele cortasse aquilo, ele se virou pra mim... quem estava atrás de mim era essa moça, que o marido também tinha o vírus, que tava mais tempo do que eu, e ainda olhei pra trás pra ver se ele estava falando com ela e ele disse: “Não, é contigo Dayse, que eu estou falando. Faça o favor de vir cortar a fita. Pelo seu amor, eu te escolhi pra fazer a inauguração da sede.” Até hoje eu não sei qual foi esse amor, eu não sei se foi amor ao meu filho, ou amor ali as pessoas porque eu me agarrei tanto que eu acho que se dava pra notar o amor que eu tinha pelas pessoas, eu estava mesmo com amor as pessoas, eu acho que eu que estava carente, né? Eu comecei a me envolver com as pessoas.

Aí foi inaugurada a nossa sede, aí nós começamos aquelas duas salas, já tinha um lugar reservado para a gente fazer as nossas reuniões. Era pequenininho, era bem aconchegante, ao contrário da ABIA que toda hora entrava gente... *(toca o telefone - interrupção da fita)*

DM - Então nessa sala, era uma sala mais aconchegante, apesar de ser aberta, mas não tinha o movimento, porque na ABIA sempre tinha gente entrando pra procurar o material e tudo, e o nosso ficou mais reservado e ficou ótimo.

DN - Porque era uma casa grande e aí garagem da casa é que...

DM - É que foi feito Pela Vidda...

DN - A garagem da casa é que foi arrumada, reformada Pela Vidda...

DM - Que deram duas salas, ainda dois espaços e ainda tinha o jirau que seria o disque-AIDS.

AP - E desde o princípio vocês foram duas ONGs distintas ?

DM - Bom, no início, como eu falei era o Hebert Daniel, era o... da ABIA. Primeiro existia a ABIA, aí quando ele viu que não podia atender as pessoas, ele queria atender direto as pessoas com AIDS, por isso que ele fundou o Pela Vidda que seria mais assim. Eu não posso dizer nem assim de, de fazer trabalhos como é que se diz ? É...

DN - De assistência.

DM - É... assistência, não era um grupo assistencial. Assistência que nós damos é para as pessoas, nos não dávamos remédios, nós não dávamos alimentos, não dava nada...

AP - Apoio mesmo...

DM - Era o apoio mesmo. E outra coisa que ele queria era um espaço onde as pessoas pudessem conversar. E era isso que eu achava que tinha que ter, porque eu não tinha com quem falar.

AP - Mas aí não fazia mais parte da ABIA, era um outro grupo, só no mesmo espaço...

DM - Não, aí, já era uma organização diferente, entendeu? Já tinha também...

DN - Sempre foi uma organização diferente?

DM - É desde que foi fundada. Aí, já conseguiu verba lá fora, que eu lembro que já era, a Fundação Ford, que ajudava. Aí, nós começamos a fazer esse trabalho lá com que nós tínhamos. Tínhamos o nosso boletim, já tinha saído, estava saindo um pela primeira vez então, foi aí que nós começamos. E as meninas iam também aparecendo e eu tava vendo que tinha mulher, que estava aumentando o número de mulheres e ainda continuava aquele bendito médico falando que mulher não passava. E nessa época..

DN - É o médico do Gafré Guinle?

DM - Falo o nome? ( ri )

DN - Fala, claro!

DM - (ri ) Carlos Alberto...

DN - Dr Carlos Alberto...

DM - Dr. Carlos Alberto Moraes e Sá. Passado dez anos, ele ainda tem uma linha completamente diferente da maioria dos médicos.

DN - Porque o que ainda se diz, Dayse, é que a transmissão de mulher para o homem...

DM - É menor...

DN - Menor do que do homem para mulher...

DM- Lógico, porque tem menos líquido...

DN - Claro!

DM - Lógico, entendeu? Precisa o homem ter o pênis machucado, entendeu? Ter uma feridinha qualquer, porque o líquido é pouco. Lógico, a mulher mesmo que ela não tenha nenhuma feridinha, né? Mas ele vem com aquela quantidade de líquido, tem muita mais facilidade.

DN - Hum, hum...

DM - Isso não há dúvida. A mesma coisa é no ânus...

DN - Só que ele afirma que não transmite da mulher para o homem, é isso?

DM - Só sexo anal, ele é contra o sexo anal...

AP - Até hoje?

DM - Até hoje ele... Até hoje ele fala de sexo anal. Ele só fala que mulher passa pelo sexo anal, ele fica falando. Vocês sabem porquê, né ? Porque é traumatizante, machuca e sai sangue. Então ele vai mais pela, a mulher passando pro homem pelo sangue.

DN - Pelo sangue, não...

DM - Ele tem razão, mas nós não podemos ficar falando só nisso. Nós temos que falar sim, dos homens que... também tem... as DSTs e ele fica também com uma feridinha ou bolinha seja o que for, uma fissura, e tem o líquido ali para pegar. Quer dizer, custou para pegar essa parte, custou muito, muito, muito. Bom nisso... tinha... uma delas, uma dessas meninas, ela ouvia falar que ele falava que mulher não pega, mulher não pega, mulher não pega... só pode ter facilitado e ela ficou grávida. Resultado: quase morreu, porque ela já estava com AIDS bem, já estava com AIDS mesmo, já estava adiantado. Ela está viva até hoje, hein, gente? Mas ela ficou grávida.

AP - Esta é a Valéria, Ana Valéria?

DM - Foi Ana Valéria. Quase morreu, se ela não corre, ela tava em Vitória voltou para cá, não sei se devo contar a vida dos outros ( risos ), mas...

DN - É, eu acho que você que sabe. Você é que decide. Quer dizer... você sabe qual é o objetivo da entrevista e... entendeu?

DM - Eu podia falar e então você não bota o nome. Uma das meninas, ela acreditava que mulher não passava e ela resolveu, entendeu... essa aconteceu, não é que ela tivesse vontade de ter outro filho não, porque ela já tinha um filho. Mas ela deve ter facilitado, que eu acredito mais nisso, ter transado sem camisa, porque ela achava que mulher, aí o marido já tinha morrido e tudo ela estava com namorados... Quer dizer, por isso é que eu acho que ela facilitou e acabou ficando grávida e ela teve que vir de Vitória correndo pra cá, pra ser internada, para poder se salvar.

DN - Ela já sabia que estava com o vírus...

DM - Tava com o vírus...

DN - E, porque o Dr. Carlos Alberto dizia que mulher não transmite para homem...

DM - Justamente, ela facilitou.

DN - Ela transava sem camisinha?

DM - Não acredito que ela transasse sempre mas com certeza algum namorado que não quis usar, ela pegou e facilitou. Acredito que ela pedisse sim! Mas sabe se agora é difícil o homem usar camisinha, imagine naquela época. E vai ver que na hora mesmo do vale tudo ele falou que não usava e ela “Ah, mulher não pega.” Isso foi uma coisa que aconteceu várias vezes.

Uma outra também do grupo, que tava no grupo, ouvia falar, sabia de tudo, também estava morando com um rapaz, mas o sonho dela era ser mãe. E ela fez de propósito, querer, porque ela disse assim: “Eu não vou passar pra ele. O risco é meu, se eu tiver que morrer sou eu.” Eu digo: “Mas, se você morrer, você não pensa no teu filho, você está pensando que se você morrer acaba, e teu filho?” A gente sempre falando isso. “Você tem que pensar, também, na criança.” “Não, mas o meu sonho, você fala isso porque teve filho.” E sempre tinha essa discussão delas quererem filho. Resultado: um dia ela também ficou grávida e quase morreu também. Porque, nunca esquecendo que nessa época não tinha AZT. Então como elas iam, porque o AZT veio e segurou um pouco. Outra coisa também...

AP - Sem contar a contaminação do feto...

DM - Olha! Foram três mulheres, não foram essas duas não. Uma outra também...

DN - Agora, Dayse, você sabe se... quer dizer, se essas, essas mulheres do grupo que insistiram em engravidar, a outra que insistiu, elas transmitiram pra seus parceiros ? E pra seus filhos?

DM - Agora uma coisa eu te garanto...

DN - Você sabe se houve essa transmissão ?

DM - Não, não houve transmissão.

DN - Não houve ?

DM - Bom, essa menina que queria ser mãe, acontece que ela, você sabe se agora é difícil uma pessoa aceitar, ela ficou desconfiada, essa menina já fez reportagem até na Veja e botaram um retrato dela grande, falando: “Eu passei pro meu namorado.” Ela quis justamente falar isso sobre Carlos Alberto. E ela falou isso que ela tinha transado com uma pessoa sem camisinha e que ela queria um filho. Ela contou essa história e ela contou que além dela correr o risco ela tinha sempre o medo de passar pra ele. Sendo, que depois de muito tempo ele disse que ele tava com o vírus e disse que pegou dela . Mas ele não fez exame depois, ele não mostrou que, ela desconfiou sempre que ele se aproximou dela porque ele tava com o vírus. Ficou muito, uma coisa difícil. Ele disse que tinha o vírus, depois de três anos com ela. Ele disse que tinha o vírus. Antes ele nunca disse pra ela que tinha o vírus. Mas ela desconfia pelos conhecimentos que ela teve depois quando ele se separou e tinha se separado dela porque ela passou pra ele. Mas ela não podia ter certeza, mas ela tinha quase certeza que ele já tinha o vírus. Porque ele já tinha morado com uma moça que tava com o vírus e a moça disse que ele passou para ela.

AP - E a criança?

DM - Ela perdeu, ela não teve, ela quase morreu. Foi isso que eu falei, ela quase morreu. Essa aí quase morreu porque também ela já tinha o vírus há muito tempo. E teve uma outra, que diz que a camisinha rasgou, também a gente nunca sabe como é que é, e ela teve... ela ficou grávida e como ela tava com medo de ficar aqui, ela foi embora para o Nordeste e nós nunca mais soubemos dela. Agora, soubemos a última notícia que ela estava muito mal no hospital, acredito até que ela tenha morrido. Talvez eu esteja errada entendeu? De acusar um médico, porque são vários médicos que falavam isso, mas só que este é que tinha vaga na mídia...

DN - Projeção.

DM - É ele tinha projeção, entendeu? E ele levou muito tempo...

DN - A responsabilidade dele é maior...

DM - Era maior, entendeu? Ele não podia falar isso, se... Dúvida sempre houve, nunca podia ninguém afirmar isso. Lógico, como você falou, tinha menos possibilidade, mas tinha, entendeu, da mulher passar para o homem. Então se existe a possibilidade como hoje nós falamos sobre o leite, sobre a saliva, tudo isso, então se existe uma certa dúvida, vamos ficar calados e não incentivar. E ele afirmava com toda convicção que mulher não passava. Então nós perdemos, duas quase que faleceram e perdemos uma moça por causa disso.

E nisso, apareceu o AZT. Agora, apareceu o AZT, a pessoa foi o Hebert Daniel o primeiro a tomar. Quando ele começou a tomar o AZT ele ficou péssimo, por...

DN - Porque tem reações colaterais, né?

DM - Colaterais. E essas reações arriava com ele. E as pessoas viam e também aquela história ele era o primeiro, todo mundo olhava e o medo de tomar! Mas ele era uma pessoa tão especial que ele escreveu um livro. O meu primeiro AZT. Aliás não foi um livro...

## AP - Artigo.

DM - Foi um artigo sobre meu primeiro AZT, que ele passou... “Meu primeiro AZT ninguém esquece.” E ele passou isso para o Brasil inteiro e para o mundo inteiro, todo mundo tinha medo do AZT. E ele falou que era o único meio e que ele tinha que enfrentar e ele tomava o AZT. Então todos que chegavam na hora do AZT o que pensava? Então agora não tem mais jeito agora eu estou ruim, e aquilo ainda abalava mais a pessoa. Era isso que ele falava. Porque abala, entendeu? Porque na AIDS ou qualquer outra doença, se você já vai ficar com medo, vai ser muito pior, não é? Então as pessoas tinham medo, então aquele medo fazia a imunidade abaixar e tudo piorava. Então era isso que fazia o AZT. Não era realmente qualquer remédio, às vezes é bom pra um e não é bom para outro, né. Então as pessoas sentem aquela diferença mas, começaram a tomar o AZT.

Até que aos poucos vieram... uma coisa importante, logo que começou o grupo, que foi inaugurado, apareceu lá no... aquele programa da televisão das sextas-feiras, à noite... da TV Globo...

## DN - Globo Repórter.

DM - O Globo Repórter. Ele apareceu, querendo entrevistar, como sempre, pessoas com AIDS. Ora, na época o único que aparecia era o Daniel, aí falou pra mim, falou para as que estavam ali, para as pessoas que estavam ali, eram homens e mulheres. E no final eu digo: “Olha, eu tenho vontade de falar, mas eu não vou poder falar, sem falar com o meu filho mais novo, porque eu vou aparecer, eu perdi um filho com AIDS, por mim não tem problema e agora ele vai ser sempre apontado, eu vou ficar com medo.”

A Valéria por sua vez também disse assim: “Ah, eu tinha vontade, mas eu não tenho coragem.” E ficou naquilo, ficamos de dar resposta na outra segunda-feira. Aí apareceu a repórter lá para perguntar, eu então...

## Fita 7 – Lado B

DM - “Mãe, eu não quero mais saber de AIDS. A senhora fica lá fazendo o que a senhora está fazendo, que eu acho que é ótimo. Eu não quero nada, agora eu acho uma oportunidade a senhora poder falar sim. Porque eu fui muito discriminado. Eu frequentava o Baixo Gávea, eu frequentava Paquetá e as pessoas, ele já tinha morrido, porque eu só falei isso depois e mesmo assim as pessoas sabendo que eu tive um irmão com AIDS, quando eu sentava numa mesa, tanto do bar aqui, como lá em Paquetá, no Iate Clube ou outros lugares, as pessoas falavam: “O irmão dele morreu de AIDS, o irmão dele morreu de AIDS.” Eu não desconfiava não, mas escutava assim um burburinho, um ia embora, o outro ia embora, outro ia embora, todo mundo ia embora e eu ficava sozinho numa mesa. Aí eu comecei a desconfiar que era por isso e um dia eu peguei um rapaz e perguntei: “Fala a verdade pra mim, o pessoal está saindo por que, quando eu chego? As pessoas, é porque o meu irmão morreu com AIDS, eu fui contar isso pra eles e eles saíram.” “Olha, é verdade. O pessoal tem medo.” “Mas, medo de mim? Olha aqui, eu fiz o exame de AIDS.” Ele carregava o exame dentro da carteira, porque o irmão já tinha pedido pra ele fazer, né? E ele fez o exame e ele mostrava. Então ele mostrou. “E agora? Eu vou ter que andar mostrando pra todo mundo isso?! Por isso mãe, eu acho que se a senhora tem a coragem pra fazer, se a senhora quer fazer, eu acho muito bom que a senhora faça. Agora eu não tomo conhecimento disso.” “Então



tá bom.” Depois de uma força dessa, saber que meu filho foi discriminado sem motivo nenhum. Ele não tinha o vírus e foi discriminado, eu acho que eu tinha que falar mesmo.

DN - Mais um motivo...

DM - Um motivo muito forte, né? Aí, chego lá no grupo, vem a Valéria dizendo que resolveu fazer. Que ela pensou bem, ela disse quem.. e ela usava sempre esse termo que nós usamos sempre “Quem é meu amigo, vai ser meu amigo e agora eu vou ver quem é meu amigo de verdade. Porque quem for meu amigo vai continuar meu amigo, senão ele vai embora e era sinal de que ele não era meu amigo, vamos fazer Dayse?” “Vamos embora.” E nós fizemos o primeiro programa, eu acho, não tenho certeza. Mas do Globo Repórter, quase tenho certeza, que falando em AIDS foi esse, o primeiro. Então foi eu e a Valéria que falamos.

AP - O Hebert Daniel não apareceu?

DM - Não. Eu acho que eles já tavam querendo botar outro, porque o Hebert Daniel já tava falando várias vezes. Mas foi só eu e a Valéria que aparecemos nesse programa. Então nós duas falamos e o dela foi muito bonito, que ela fez em Santa Teresa, que era uma menina linda, é uma menina linda ainda. E ela apareceu, quer dizer uma jovem gordinha, então tudo, ela falando assim : “Que eu tenho o vírus mas eu quero viver. Eu quero viver, então por isso eu estou no Grupo Pela Vidda.” falando tudo isso. E eu contei a história de perder o meu filho, mas que eu achava que não podia ficar de braços cruzados, que tinha acontecido com meu filho isso, que por causa desse programa eu soube que ele tinha sido discriminado. Ele já teve a discriminação dentro do hospital, então as pessoas na rua também discriminavam, eu entendia que era uma coisa difícil, mas que eu tinha que falar, por isso eu estava ali. Então foi ótimo eu ter falado.

E cada vez que eu fazia uma coisa, eu me sentia tão bem que o grupo pra mim cada vez tava me segurando mais. Porque eu fui tendo coragem e eu contava sempre que eu estava sendo contaminada pela coragem deles. Porque eu já tinha tido família, já tinha perdido um filho sim, já tinha tido tantas alegrias com os filhos e aquelas moças novas, novinhas que não tinham nem a oportunidade de ser mãe. Então eu achava aquilo fantástico, e a coragem delas. Porque eu não tinha nada a perder, elas tinham. Tinham perder o emprego. Tinham que esconder e eu sabia depois que comecei a frequentar o grupo, eu comecei a falar, eu melhorei depois que comecei a falar. Porque com quem eu ia falar ? Eu não tinha com quem para falar, então eu achava que o grupo era a coisa melhor que podia acontecer com as pessoas com AIDS, porque elas poderiam ter com quem falar. E é isso mesmo que o grupo faz até hoje.

As meninas chegam lá, até hoje quando sabem que estão com AIDS, continua sendo aquela paulada na cabeça. Ela achando que vai morrer amanhã. Porque não adianta, elas pensam nisso sempre. Sendo que agora a recuperação é mais rápida. Até aconteceu de uma das meninas chegarem a pouco tempo no grupo, e eu falar pra ela: “Porque olha...” Ela disse: “Minha vida acabou.” “Não, não acabou. Porque tem fulana, ciclana.” Porque elas já tinham falado que tinham o vírus. Porque a gente nunca fala. O lema do grupo é : a pessoa chega lá e eu pergunto sempre: “Como você conheceu o grupo?” Se ela me diz que ela estava no hospital e foi o hospital que mandou, tudo bem eu já estou entendendo que ela tem o vírus, agora se ela fala, porque normalmente elas vem com a desculpa: “Ah, porque eu conheço uma pessoa e eu queria informação...”, mas no final ela acabava contando que tinha o vírus. Hoje, estão mais francas, elas chegam e já falam: “É que eu estou com o vírus, foi o hospital que me falou, foi uma

assistente social.”, sempre assim que elas aparecem. Mas elas vem com tanto medo, e ela chegou lá e tava apavorada porque logo deram um mundo de remédio pra ela e ela apavorada e eu falando: “Olha, fulana...” Não! “Não tá casada?” “Não é possível!? Casou?” Eu digo: “É! Nós tivemos seis casamentos.” “Mas seis casamentos!” E ela ficou assim e tudo e só chorava e tudo e depois começou a frequentar o grupo. Depois de um mês e meio, mais ou menos, ela já chegou outra pessoa, cada dia, cada semana ela ia melhorando. Até que um dia ela chegou tão risonha lá e todo mundo disse: “Olha como fulana está tão risonha. Que bom!” Ela chegou risonha e todo mundo: “O que que foi?” Ela disse: “Olha, Dayse, você vai me desculpar, mas eu tenho que te falar uma coisa.” Eu digo: “Fala, o que que é?” “É que quando eu estive aqui pela primeira vez, quando você disse que eu podia viver, que fulana tinha casado, que ciclana tinha casado, eu achei que ra mentira tua, eu achei que você estava falando isso pra me animar, apesar da pessoa estar ali, na frente. Ela que contou que casou e tudo, mas eu não acreditei. E agora eu estou conhecendo, já conheço marido, já sei da história de vocês todas aqui e estou vendo que é possível viver, sim.” Eu digo: “Mas foi ótimo você falar isso, porque tudo que a gente fala aqui serve pra todas, porque você duvidou. Tá certo, então as outra também vão duvidar. A gente tem que entender que é difícil aceitar isso.” Desde daí, sempre quando falo, eu boto sempre as minhas dúvidas. “Será que essa tá acreditando? Apesar da gente mostrar?” E elas só vão acreditar mesmo é com o tempo.

DN - E vivenciando, né?!

DM - Vivenciando, e outra coisa, até eu falar, tanto que no grupo foi criado uma, um grupo de pessoas fazendo palestra, falando na primeira pessoa. Que eu falar, que fulano fez isso, fulano fez aquilo, eu contar a minha história serve sim, eles não vão duvidar de mim, mas contar que fulano tem AIDS, que aconteceu, quando a pessoa conta, tanto que eu já fui com um rapaz que é lindo de morrer, a Valéria e outras meninas, meninas bonitas, quando elas falam que elas tem o vírus, porque ela eram novinhas, então como eu já estava há mais tempo elas sempre me acompanhavam na palestra. Aí eu apresentava elas e eles, né? Porque tem um rapaz também. Nós fomos uma vez na faculdade aqui na UFRJ, ali na Urca, e ele falou, eu falei: “Bom, quem é que vai falar da discriminação e tudo, vai ser aqui fulano que vai falar da discriminação.” As meninas, porque ele é muito bonito mesmo, quando, elas chegam(?), as meninas ficavam cochichando e falando e olhando. Quando ele falou, aí eu já estava prestando atenção, né? Olhando pra elas e ele disse assim: “Eu queria falar que eu sou um portador do vírus do HIV.” Elas chegavam até pra trás, elas arregalavam os olhos e elas ficavam surpresas e ele falou e falou, e quando terminava ele perguntava: “Alguém tem alguma pergunta?” “Mas é verdade mesmo ou você está falando pelo grupo, você está falando em nome de outra pessoa?” “Não, eu estou falando no meu nome, eu tenho o vírus e é isso que eu quero passar pra vocês. Eu tenho o vírus, mas eu não tenho AIDS. Eu tenho o vírus e posso viver anos, assim e tudo. Eu já tive...” “Você nunca ficou doente?” “Eu já fiquei doente e sarei, eu fui pegando uma doença de cada vez.” E explicava mais, muiuto mais do que eu, não, é verdade?

DN - Hum, hum

DM - Também em colégio, assim em segundo grau, era assim, vamos dizer, eu me perco com esse negócio de primeiro e segundo grau, de doze anos até dezesseis anos, eles tem vergonha de falar, de fazer perguntas. Então nós temos um outro sistema, de dar papelzinho, e eles mandarem os bilhetinhos. Chove papelzinho. Então eu nunca me

esqueço que eu estava no colégio, num auditório, tinha um palco mais alto, eu e a Valéria e os bilhetes vinham tudo pra Valéria, tudo era pra Valéria. Então eu dava para ela responder, Valéria. Aí, eu já comecei a separar, porque as perguntas eram as mesmas: “É verdade que você tem o vírus?” “Isso não é brincadeira de você?”, “Você está querendo tapear a gente?” Outros: “Você... qual é o teu telefone?” , “Você que encontrar comigo no sábado?” ”Eu não acredito que você tem o vírus” Quer dizer, mas isso eram muitos, ninguém acreditava. Aí ela pegava aquilo tudo, eu separava de lado, tudo isso aqui eu vou passar pra Valéria, porque é a mesma pergunta, vocês não estão acreditando.

DN - Você acha que eles não acreditavam, porque também tinha essa, esse esteriótipo na cabeça? ...

DM - Isso nem há dúvida...

DN - ...de quem tá doente de AIDS...

DM - Não podia aquela menina bonita assim, gordinha. Uma menina que se chegasse ali, ia todo mundo querer transar com ela, querer namorar. Como que aquela menina estava...? E a gente falava, falava e esse mesmo colégio, olha esse colégio era lá Lagoa, era uma Escola Pública na Lagoa, esqueci o nome do colégio agora. Quer dizer, vamos até dizer, pessoas mais esclarecidas, não sei, Zona Sul. Elas, depois nós aceitamos, elas nos convidaram para comer uma canjica.

AP - Era o CAP da UFRJ ?

DM - Não...

DN - Colégio Aplicação da UFRJ.

DM - Não. Não, era não, era uma Escola Pública de Primário e... era quase numa esquina...

DN - Escola estadual?

DM - Era uma Escola Estadual. Aí nós fomos comer a canjica. Você sabe que os garotos vinham falar com ela, “Mas é verdade?” E ela disse: “É, você não está acreditando só porque eu sou gordinha, porque que você...” “Mas você está contente, você está feliz.” Ela disse assim: “Ah, você me queria triste... e aquela história toda.” E ela sempre falando isso: “Você queria que eu estivesse triste? Mas eu tenho que viver igual a você. Se eu fosse morrer amanhã, tudo terminava. Mas como é que eu vou viver? Eu já estou a três anos, dois anos, quatro anos com isso e se eu estivesse chorando todo dia eu já tinha morrido.”

Quer dizer, então eu acho que o exemplo maior é justamente dessas pessoas. Acho que foi isso também que foi melhorando, mostrando as pessoas. Até hoje, eu não sei, tem a turma que acha que a gente tem que falar e assustar, a “Campanha do Pânico”. Você está com AIDS, você vai morrer, cuidado, tome a camisinha.

DN - No Grupo Pela Vidda tem?

DM - Não.

DN - Fora do Grupo, outra pessoas ?

DM - É. O Governo fez muito disso. Aliás foi também uma coisa interessante, numa das primeiras campanhas de AIDS, se não foi a primeira, foi a segunda, ela falava: “Eu tenho câncer e estou vivendo, eu tenho tuberculose e estou vivendo, eu tenho várias doenças”, aí aparecia um rapaz magrinho, caíndo aos pedaços, “Eu tenho AIDS”.

Você estava falando do negócio dos nossos encontros. Nisso o grupo estava no primeiro ano, o nosso agora foi o sétimo, né? Então, isso, há cinco anos atrás, foi no segundo Encontro de Pessoas Vivendo com AIDS. Como eu falei era aqui do primeiro, o primeiro Encontro de Pessoas com AIDS, foi ele feito no CREMERJ. Nesse CREMERJ, era uma sala que tinha umas quarenta pessoas no máximo. Era uma sala pequena e tinha gente em pé, mas eram poucas pessoas, não eram muitas. Aí nós fizemos o segundo, foi logo depois da Campanha, essa aí “Eu estou com AIDS e eu vou morrer.” Aí, já tinham umas cento e tantas pessoas, já aumentou muito.

DN - Tinha aquela que carimbava, “AIDS mata”.

DM - Não, essa é nova.

DN - Não, já mais antiga...

DM- Ah! era essa!

DN - “AIDS mata!”

DM - Isso! era mais ou menos isso...

DN - Era um carimbo assim... pá!

DM - Era...

AP - Da mesma época, né?

DM - Então essa do rapaz... e não foi combinado, não foi nada disso, mas estava todo mundo sentado. Essa moça que eu falo que tinha um marido com AIDS, ela tinha três criança, e justamente um médico que organizou essa campanha, foi pela primeira vez, eu acho, que veio um representante de Brasília pro nosso Encontro.

DN - No Segundo Encontro?

DM - No Segundo Encontro. Quando foi esse Segundo Encontro, que veio, quando subiu, era aquele homem que, todo mundo soube que era ele. Depois dessa campanha o que nós fizemos: o protesto nosso. Porque nós sempre, também foi talvez o Hebert Daniel ser uma pessoa política, ele fazia sempre uma política contra essas coisas todas. Então nós mandamos logo na época da campanha, cada um de nós mandou pra Brasília, um telegrama pra tirar aquela campanha do ar, para tirar a campanha do ar. Tudo num dia só. Mandamos o telegrama, todo mundo. Quer dizer, choveu carta em cima daquela pessoa. Nós já sabíamos quem era a pessoa que nós tínhamos que nos dirigir. Muito

bem, quando chega no nosso Encontro, quem está lá! Essa pessoa que nós mandamos a carta...

DN - Que era assessor, coordenador do Programa de AIDS?

DM - É ..era.. não tinha ainda eu acho isso... devia ser hoje, representando isso.

DN - O Programa é de oitenta e nove, eu acho.

DM - De saúde...noventa...

DN - oitenta e oito...

AP - Programa, não, oitenta e oito/oitenta e nove.

DM - Então já era o representante.

DN - Era o Programa DST/AIDS.

DM - Isso, então já tinha, então, né? Então era ele que estava representando. Quando ele, falaram o nome dele, muita gente não conhecia, mas nós já estávamos conhecendo o nome dele, que eu não lembro agora, todo mundo fez assim; “AHHH”, quando ele ia começar a falar, aí ele passou a palavra para o Betinho, o Betinho estava lá sentado, falou o Betinho, falou o Hebert Daniel, que ele falou que ele nunca pensou... não é, que ele falou que nunca pensou que numa campanha foi acontecer isso. Que eles estavam com boas intenções, que ele estava com boa intenção e depois dessa reação, mas antes foi aberto ao público ou alguém fez uma pergunta, essa moça que tinha um marido e tinha os três filhos, disse pra ele: “Olha com essa campanha você não atingiu....”, ela falou o número de pessoas vivendo com pessoas que estavam vivendo com pessoas com AIDS, “...você não atingiu isso não. Porque numa sala que aparece uma televisão dessa, você atinge... na minha casa, nós éramos cinco pessoas que você atingiu dizendo ia morrer. Meus filhos pequenos e você dizendo que o pai ia morrer. Quer dizer, é um absurdo fazer uma campanha dessa.” Quando ela falou, não teve ninguém ali que as lágrimas não corressem. Porque ela foi a representante certa de uma família que ouvia falar que o pai ia morrer. E não falava, justamente nós éramos Pela Vidda, então, ele estava falando sobre morte.

DN - Quer dizer, a mensagem de morte estava sendo trazida pelo próprio Governo.

DM - Para dentro de casa, pelo Governo.

DN - Pela Campanha de Prevenção da AIDS do Governo.

DM - É, quer dizer estava muito enrolado, né? Sem contar que nessa época o Ministro, nós soubemos que o Ministro disse que não ia dar verba pra começar a pensar em remédios, “Porque todos vão morrer mesmo, por que nós vamos fazer uma verba tão grande?” Quer dizer, que estava todo mundo arrasado com isso.

Quando foi terminar, ele foi o último e levantou e disse: “Eu nunca pensei que uma campanha fizesse isso. Realmente vocês tem razão. Agora já foi feita, eu prometo que nós vamos fazer uma campanha melhor o ano que vem. Nós estamos pretendendo fazer

todos os anos uma campanha...”, quer dizer já estavam organizados. “...E acontece uma coisa. Eu prometo para vocês uma coisa, não sou eu que vou falar em fazer qualquer coisa na televisão e vou aparecer, antes do ano que vem, do dia primeiro de dezembro, quem vai aparecer na televisão para falar sobre AIDS vai ser o Presidente da República”. Na época era o Collor, gente foi verdade. O Collor foi pra televisão pra falar em AIDS e ele falou durante dez minutos sobre AIDS. O Brasil inteiro no dia seguinte, dizia que ele estava com AIDS. Foi quando começou... todo mundo não ouviu falar isso?

DN - Foi numa época... (*risos*)

DM - Que se falava... foi por isso gente. Quer dizer que a gente entendeu isso. Quando começou, nós sabíamos disso e todo mundo falando: “Olha o jornal está falando, todo mundo está falando que o Collor está com AIDS.”

Aquilo então arriava a gente. “Poxa, então nós não podemos falar nunca porque todo mundo que não tem, nós queremos fazer um vídeo, chamar artistas, como é que ia chamar artista para falar, se depois iam falar que o artista tinha AIDS.”

Quer dizer a dificuldade era muito grande. Desde esse dia... eu não sei se nessa época ele já tava com problemas, o Collor pra sair, ele já estava mais magro. Talvez até por isso, por problemas diferentes ele estava mais magro, sim. Porque quando ele começou com Presidente da República, ele era muito bonito, tinha uma imagem sorridente, essa época, talvez, ele falando em AIDS, ele tava mais sério.

DN - Ele já estava desgastado.

DM - Tava desgastado, entendeu?... Então começaram a falar que ele tinha AIDS. Bom foi passando, quando chegou no fim do ano, vem telegrama de Brasília dizendo: “Olha, realmente vocês se queixaram que estava a... tava ruim a campanha, então vocês vão fazer a campanha.” Pronto e agora? “Vocês que vão fazer a campanha.” “Como é que vamos fazer a campanha?” “Vocês vão dar os depoimentos.” Como quem diz: “Aquele tava magro, vocês vão falar dele, falaram que apareciam, então apareçam os gordinhos.” Nós falávamos que tinham já pessoas que estavam bem, quem é que vai aparecer nessa campanha? Hebert Daniel, Betinho, que sempre foi magro, mas sempre falou muito bem e sabia fazer, e aí quem mais? Apareceu um rapaz magrinho, no final um não aparece por causa disso, outro não aparece, quem que apareceu? Só mais um rapaz e apareceu eu e a Valéria, como sempre... Não... a Valéria ficou doente nessa época, a Valéria não apareceu. Arranjaram uma menina de outro Estado, parece. Eu sei que tinha eu e mais uma pessoa. Nada, era a mãe, a mulher desse rapaz, a mulher desse rapaz foi que apareceu. Eram duas mulheres e três homens. Então aparecia, como fazia agora, cada hora aparecia um falando, né?

DN - Hum.

DM - E eu falando que meu filho morreu com AIDS e por isso eu tava na luta, estava vendo que se podia viver com AIDS, porque era uma coisa pequenininha. Gente, era primeira vez que eu ia falar assim... eu já tinha feito aquele programa, mas foi logo depois. Então eu ficava... cadê que eu decorava, eu não queria decorar o tinha que falar. Aí, eu repetia umas oito, dez vezes pra sair e era difícil pra mim falar, mas eu consegui fazer. E apareceu aquele programa falando, aparecendo as pessoas que viviam com AIDS, e ela falando: “Que meu marido tem AIDS, nós temos filhos e nós precisamos

continuar a viver e nós estamos querendo viver e vamos viver.” Quer dizer, foi mais ou menos isso, o rapaz, também, que foi discriminado, ele falando que foi discriminado, vocês conseguem essa fita, se quiser, o rapaz foi discriminado mas ele tinha que trabalhar e ele tava trabalhando lá no Pela Vidda, no Pela Vidda não, na ABIA, e tava trabalhando, porque nos outros lugares, ninguém dava emprego para ele. Apesar dele ser... ele era arquiteto e trabalhava por conta própria. Mas não conseguia trabalho só porque descobriram que ele tinha o vírus, quer dizer tinha a discriminação. Aí fomos indo, fomos...

DN - Essa fita tem no Grupo Pela Vidda, Dayse?

DM - Não acredito que tenha não.

DN - Deve ter no Ministério mesmo...

DM - É só do Ministério. Na Secretaria de Saúde pra você, aqui, é mais fácil. Eu acredito que tenha todas as campanhas. Pra fazer um trabalho desses, ele vão dá, né?

Então nós continuamos e felizmente foi crescendo o número de mulheres e aí? Essas mulheres todas? Começamos a ficar preocupadas, precisamos conversar com elas. Que mulheres são essas, que estão com o vírus? Donas de casa, como é que a gente vai falar? Porque nas empresas que já se fazia esse trabalho, na empresa imagina, elas podiam estar com o vírus, mas ninguém falava.

DN - Esse trabalho foi logo de início? Vocês faziam, iam nas escolas, nas empresas, falar sobre AIDS ?

DM - Olha, foi logo no início mas ainda demorava um pouco, porque as escolas não queriam muito, não.

DN - O Grupo Pela Vidda oferecia...

DM - Oferecia e tinha...

DN - ...e aguardava... que fosse solicitado...

DM - ...aguardava, entendeu? O chamado, mas eram poucas. Escolas Particulares, às vezes. Nós sempre trabalhamos assim: Escola Particular pagava uma taxa, como paga até hoje, e do Governo, não pagava nada.

E a gente começava naquilo, difícil, difícil pra falar, as empresas também não queriam muito. E, aí, quando as mulheres começaram a aparecer muito... E a gente sempre ficava : “Que que a gente pode fazer? Que nós vamos falar?” Eu digo: “Olha, eu sei onde tem um bocado de mulher interessada.” “Interessada?” Eu digo: “Bom, na minha cabeça ela tá interessada em prevenção.” “Quem são essas mulheres?” Eu não sei se eu falei antes, eu fazia parte do posto de Saúde aqui do Catete, que nesse posto do Catete trabalhava com mães carentes pra fazer bijuterias, tudo, um dinheirinho pra elas ganharem a mais, nós ensinávamos o que nós sabíamos.

Eu digo: “Olha, aquelas mulheres , eu acho que elas são mais corajosas, porque sempre a gente comparou no grupo, sempre se falava da Hanseníase, da, da, da tuberculose, comparando com o câncer, doenças que eram também discriminadas e com o tempo não foram.” Eu digo: “E essas mulheres que vão fazer o Papanicolau? Elas

não vão fazer o preventivo? Não são as mulheres que vão levar os filhos pra vacina? Tem homem que leva, mas a maioria é mulher.” Porque ainda na nossa cultura, é a mulher que toma conta da saúde da família, né? Então eu digo : “Olha, tem o Posto de Saúde que eu acho que se a gente for lá e pedir pra eles pra a gente fazer palestra em ‘sala de espera’, para não atrapalhar, enquanto um entra e o outro sai, está esperando o médico, vamos ver?”. Porque aí que eu fui saber também o que que era ‘sala de espera’. O pessoal falava: “Na ‘sala de espera’ pode-se fazer isso.” Eu também já tinha visto isso no INAMPS, ‘sala de espera’. Então, aí, fui eu e uma pessoa do grupo, fomos no Posto de Saúde perguntar e eles com a maior boa vontade: “Pode vir!” Eu falei que eu já era do Posto que tinha feito um trabalho lá, “Não, nós estamos às ordens.”, porque os diretores mudam muito, são diretores novos. Mas ainda tinha uma assistente social que lembrava de mim, “Ah, vai ser ótimo já que você não vem, vem pela AIDS. Eu digo: “Tá bom, eu vou ver se eu venho.” E comecei a ir. Agora quando você chega... aquelas pessoas já acordaram cinco horas da manhã pra pegar o número pra poder pegar o médico...

DN -Já estão ali há horas.

DM - Há horas, cansada e batendo papo, todo mundo falando e conversando, conversando, conversando. Aí, a assistente social chega e diz: “Olha, eu...”, ela sempre falava um pouco do que o Posto tem, os serviços do posto e depois fala assim, já estão ouvindo ela, porque tá interessando, porque tem dentista pra criança, porque tem isso, tem aquilo, mais não sei o que, dá remédio pra aquelas doenças, pra quem quiser fazer o pré-natal, eles estão dando o preservativo, e DIU e tudo isso, né? E elas ficam um pouco interessada, né? “Agora, eu vou passar pra dona Dayse que é do Grupo Pela Vidda, que vai falar sobre AIDS.”

Eu agora já aprendi. Eu olho assim pras pessoas pra ver a reação, né? Todo mundo faz aquela cara, como quem diz: “Que droga! Já tenho a minha doença, já tenho os meus problemas e ainda vou falar, ouvir falar de uma doença que eu não tenho nada com isso.” Quando eu comecei a perceber isso, porque eu falava: “Eu sou do Grupo Pela Vidda, vim falar sobre HIV/AIDS, quem tem AIDS, quem tem o vírus não está doente e aquilo tudo”, e as pessoas batendo papo. Aí, eu modifiquei completamente. Eu digo: “Olha, eu sei que vocês estão aqui há muito tempo, vocês acham que ninguém aqui tem nada com isso, com AIDS, que é na casa do vizinho que cai, não é na casa da gente, mas geralmente cai sim, viu gente! Vocês podem pensar que cai. Eu sei que vocês acham que não vai acontecer com vocês, que todo mundo bota a mão no fogo pelo marido, não bota?” Aí, elas começavam: “Eu não, porque eu não acredito, aí eu acredito, eu não acredito, eu acredito, eu não acredito...”, aí elas já está querendo saber, porque aí tocou. Tô falando que o marido pode dar uma voltinha....

DN - Isso você fez por intuição?

DM - Foi.

DN - Você viu que não estava funcionando.

DM - Não tava. Ninguém queria vir falar de AIDS. Quem quer ouvir falar de AIDS? Aí, eu comecei a pensar nisso, eu digo: “Ah, tem que ir lá no ponto delas.” Aí, eu começo né? Porque sou mais idosa, geralmente são mais novas, quando tem alguém da minha idade, eu digo: “Olha, na minha época, a gente ia pro cinema, conhecia o rapaz, ia pro



cinema, namorava no cinema, e tudo. Não tinha esse negócio de transar. Agora não, vocês, vão logo, vão logo pro motel, é ou não verdade? Eu não estou criticando não, eu acho que assim é bom mesmo, porque vocês já vão vendo como é que é, a vida é diferente, já acostumei com isso. Agora, vocês vão sem conhecer a pessoa. Outra coisa, quando vocês conhecem também... a verdade é essa... quando... nós agora no grupo, sempre... a maioria ou uma grande parte, elas só vão saber que tão com o vírus quando a criança morre.” Aí, elas estão lá, às vezes grávidas, com criança, elas também já estão interessadas em ouvir. A criança morre. A criança morre, quem é a culpada? A mãe, porque tá com o sangue da mãe. Aí, que começa o drama, porque a mãe vai dizer que foi o pai, ela só transa com ele, como é que é? Então ela pegou dele. Homem, como sempre, porque ali é mulher, eu posso falar mal de homem à beça, né? Quase não tem homem. Eu digo: “Os homens são medrosos. Manda fazer exame. Vocês aqui, também, quando tem DSTs, que o marido precisa usar o remédio, não é difícil?” “Ah, meu marido não usa o remédio de jeito nenhum, não quer fazer exame que a médica manda.” Aí eu tenho que me entrosar com elas, pra elas prestarem atenção. Eu digo: “Então, ele não quer fazer o exame. Agora pensa uma coisa, dificilmente, num casamento, num relacionamento, o que acontece? A moça também teve outros relacionamentos antes do casamento, a maioria. Ele também teve, então nunca vai saber quem foi o primeiro. E não tem esta história que fui eu, foi você, não. Tem que entender que os dois podem ter acontecido, ela pode ter passado pra ele, ele pode ter passado pra ela, não é isso?” “É mesmo!” “Então, olha o que tem que fazer: É, conheceu, tem que usar camisinha.”

Agora, o interessante é que é um pessoal assim mais simples, né? Tem sempre uma que diz assim: “O que?? Se eu chegar em casa e falar em camisinha, eu vou levar porrada!!! Porque nunca ele vai...” Eu digo: “Isso também é um ponto difícil, porque ele pode pensar que você está tendo outro relacionamento.” “E agora, a minha geração...”, eu sempre mostro minha geração pra elas, porque a minha geração é que sempre falava sim, sim, sim. “Vocês não. Vocês aqui, a maioria trabalham. Vocês aqui, quem não trabalha fala com colegas em sexo, fala em motel, fica falando que o motel é bonito, que tem isso, que tem aquilo, falam coisas até mais íntimas, sem ser parceiro. Agora porque na hora da camisinha todo mundo tem vergonha?” Aí elas começam a rir, e elas começam a participar. Porque é verdade. Elas falam com todo mundo, em faculdade todo mundo conversa, agora falar com o companheiro é mais difícil.

A minha geração, que eu estava falando, ela era, ficava calada e ela sabia que o marido dava voltinha lá fora. Ela ficava quieta, por que? Porque mulher separada era feio. Como que ela ia viver, ela ia trabalhar fora? Ela nunca trabalhou, a maioria não trabalhava fora. Como é que ela ia trabalhar fora? Ela tinha medo, ela tinha que ficar quietinha, saber às vezes que ele tinha filhos lá fora e ela ficava quietinha. Mas vocês não, vocês são de outra geração, apesar de vocês serem da geração da pílula. Então outra coisa, eles também, vocês não conhecem esta história: “Olha, toma pílula, eu não quero filho.” Sempre o homem passou pra mulher essa história.

DN - A responsabilidade.

DM - A responsabilidade foi sempre da mulher. Gente, temos que acabar com isso, a responsabilidade é ele. E quando ela ficava grávida, lembra o que eles falavam? “Foi de propósito! Você queria. É pra prender.” Era ou não era isso? “Vocês tem que entender que ele tem que ter agora a responsabilidade de usar. Eu vou dar camisinha pra vocês, e vocês, hoje... todo mundo vai chegar em casa de camisinha e falar. Começa a falar que vocês viram uma coroa lá, falando em, em camisinha. Mete aquela conversa que você quer experimentar, que disseram que é bom, entendeu?” Aí, tem sempre uma: “Ah, eu

uso.” Dificilmente aparece, mas aparece uma : “Ah, eu uso, eu sempre usei.” Aí eu aproveito aquela: “Então, como é que é?” “Não, é a mesma coisa. Ah, não é ruim, tem um líquidozinho, que a gente compra que bota dentro.” Aí, eu vou falar, aí todo mundo: “Ah, mas é caro.” Eu digo: “Agora, o governo já está dando. Todos os Postos de Saúde, tem um trabalho de você se inscrever, realmente é difícil, mas depois que você está inscrita, recebe quinze camisinhas por mês. Quinze camisinhas, não dá, gente? É dia sim, dia não.” E elas riem, e olha fica formidável essa, esse encontro. Elas pegam o material, eu digo: “Olha, não joga fora não, o material é caro, você lê e passa para outro.” E assim a gente tá fazendo até hoje.

AP - Você acha que tem resultados assim ?

DM - Eu vou contar um resultado. Porque eu também acho que às vezes eu fico discriminando as mais velhas. Eu gosto de falar com as jovens, que é mais direto, e lá é que vai resolver. Um dia, eu estava na palestra, passou uma senhora, de cabecinha branca: “Ah, foi bom encontrar com a senhora”. Eu digo: “Foi?” “Pois é! A senhora não disse pra eu dar pro meu neto?”, que sempre que tem pessoa de idade, pra não dar pra ela, eu digo: “Olha, cê dá pra sobrinho, pra filho, pra neto...”, falo pra dar pra filha porque todo mundo dá pro filho, não dá pra filha. “A senhora não disse pra mim dá pro meu neto? Eu dei e ele mandou fazer uma pergunta.” Gente, foi a maior satisfação, eu digo: “Olha, eu dei pra essa senhora, e ela tá dizendo que o neto mandou fazer uma pergunta, vamos ver.” Eu digo: “Meu Deus!!! Lá vem alguma bobagem. *(risos)* Mas, vamos ver.” Vocês não calculam que pergunta maravilhosa, que ela teve coragem de... o neto falar pra ela. Ele mandou perguntar se aquele líquidozinho, antes do esperma, quer dizer, antes da ejaculação, se aquilo pega? Eu digo: “Pega, gente. Também tem o vírus. Se antes, se fizer a transa e tirar e aquele líquido ficar lá, tá correndo o risco.” Quer dizer, uma senhora de idade, ir falar com o neto. Aí eu tive que explorar isso muito, né? Ela teve essa coisa de ir falar com o neto, tem que falar... *(toca o telefone - interrupção da fita)*

DM - Você perguntou que...?

DN - Não, ela tinha perguntado sobre o resultado. Aí você estava contando da senhora.

DM - É , eu acho que esse resultado é muito bom. Eu faço isso no Posto do Catete, tentamos fazer também no Posto de Copacabana, começamos a fazer, mas no Posto de Copacabana, não tem sala, as pessoas esperam no corredor. Então ali não tem jeito de falar. É muito complicado.

AP - Você faz sozinha isto lá?

DM - Eu faço sozinha. Dois... um dia por semana, às quartas feiras. E tem um outro dia, que tem uma moça jovem do grupo, que é a Angela, que ela também faz. Agora, ela também faz muito trabalho e bota os papéis lá dentro do Posto, para pra fazer uma reunião pra jovens. O que eu acho que é esse o ponto que precisa pegar mesmo. Porque sinceramente, eu acho que pra pessoa de mais idade é muito difícil de mudar. A minha esperança tá justamente no jovem.

DN - Toda quarta-feira você faz essa palestra?

DM - Toda.

DN - Na sala de espera.

DM - Na sala de espera no Posto do Catete. Agora tem vários Postos....

### **Fita 8 – Lado A**

DM - Porque nós que trabalhamos com, com... trabalhamos com voluntários, tem poucos voluntários pra fazer. Tem vários... olha tem umm de... Engenho de Dentro, há muito tempo que tá pedindo pra gente fazer 'sala de espera' lá, o da Tijuca também. Agora, acontece que as pessoas que moram mais próximo, têm medo de fazer, que ela sendo soropositivo, ela tem medo, por exemplo: "Eu não vou como voluntário? Mas ela falando com voluntários, a pessoa também sempre... "Porque que ela tá metida nisso?"

DN - É, sempre acha que tem HIV

DM - Aí, sempre acha. Eu sempre digo as pessoas que não tenho o vírus. Quando aparece lá, assim em fotografia e tudo: "Você tá correndo o risco de, de levar o nome que tem o vírus. Se você quer aparecer, você cuidado, porque vai levar sempre isso. Sempre essa dúvida vai ficar." Então, agora nós vamos fazer agora no início do ano de 98 uma, uma oficina pra... e, treinamento mesmo pras pessoas que quiserem fazer palestra. Porque tem que ser, a pessoa ,as vezes até a gente pode pensar diferente, tem coisas que a gente diverge do grupo, mas se você tiver representando o grupo, você tem que falar pela linha do grupo, você não...

DN - Hum, hum...

DM - ...pode passar pro outro lado, você não pode dar sua opinião, entendeu? Então, isso é que é o difícil da gente botar na, nas pessoas. As pessoas carregam às vezes, uma pra religião, outra pra, pra esse...nós temos uma também que é ótima pra falar, mas ela leva sempre pro lado da medicina alternativa. Então você não pode falar isso, entendeu? Nós temos que falar coisas concreta. Pode ser que a medicina alternativa ajuda, acredito que ajude, eu sinceramente acredito, mas pelo próprio grupo não se pode falar.

AP - É porque é polêmico, né?

DM - É polêmico, então você tem que falar... porque justamente quando a pessoa faz o curso também pro Disque-Aids, que é uma coisa, na minha opinião, é a porta aberta pras pessoas. Porque pra ir lá você tem que ter coragem, pegar o telefone é mais fácil, fazer pergunta, né? Então as pessoas ligam muito pro Disque-Aids e quando ela faz... agora quem tá lá pra responder tem que ser uma pessoa com convicção, porque dúvidas a pessoa que tá escrevendo tá com muitas dúvidas.

DN - Hum, Hum...

DM - Então você tem que ter aquela firmeza no falar. Então, tem um treinamento pra isso que são as perguntas mais absurdas. Não agora, mas coisa de uns três, quatro anos atrás perguntaram: "Escuta, quantas camisinhas eu tomo por dia ?"

DN - Quantas camisinhas eu tomo ?

DM - Tomo. Quer dizer as pessoas pensam que é pra engolir. Elas já não sabem nem o que é camisinha. Ela ouve falar, quer dizer, então é, é muito complicado. Agora perguntar se usa só uma vez e, e pode lavar, isto tem várias perg... vezes perguntando isso. Quer dizer ainda estamos, então tem quando nós fazemos os nossos encontros que vem gente de fora.

Aliás os encontros eu acho também que era uma coisa que tinha que se falar, porque eu acho muito importante. Quando as pessoas vêm, o pessoal todo do Brasil, do interior, normalmente são pessoas que trabalham, são profissionais. Tem pessoas com vírus sim que vem, mas pessoas que trabalham com isso. E elas vem ass... eu digo isso porque quando eu fui na Alemanha, eu também achava que lá na Alemanha, eu ia ver quase que o resultado. Você vai naquela ânsia de querer ver a novidade, do que tem de novo e eu quando cheguei lá eu vi que era tudo a mesma coisa. Todos os problemas, nós somos do Terceiro Mundo, mas Primeiro Mundo também tem... às vezes menos, mas também tem os mesmos problemas: dificuldade de hospital, dificuldade de remédio, tudo isso. Então quem vem aqui pro, pro Rio de Janeiro acha, aquele pessoal lá do interior, lá do Acre, vem aqui achando: “Eu vou pro Rio de Janeiro, eu vou saber tudo.” E nós tivemos.. olha eu acho que foi no 3º ou 4º Encontro, talvez o 4º Encontro, 3º ou 4º Encontro que foi lá na, naquela Faculdade Cândido Mendes em Ipanema. Então era ....a Faculdade é muito bonita e aí o grupo já estava cada vez melhorando mais os Encontros, as pessoas vinham e ficavam nos hotéis, era ali perto em Ipanema, todo mundo contente e num, na última mesa me convidaram pra falar de pessoas... Todo ano existe essa mesa, “Pessoas Vivendo com AIDS”, foi a primeira vez que eu tomei parte do nosso Encontro, falando de pessoas com AIDS. Fui eu, até um rapaz que depois foi nosso vice-presidente, e mais uma moça de Niterói, éramos quatro pessoas. Mas antes de começar minha mesa, porque era o dia inteiro, a minha mesa era à tardinha, quer dizer já tava terminando. Veio um rapaz que ele era advogado, justamente de lá do, do da Faculdade que também trabalhava na parte de jurídica ajudando as pessoas com AIDS: “Dayse, você não sabe o que aconteceu!” Eu digo: “Que que foi?” “Esses hotéis que ficaram com as pessoas...”, as pessoas tinham que retirar a mala ao meio-dia, então elas retiraram a mala e tiraram a mala... mas acontece que ele conhecia uma moça que trabalhava no hotel e ela foi contar pra ele que a ordem do hotel era pegar aquelas roupas todas daquelas pessoas que vieram pro, pro Encontro, pra desinfetar tudo que tinha naquele quarto. Ele ficou horrorizado, eu também fiquei horrorizada e eu já subi apavorada...eu digo: “Meu Deus, eu falando...”, eu fui pra falar a minha... justamente eu que tinha servi... eu que tinha tido discriminação em hospital e tudo, eu digo: “Olha, eu não sei nem se eu devia falar, mas eu estou aqui com um nó na garganta. Eu acho que nós temos aqui que falar. Vocês que são do interior que vieram aqui achando que aqui é muito bom, vocês sabem o que aconteceu? Quando vocês saíram do hotel, foram pegar todas as roupas, tudo o que tinha dentro do quarto e desinfetaram. Meu Deus! Pra que eu fui, falei aquilo! Foi um burburinho, foi uma complicação que deu danada. Aí falaram logo: “Quem falou, quem falou?” (*risos*) .Aí eu: “Fulano...”, me esqueci o nome dele agora, “Fulano, não foi?” Aí, ele disse: “Foi.” Antes, eu fiz assim pro Ronaldo: “Posso falar do hotel?” Ele disse: “Pode.” Mas eu, eu não ia falar sem falar com ele, mas eu não tava com coragem de falar, mas quando eu vi aquela gente acreditando tudo, que que tudo estava... Bom, eu não tinha ido pra Alemanha ainda, eu não sabia que também lá era assim, mas eu vi aquela gente achar que o Rio de Janeiro era o máximo, que eu já morei no interior, eu sei como é que é isso, Rio de Janeiro falou tá falado. Eu digo: “Olha, vocês ainda vão que ter que trabalhar muito, ainda vão nos repetir isso

muito, muito.” Isso eu falo até hoje, onze anos depois, nós estamos aqui falando: não pega pelo copo, tudo isso. Vocês não sabem (?) aquilo passou, aí, chamaram esse que era o advogado, que ele disse que foi uma moça. No dia seguinte no GLOBO, aparece falando que o Grupo Pela Vidda...falou, eu pego O GLOBO e leio: ”O Grupo pela Vidda acusou o hotel de discriminação.” Eu digo: “Meu Deus! Fui eu que, que eu fui fazer?” (*risos*) Telefonei pro Grupo: “Nós já sabemos, mas pode estar sossegada...” Eu digo: “Que que eu fui fazer? Mas eu falei com o Ronaldo...”, quer dizer era o presidente, “...eu falei com ele.” “Não, fica descansada que já tá tudo resolvido...” “Como?” “Porque nós fomos, antes de tudo, nós fomos procurar a moça que falou e a moça que falou, é uma moça...”

DN - Confirmou?

DM - “...que ela ganha um salário mínimo, trabalha não sei quantas horas e ela disse que pela causa ela assumia se precisasse falar judicialmente, que ela ia falar, que foi verdade mesmo.” Eu digo: “A moça fez isso?” Porque como é que ia fazer, né? Porque o rapaz é que sabia que tinha sido a moça e ele que tinha assim o conhecimento e ele como advogado ele disse você fica sossegada que nada vai te acontecer; como não aconteceu nada, ela continuou trabalhando lá e tudo e ninguém desmentiu, eu não sei como é que ficou, e ficou por isso mesmo. Quer dizer, a discriminação era e é ainda a mesma coisa. Até hoje nós, quando nós vamos fazer um Congresso, esse último foi agora aqui no Hotel Glória, foram 1300 pessoas que foi enorme. Cada vez mais nós estamos aumentando, agora nós já convidamos pessoas, o ano retrasado nós convidamos Luke Monteau (?), que foi quem eeh... isolou o vírus da AIDS, quer dizer pra gente conseguir... também eu acho que o Grupo...

DN - E ele veio?

DM - Ele veio, ele veio falar, uma pessoa linda, uma pessoa... por dentro e por fora, entendeu? Todo calmo, falando, nós não tínhamos aquele serviço de, de...pra ouvir...

DN - Tradução simultânea?

DM - Tradução simultânea, ele falava e o rapaz traduzia, quer dizer foi mais difícil, ele... que geralmente essas pessoas não gostam disso, eles gostam de falar e pronto, né? E ele dava as paradas e ele, tinha a tradução e ele saiu daqui impressionado também, na época, nesse Encontro foram 700 pessoas, então ele viu que as pessoas estavam interessadas. Ele também tinha vindo, ele não veio só pro nosso Encontro, também ele foi convidado no Rio Grande do Sul, então ele aproveitou as duas palestras e ele veio falar. Quer dizer, então eu acho que nós continuamos a lutar, lutamos muito, o Grupo teve muito, não sei se eu tenho liberdade de falar do Grupo, mas... o Grupo lutou muito porque não tinha, tem épocas que a gente tem... como é que se diz ? Ajuda de fora...

AP - Financiamento

DM - É, financiamento de vários lugares, nós sempre temos financiamento de fora. Há pouco tempo que foi o Governo aqui que agora tem uma verba específica pra ajudar as ONGs e está ajudando. Se nós fizemos esse... esse Encontro agora maior foi porque eles também deram parece 40% do gasto, foram eles que arcaram com essa despesa. Então o Governo, porque nós brigávamos muito com o Governo, a verdade é essa e até hoje

brigamos. Nós vamos pra rua cercar como nós cercamos no outro dia o Ministro da Saúde, porque ele ia retirar a verba, não ia ser aprovada a verba, ia diminuir a verba pras pessoas pr..., pros remédios, né ? Então ele disse pra gente ficar sossegado. Ele ia pro Hospital do Câncer, ele estava de passagem e nós fomos lá. Então, nós sempre discutimos muito com o Governo, agora já estamos mais unidos. Aliás, temos...

DN - Você acha que essa, esse entendimento maior, digamos assim, com o Governo, é, é por causa de quê?

DM - No fundo, no fundo...

DN - Houve uma mudança...

DM - A mudança houve...

DN - ...de atitude do Governo em relação a...

DM - ...a atitude mudou, era isso que eu ia falar. Por que? Que, que eles sabem de AIDS? O ministro que vem de... Ele é médico, né? Mas ele não é infectologista. Eles podem saber como qualquer médico que se você entrar... a pior coisa que acontece com as meninas quando ela vai no médico num plano de saúde, que o médico pega o resultado, ele não sabe o que falar pra ela, ele fica apavorado e manda pro Grupo. Então, eu acho que aconteceu mais ou menos isso, o Governo viu que não podia trabalhar com AIDS, sem ter as pessoas que estão trabalhando há muito tempo, era isso que eu ia dizer. Esse Stalin, que era presidente do Pela Vidda, ele parou de, saiu de da nossa organização pra ir trabalhar em Brasília. Nós agora temos o presidente do, do Pela Vidda Niterói, está trabalhando em Brasília. Esse rapaz, o Stalin, ele saiu porque ele foi trabalhar junto com a D. Ruth na parte da cidadania, mas na parte de AIDS também, não era...

DN - Hum, hum...

DM - ...só cidadania, na parte de AIDS, referente à AIDS. Quer dizer, então o Governo quando fez esse trabalho da cidadania, foi porque sabia que... foi pegar uma pessoa que estava sabendo de AIDS. Então eu acho que há um entrosamento sim, tanto que no ano passado, eu fui em Brasília pra receber um troféu de pessoas vivendo com AIDS. Foram oito pessoas de oitos, oito Estados e eles, parece que todos os anos vão fazer isso. Quer dizer, pessoas voluntárias que estão trabalhando com AIDS. Eles nunca se incomodaram com essas pessoas, agora eles já estão dando um apoio. Quer dizer, então eu acho que existe uma, uma parceria, vamos dizer assim, até no, no... ãh, ãh... existe essa parceria que nós fizemos um trabalho há pouco tempo de trabalhar com as pessoas da área de saúde pra dar pra elas o que é uma pessoa viver com AIDS e tudo, porque eu não passei o problema no hospital? As pessoas têm medo, então as pessoas que trabalham, como que elas vão saber? Quem melhor do que quem tem o vírus pra falar, não é?

Então... e também uma coisa que mudou muito, muito, muito, muito na minha opinião, que também foi muito bom é que quando a gente ia ao médico antigamente. Você ia ao médico, você falava tudo o que você tinha e ele era a palavra final. O médico falava: "Você vai fazer isso, isso, isso, isso e acabou." Ele não discutia contigo o assunto. Com AIDS, ele não pôde fazer isso, ele tinha que saber, ele não sabia nada, no

início não foi assim? Como que eles foram cuidando da AIDS, eles foram pegando as pessoas... O acompanhamento dele, porque que com essa o remédio dá certo, com aquela não dá, eu acho que foi o paciente que ajudou o médico e o médico ajudando o paciente. Sempre a gente fala lá no Grupo que se não houvesse entrosamento não adianta, aquele médico não dá certo, tem que ter esse entrosamento. Então eu acho que a AIDS modificou muito a, essa... pelo menos na parte de AIDS existe isso. O médico vai falar... eu falo na Valéria, que a Valéria foi uma pessoa que sempre questionou tudo, ela não queria tomar AZT, ela demorou muito pra tomar e ela perguntava o porquê e o porquê, tinha medo, começava a tomar, parava e todos eles faziam isso... depois que foi conversando e ela vendo que o médico também sabia mais, porque todo mundo, no fundo sabe, até hoje, esse coquetel, é uma experiência, ninguém está sabendo o que vai acontecer. Agora, pra você ver, todo dia a gente aprende, eu fiz agora a palestra lá na Petrobrás, o rapaz que foi conosco, que é lá do Grupo, ele questionou o médico, o que o médico falou, porque o médico mostrou números, o médico que tava falando... (*o telefone toca - interrupção da fita*) ...nessa, nessa palestra tinha um médico, que era do SESI, ele mostrando estatística: “Temos tanto. Está aumentando tanto...” E...eu, tá certo, a gente sabe que está aumentando, que está... eu não sei se cada um tem uma coisa, é pra apavorar, entendeu? Eu não gosto de falar é porque o meu negócio é falar em vida, não é falar em morte. Agora, eu não sei qual dos dois que é bom, vale a pena assustar a pessoa para a pessoa fazer o teste? Eu não sei, isso é muito complicado. Bom, ele mostrou isso, depois o rapaz lá do Grupo estava falando que sim, realmente tinha o remédio agora, mas acontece que esse remédio são vinte e poucos comprimidos pra tomar por dia, é um desespero pra tomar o remédio, se você tá trabalhando, você nem sempre você pode tomar, você está falando com alguém aí ele bota o relógio para pra tocar as tantas horas pra tomar o remédio, você tem que largar, você não pode ter o horário de almoço normal dos outros, porque um remédio você toma duas horas antes do almoço, o outro é três horas depois, então você tem que, que arrumar a tua vida de acordo com o remédio, e não é o remédio de acordo com a vida. Então é muito complicado isso. E eu não sei se ele estava assim meio aborrecido, porque ele disse que ele achava que continuamos cobaias. Sim, continuamos cobaias mesmo, a palavra infelizmente é essa, porque esse esse coquetel que são três... , dois remédios já eram conhecidos e o terceiro que é novo, também ele, esse remédio ele ta... faz bem para uma pessoa e não faz pra outra. Outra coisa, antigamente, falando sobre os remédios, antigamente os hospitais lá fora, eles faziam isso, quando as ações dos laboratórios abaixava, eles falavam: “Estamos descobrindo um remédio pra AIDS.” As ações subiam, aí vinha o outro laboratório e falava a mesma coisa: “Vamos subir as ações, vamos falar que nós estamos trabalhando num remédio.”, e era aquela briga de laboratório. Esse último Encontro que teve eles resolveram o caso, porque realmente você faz esse remédio, você faz eu faço. São três laboratórios que fazem, é o mesmo remédio e no final eles chegam a conclusão de que é aquilo que vai fazer bem, Então você dá um nome, você dá um nome e eu dou outro nome, mas o remédio é o mesmo...

DN - A substância é a mesma.

DM - A substância é a mesma, então eles se uniram e tão trabalhando também, foi também uma união de laboratórios. Eles conseguiram se unir, brigavam, brigavam e continuaram se unindo. Agora, por exemplo, o nosso Governo vai dar o remédio, ele comprou de um laboratório, então, o que que acontece? Ele só recebe de um laboratório, está dando esse terceiro remédio de um laboratório. Só que tem pessoas que não se dá com aquele. Quem sabe com o outro laboratório vai se dar? Agora, ele não tem dinheiro

para comprar do outro laboratório. Se ele quiser tomar o remédio de graça, vai ser aquele laboratório. Então, já fica complicado, isso que o rapaz explicou, que ele não está se dando bem com esse remédio, mas ele não tem dinheiro para comprar de outro. Quer dizer, é complicado, não é isso?

DN - Hum, hum

DM - Agora todos eles... experiência, sim, porque já tem dois anos e um pouco, porque antes desse remédio sair já pra venda, eles fizeram um teste aqui dentro do, do Fundão, no Hospital do Fundão dando remédio para várias pessoas, sendo que, sabe como que é a experiência, né? Dá o remédio e dá placebo.

DN - Hum, hum

DM - E aí, as pessoas, quando desconfiavam que não melhoravam...

DN - Dá remédio pra uns e placebo pra outros...

DM - ...placebo pra outros. E agora você não sabe se você tá tomando remédio...

DN - Remédio ou placebo...

DM - ...ou se você está tomando placebo. Então quando as pessoas começavam a imunidade a abaixar, gritavam que era porque estavam tomando placebo, mas ela sabia que quando ela entrou nisso... e até que ponto eu tenho direito de ficar nisso e não fazer outra coisa. Quer dizer então, esses estudos também é muito difícil, eles são difíceis de controlar tanta gente. Eram duzentas pessoas, nós tivemos pessoas lá reclamando sobre isso: "Ai, eu tô tomando placebo." "Mas, você sabia... e quem garante que você está tomando..." "Ai, mas eu estou piorando e a médica não quer me falar." "Não quer falar, mas ela tem que tratar de você com outros remédios." E teve umas questõeszinhas aí, meia complicada mesmo, por causa desses placebo. Então, esse remédio é uma experiência, vamos ver até quando essas pessoas... porque se você também não tomar o remédio certo, o que que acontece? O vírus fica mutante, ele muda e aí, ele vai aumentando. Agora, eu acho que a única coisa boa que aconteceu na AIDS, só tem uma coisa, gente, foram as crianças. Agora, isso depende da mãe ter coragem de pedir o exame, porque quando ela sabe que ela está com o vírus ela teve coragem de fazer o exame e ela sabe que está com o vírus, ela é mandada pra Fernando Figueiras e isso tudo que eu falo aí no Posto de Saúde, ela tem que ter coragem de fazer o exame... *(o telefone toca interrupção da fita)* Esse Hospital Fernandes Figueiras, é um Hospital de... com gestantes de risco. Ela pode ter AIDS, ela pode ter pressão alta, ela pode ter açúcar no sangue, qualquer doença da gestante...

DN - Doença cardíaca...

DM - ...cardíaca, qualquer doença da gestante é mandado pra lá. Então, o que que eles fazem? Eles começam a dar uma medicação pra mãe, dosada direitinho e quando a criança nasce, a criança já começa a tomar o remédio. E agora, coisa de um mês já tem um remédio novo, que eu soube agora, talvez nem um mês, um remédio novíssimo pra criança e nós já tínhamos duas crianças lá no Grupo que conseguiram se... ficar soronegativo.



DN - Negativar?

AP - Negativar?

DM - Negativar, duas crianças negativaram. Quer dizer, já conheço duas que negativaram...

DN - Com o tratamento?

DM - ...com o tratamento feito. Então, isso é que é importante. Então pra criança existe uma esperança, então quando existe esperança eu fico com vontade de falar isso e não vontade nas pessoas que morrem, talvez eu esteja errada, mas é que eu me animo com as pessoas... Então eu acho que a coisa melhor que aconteceu na AIDS foi isso. Quantos remédios pras pessoas adultas continua a mesma coisa. Quer dizer, eu acho que o caminho da AIDS que que é? A prevenção, prevenção, prevenção. Principalmente pras mulheres que tem aa... que quer ter filho, ela vai ter que ter coragem de fazer esse exame. Se ela tiver coragem de fazer o exame, ela vai poder salvar a vida dele, então é isso que eu me agarro muito, você tem que ter coragem de fazer o exame. Porque quando o médico manda fazer... agora os Postos de Saúde estão incluindo, mas ele é obrigado a falar: “Olha, eu vou mandar fazer o exame do HIV.”, muitas vezes ela não sabe o que é, ela faz e não sabe. Talvez essa sofra menos, porque a que sabe, pergunta... aí, elas ficam preoc... já disse que é um pessoal...

DN - Ela fica preocupada até sair o resultado.

DM - ...preocupada e diz logo pro médico: “Por que? Tá me achando com cara de promíscua? Tá achando que eu sou, que eu uso droga?” Também ainda tem esse risco, né? “Eu não uso droga. Por que que o senhor está mandando... eu não tenho, eu não tenho...” Ainda falam grupo de risco, eu não pert... quando ela é entendida no assunto, ela diz que não tem nada com isso e quando ela não sabe melhor porque aí ela faz, fica despreocupada. Aí ele fala que deu negativo e ela fica feliz da vida. E se deu positivo, ela vai ter que encarar isso e se cuidar pra poder salvar o filho, que eu acredito que qualquer mulher, né? Vai ser um choque, mas ela sabendo que ela vai poder salvar o filho dela, ela vai fazer o tratamento, né? Só as que não sabem, nós temos várias lá no Grupo que não sabiam e perderam o filho. O que mais ? Acho que eu falei tudo.

DN - Não, ehheh, eu acho que (*risos*) eu acho que teria assim, eheh, eu eu queria saber o que você acha das campanhas de prevenção da AIDS. Quer dizer, a gente vê que elas s...

DM - Cada ano de um jeito eee não, não atinge...

DN - É, elas, elas tiveram mudanças, né? Quer dizer, é o que a gente estava comentando agora pouco...

DM - É, é.

DN - ...no início era aquela: “AIDS mata!” “Eu tenho AIDS, vou morrer.”. né? Quer dizer, é, é, “AIDS pega.”, em suma, depois foi se modificando, mas...

DM - Modificando. Houve aquela parte daquele Bráulio, que foi na minha opinião horrorosa, mas horrorosa pra mim que levo tudo a mal, aquela almofada levantar, eu achava aquilo horroroso, né? Mas é a realidade, então em vez de você falar para um povo de Terceiro Mundo, pra você chegar no povo mesmo tem que falar a linguagem dele. Então eu acho que cada vez está ficando melhor. Tem um... esse ano teve umas maravilhosas. Esse ano eles não botaram muita... fizeram muita campanha pra... como é que se diz, pra, pra empresas, eles fizeram um material maravilhoso para empresa e fizeram também pro povo em geral, botaram um lacinho vermelho com uma criança...

DN - Hum, hum.

DM - Eles então... despertou mais porque esse ano foi o Ano Internacional da Criança, mas o ano passado tinha homens e mulheres abraçados e falando. Eu acho que está melhorando sim.

DN - Hum, hum.

DM - ...eu acho que está melhorando. Foi difícil como tudo foi difícil, mas eu acho que existe uma melhora. O Governo está mais, chegando mais ao povo...

DN - Mais perto, né?

DM - ...as ONG'S e ao povo. Quer dizer, eu acho que que essa união é que fez isso, entendeu? Enquanto estávamos brigando, éramos inimigos tava ruim. Como eu falei, agora temos três pessoas lá do... que eram daqui do do que trabalhava com AIDS, tão trabalhando lá em Brasília, eu acho que isso aí ajuda. A gente, às vezes, fica por conta, a gente olha: "Puxa, agora você vai ser inimigo." Não, não é inimigo não, é uma pessoa que pensa igual a nós que está lá e vai falar por nós, falar a nossa linguagem.

AP - Mas você acha que, em termos de resultado, elas, elas tão funcionando, essas pessoas estão mudando o comportamento, as pessoas estão usando camisinha, você acha? Até pela... essa experiência no Grupo, essa experiência no Posto de Saúde, você acha que está funcionando?

DM - Olha, quando eu comecei no Grup.... no Posto de Saúde, já tem quatro anos, não aparecia ninguém dizendo que usava camisinha. Agora tem um...

DR - Há quatro anos você vai lá toda semana?

DM - Toda semana. Acontece que agora aparece sempre uma, duas falando... uma, duas falando sempre elas falam. Quer dizer... agora noto outra coisa sempre gente jovem, né? Aquela que eu falo que que discute sexo com o amigo, que fala sobre sexo. Enquanto que eu digo sempre que na minha geração não se falava nem com o marido, quanto mais com os outros. Quer dizer, mãe não falava com os filhos, né? E também isso, também eu estou lutando que as pessoas de mais idade falam que falam com os filhos sim. Essa então foi uma modificação muito grande. Todas pessoas de mais idade, sempre que eu pergunto ela diz. Eu digo: "Ó, não é só pra filho, é pra filha." Filha é mais difícil de falar, sabia? Porque a mãe nunca tem coragem de... parece que ela está abrindo o caminho pra filha: "Ó, pode transar." Então pra filha ainda tá mais difícil. Pro

filho elas falam, existe até um provérbio, né? Que a mãe sempre fala “Segurem suas cabras, que meu bode tá solto.”, e a verdade é essa, e elas mesmas falam esse termo que até aprendi e estou falando sempre isso, porque a mãe acha que o filho pode transar. Agora ela esquece que vai transar com quem? São as filhas das amigas dela, é todo mundo ali perto. Agora porque que aquela outra não vai aceitar que a filha dela vai transar, quer dizer, isso aí também sempre falam, né? Tanto que eu fiz aquela campanha que me chamaram, lá da Bahia, cheguei a mostrar para vocês, né?

DR - Hum, hum. Mostrou.

DM - ...o cartaz. E eles falavam que era justamente aquilo que estava entalado aqui que eu tinha que falar pras mães falarem pros filhos. Então eu fui fazer campanha por causa disso. E foi uma campanha tão boa, que ela passou no Brasil inteirinho, só não... Foi uma campanha de pôster, de fita e de vídeo, na televisão, sendo que no Brasil, aqui no Rio de Janeiro não apareceu na televisão porque um dos rapazes pediu pra não passar. Mas, no Brasil inteiro passa e passa até hoje, já tem quase dois anos... é carnaval, vai fazer dois anos agora e ela tá passando e foi premiada até na Holanda, essa campanha. Foram vários quadros, cada uma falando... eu falando sobre filho, o rapaz homossexual, uma moça falando... uma moça da Para... Eu do Rio, o rapaz falando sobre drogas, do Rio, uma moça falando que o pai também... isso também é um problema sério, os pais terem o vírus da AIDS. Pra filho, pai e mãe não tem sexo, né? Então, ela falando sobre o pai que faleceu, ela questionando a sexualidade do pai, uma moça bonita falando que pegou do namorado, e, e, o homossexual. E quando até que eu fui gravar, eu digo assim: “É, é? Todo mundo está aqui, e daqui da Bahia que que falou, sobre que assunto? Aí, ele disse: “Não, daqui de Salvador ninguém falou não. Porque aqui ninguém tem coragem de aparecer.” Quer dizer, continuamos com o mesmo problema, num lugar menor, não aparece, a pessoa não fala.

DN - E sabe que ainda tem a discriminação, né?

DM - O medo da discriminação, de ser reconhecido.

DN - Não quer ser reconhecido, não quer ser visto, né?

DM - Então, foi gente de, de, da Paraíba, do, de São Paulo, três aqui do Rio, quer dizer pra poder falar uma coisa que podia ser feito ali, né?

AP - Então, Dayse, diante do que você falou, parece que o que você acha que funciona são esses trabalhos de informação do tipo que você faz nos Postos...

DM - Direto!

AP - ...mais do que essas campanhas gerais e tal, é isso que você acha?

DM - É, eu acredito, porque... se você tem o problema com quem você vai falar? Você vê a campanha, sabe que tem ou devia fazer... vamos dizer uma pessoa que namora, como eu falei que geralmente eu namorava, natural, teve três, quatro parceiros e fica com medo “Será que ele tem?”, porque ela ouve isso fala que morre, fala em AIDS, mas ela diz: “Ai, como é que eu vou fazer isso?” Como é que ela vai fazer, ela não toma nem muito conhecimento. Agora, se ela for procurar um lugar, ela tiver coragem de chegar,

telefonar para o Disque-Aids ou telefonar para um lugar desse e conversar com alguém, ela ainda vai fazer, mas ela fica muito sozinha, é muito difícil, quer dizer, por qualquer outro motivo se ela já conhece, ela teve alguém conhecido e ela já sabe que existe um trabalho desse ela vai lá e ela acaba tendo coragem pra fazer.

DN - Esse, esse depoimento você tem ouvido também de que as pessoas ficam muito sozinhas...

DM - Ah, tem do vídeo de mulheres... Você já viu?

DN - Não, o vídeo?

DM - O vídeo de mulheres vivendo com AIDS. É uma lição de vida como aquelas meninas têm coragem. Você querendo levar agora, eu posso até te emprestar.

DN - Tá!

DM - Porque é uma lição de vida, não é?

AP - Hum, hum.

DM - Elas terem o vírus e falar... E outra coisa, perdemos agora uma daquelas meninas, ela está de blusa vermelha e ela perdeu... e é a única que fala: “Eu me considero uma pessoa feliz.”, ela fala assim mesmo. “Eu tenho AIDS e ninguém me entende, porque eu me considero uma pessoa feliz. Mas eu sou feliz, eu consegui superar.” Ela morreu agora, quer dizer, na época ela já estava... ela era bem gordinha, ela pegou do noivo e ela falece depois de seis anos.

AP - O Grupo foi... o vídeo foi feito quando, Dayse?

DM - O vídeo foi feito há uns dois an... dois anos atrás mais ou menos foi feito o vídeo de mulheres. São depoimentos, também da mesma maneira que o Grupo é, tem pessoas soropositivas e outras não, umas falam as outras não falam. Quer dizer, então, você ali você olha você não sabe quem tem e quem não tem. Só as que falam abertamente, pessoas as vezes que começam... que não iam falar que estavam e no final acabam falando: “Sim, eu sou soropositiva há um ano.” Quer dizer ela acaba... o entusiasmo de você querer, entendeu? Ajudar, acaba ela falando.

DR - Dayse está na sua hora, eu acho que a gente está... foi legal.

DM - Foi?

DR - ...ouvir você falar do Grupo (*risos*) disso tudo, entendeu ? Acho que foi...

DM - Agora, você, não sei se seria bem isso, entendeu? Você pegar uma pessoa do Grupo pra falar, apesar de que a maioria que está lá tem menos tempo do que eu, para falar da fundação do Grupo, ou... Você pegou material, né? Sobre isso ou isso não interessa.

DN - É, não, isso a gente tem, a gente tem todos os boletins, essa essa parte mais

objetiva a gente tem...

DM - Ah, tem...

DN - ... em documentos escritos, entendeu?

DM - É porque realmente está difícil agora...

DN - Quer dizer, as entrevistas dão mesmo é o sentimento em relação à coisa, a experiência que cada um tem em relação a doença, entendeu? Quer dizer, são outros, outros elementos diferentes de material escrito é, é oficial do Grupo, inclusive.

DM - É, é por isso que eu falei, a parte oficial do Grupo que devia ser mais difícil pra você conseguir.

DN - Tudo bem. OK